

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Huanderson Silva Leite

Um ecumenismo do Espírito

O diálogo católico-pentecostal como fruto da ecumenicidade conciliar

Mestrado em Teologia

SÃO PAULO
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Huanderson Silva Leite

Um ecumenismo do Espírito

O diálogo católico-pentecostal como fruto da ecumenicidade conciliar

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia sob a orientação do Prof. Dr. Ney de Souza.

**SÃO PAULO
2021**

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao Deus Uno e Trino por seu amor e misericórdia. Agradeço a força que Ele derramou sobre minha vida nos momentos mais difíceis desta jornada. Momentos em que, sinceramente, pensei que não iria conseguir, mas a graça de Deus nunca me faltou e consegui chegar até o fim deste caminho. Ofereço este trabalho para maior honra e glória do Seu nome e a serviço de todo o povo de Deus.

Agradeço à minha família, minha esposa Valéria e aos meus filhos Maria Clara e Enzo, que compreenderam minhas ausências ao longo de todo este período. Agradeço aos meus pais Anilo e Antônia, meus irmãos Talita e Weverton, por todo incentivo ao longo de meu apostolado eclesial.

Agradeço aos meus irmãos da Comunidade Ruah Adonai, que, diante de minhas ausências, não me exigiram, mas tiveram discernimento e sabedoria para assumir as minhas demandas, para que elas não prejudicassem o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à Renovação Carismática Católica do Estado de São Paulo, que, já há alguns anos, proporcionou-me a oportunidade de trabalhar de maneira direta pela causa da unidade dos cristãos. Foi justamente a partir deste trabalho que tive a inspiração para discorrer sobre esta que é uma das maiores necessidades da Igreja neste tempo: a unidade.

Por último, não menos importante, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Pe. Ney de Souza, uma pessoa sempre muito solícita, cuja produção é extremamente motivadora, que me compreendeu em situações de grandes dificuldades por que passei neste período e que me ajudou diante de todas as minhas necessidades. Gratidão eterna!!!

RESUMO

A unidade dos cristãos é um dos maiores desafios da Igreja na atualidade. Como poderão crer no Evangelho anunciado, se nossa divisão não permite a superação das diferenças em nome daquilo que nos caracteriza como cristãos, que é o amor, pois “é nisso que conhecerão que sois meus discípulos. Se vos amardes uns aos outros” (cf. Jo 13, 35). Maior do que aquilo que nos divide é o que nos une: o próprio Cristo. Ele deve ser o ponto de convergência para o entendimento de todos os cristãos. No século XX, através do movimento ecumênico, muitas pessoas incomodadas com essa situação de divisão se levantaram para lutar pela unidade, e, a partir deles e de suas iniciativas, é que surge o movimento ecumênico, um movimento que colabora e influencia de modo espetacular o Concílio Vaticano II, ainda que nos seus primórdios a Igreja Católica fosse avessa a ele. O espírito conciliar de renovação, abertura e unidade colocaram a Igreja numa posição de diálogo com a sociedade, com outras religiões e com outras expressões cristãs. A eclesiologia conciliar da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* reconhece a Igreja como Templo do Espírito Santo e realidade ornada de dons hierárquicos e carismáticos, e este dado permitirá que a Igreja Católica se coloque numa posição de diálogo com o pentecostalismo, que, por sua vez, nasce numa realidade paralela ao movimento ecumênico, mas que, por diversos fatores, dele se distancia ao longo da história. A partir de um patrimônio comum, graças a ecumenicidade conciliar, torna-se possível um “ecumenismo do Espírito” ou ecumenismo espiritual entre católicos e pentecostais e assim, talvez, nas realidades em que, nos últimos tempos, o diálogo fora mais complexo, o mesmo vai se tornando possível e, conseqüentemente, católicos e pentecostais dão ao mundo o testemunho de que unidade é possível, é obra do Espírito e desejo do Senhor Jesus (cf. Jo 17, 21).

Palavras chaves: Ecumenismo – diálogo – católicos – pentecostais – Vaticano II.

RESUME

Christian unity is one of the greatest challenges facing the Church today. As you can believe in the Gospel announced, if our division does not allow us to overcome differences in the name of what characterizes us as Christians, which is love, because “this is what they will know that you are my disciples. If you love one another ”(cf. Jn 13:35). Greater than what divides us is what unites us: Christ Himself. It must be the point of convergence for the understanding of all Christians. In the 20th century, through the ecumenical movement, many people uncomfortable with this situation of division arose to fight for unity, and it is from them and their initiatives that the ecumenical movement emerges, a movement that collaborates and influences in a spectacular way the Second Vatican Council, although in its early days the Catholic Church was averse to it. The conciliar spirit of renewal, openness and unity placed the Church in a position of dialogue with society, with other religions and with other Christian expressions. The conciliar ecclesiology of the Dogmatic Constitution *Lumen Gentium* recognizes the Church as a Temple of the Holy Spirit and a reality adorned with hierarchical and charismatic gifts, and this data will allow the Catholic Church to put itself in a position of dialogue with Pentecostalism, which, in turn, was born in a reality parallel to the ecumenical movement, but which, due to several factors, has distanced itself from it throughout history. From a common heritage, thanks to conciliar ecumenicity, an “ecumenism of the Spirit” or spiritual ecumenism between Catholics and Pentecostals becomes possible, and thus, perhaps, in the realities in which, in recent times, the dialogue had been more complex, the even it becomes possible and, consequently, Catholics and Pentecostals bear witness to the world that unity is possible, it is the work of the Spirit and the desire of the Lord Jesus (cf. Jn 17:21).

Key words: Ecumenism - dialogue - Catholics - Pentecostals - Vatican II.

Lista de abreviaturas e siglas

AL - Exortação apostólica pós sinodal *Amoris Laetitia*

Doc. Final 1 - INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE (ICCPD). **Documento 1.** Secretariado para a promoção da unidade cristã da Igreja Católica Romana e dos líderes de algumas Igrejas Pentecostais e participantes do movimentos carismáticos dentro das Igrejas Protestantes e Anglicana.

Doc. Final 2 - INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE [ICCPD]. **Documento 2.** Secretariado para a promoção da unidade cristã da Igreja Católica Romana e dos líderes de algumas Igrejas Pentecostais.

Doc. Final 3 - INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE [ICCPD]. **Documento 3.** Secretariado para a promoção da unidade cristã da Igreja Católica Romana e dos líderes de algumas Igrejas Pentecostais.

EG – Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*

EN – Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*

ES – Carta encíclica *Ecclesiam Suam*

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

MA – Carta encíclica *Mortalium Animos*

MC – Carta encíclica *Mystici Corporis*

RM – Carta encíclica *Redemptoris Missio*

UR- Decreto *Unitatis Redintegratio*

UUS – Carta encíclica *Ut Unum Sint*

VS – Carta encíclica *Veritatis Splendor*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – A natureza ecumênica da Igreja.....	15
Introdução	15
1.1.1- As raízes do movimento ecumênico	16
1.1.2 - Ecumenismo e catolicismo pré-conciliar	24
1.1.3 - Antecedentes pré-conciliares.....	27
1.2.1 - A ecumenicidade conciliar	18
1.2.2 - A eclesiologia relacional da <i>Lumen Gentium</i>	38
1.2.3 – Unitatis Redintegratio: avanços, perspectivas.....	46
Capítulo 2 – Desdobramentos ecumênicos Pós Vaticano II.....	52
Introdução	52
2.1.1- O desenvolvimento no Magistério pós conciliar	53
2.1.2 - O diálogo como metodologia para as relações ecumênicas	64
2.1.3 - Elementos pneumatológicos conciliares	71
2.2.1 - A Pentecostalidade como princípio constitutivo da Igreja	76
2.2.2 - A dimensão carismática da Igreja	83
2.2.3 - Os carismas – Da cessação à restauração	88
2.2.4 – Um “retorno” ao Cenáculo.....	98
Conclusão do capítulo.....	101
Capítulo 3 – Pentecostalismo e catolicismo, diálogo possível?.....	103
Introdução	103
3.1.1 – As características do movimento pentecostal	104
3.1.2 – Antecedentes do movimento pentecostal	108
3.1.3 – As origens do pentecostalismo moderno	114
3.2.1. – Pentecostalismo entre católicos – Possível via de unidade?	121
3.2.2 - As contribuições do diálogo bilateral.....	128

3.2.3 -. Plataformas de unidade	138
Conclusão do capítulo.....	143
CONCLUSÃO.....	146
Referências	151

INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II, a partir da inspiração do Papa João XXIII, entendeu que a Igreja tinha necessidade de um *aggiornamento*, terminologia italiana que significa atualização. Após séculos de reclusão e confinamento numa eclesiologia exclusivista e autorreferenciada, a Igreja se vê diante da necessidade de olhar para si e perguntar: quem és? Diante da necessidade de um retorno às suas fontes, a Igreja se volta para aquilo que é essencial em sua identidade. Dessa forma, o Concílio Vaticano II torna-se um fôlego novo para uma instituição bimilenar que em alguns aspectos já não conversava de maneira adequada com as realidades do tempo moderno/contemporâneo. A Igreja Una, na qual a Igreja Católica subsiste, encontra-se dividida, e esta divisão é um escândalo para o mundo e prejudica a mensagem do Evangelho.

O contexto histórico, político, cultural e social do século XX, principalmente após as duas grandes guerras, levaram a própria humanidade e as instituições a uma profunda reflexão acerca de si e de seu papel na sociedade e a própria Igreja seguiu também esse caminho. Foi na festa litúrgica da conversão do apóstolo Paulo, em 1959, que o Papa João XXIII anunciou a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Neste tempo, já tinha sido constituído o Conselho Mundial de Igrejas e já havia sido promulgada a Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Assembleia Geral da ONU.

A atitude do Papa João XXIII foi uma atitude profética. Ele era visto como uma espécie de Papa de transição, mas não se deixou abater por nenhum tipo de limitação, e assim conduziu a Igreja para um novo posicionamento, a fim de sair de uma situação de fechamento que vinha desde a Idade Média. Falando de maneira análoga, qualquer ambiente físico que fique fechado por um tempo demasiado embolora, mofa e não há dúvidas de que séculos de isolamento e fechamento, fruto muitas vezes de uma postura intransigente, autorreferenciada e eclesiocentrada, produziram uma distância muito grande entre a Igreja Católica e outras comunidades eclesiais, bem como com outros setores da sociedade.

Não existe unidade sem ação do Espírito Santo, pois o Espírito Santo é promotor de unidade por excelência. João XXIII, desde o anúncio da realização

do concílio, tratava a unidade dos cristãos como um dos principais temas conciliares. O caráter dialogal e relacional marcará os documentos conciliares. O evento em si colocará a Igreja Católica em novo posicionamento e a constatação desse fato se vê no Magistério subsequente, que permanece no mesmo propósito de trabalhar pela unidade dos cristãos, cada qual a seu modo.

No capítulo primeiro, será trabalhada a natureza ecumênica da Igreja. As raízes do movimento ecumênico serão visitadas e relacionadas com os antecedentes pré-conciliares em âmbito católico, para fundamentar a rejeição da Igreja Católica a esta temática embasada na Teologia vigente que afirmava consistir o ecumenismo na acolhida daqueles que se afastaram da Igreja Católica, teologia esta chamada de Teologia do Retorno.

Na segunda parte deste capítulo, serão abordadas as questões ecumênicas que influenciaram o Concílio Vaticano II, seja na sua preparação, seja na redação dos principais documentos. O entendimento de que a Igreja já não dialogava de maneira adequada com o sujeito moderno numa sociedade pluralista fará com que os trabalhos conciliares sejam conduzidos numa perspectiva de diálogo motivado pela proposta de retorno às origens, a partir da contribuição de vários movimentos: o movimento leigo, litúrgico, missionário e, especificamente, aquele nascido fora da Igreja Católica, o movimento ecumênico.

Com o Vaticano II, uma eclesiologia renovada permeará a redação dos principais documentos como a *Lumen Gentium*, tornando-se fundamental para os tempos que estariam por vir e entendendo essa eclesiologia também como uma eclesiologia relacional. A compreensão de Igreja como “comunhão” se encontra na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e tratará a Igreja numa perspectiva trinitária. O Decreto *Unitatis Redintegratio* afirmará logo no primeiro parágrafo que um dos principais objetivos do concílio é a promoção da unidade dos cristãos. Providencialmente *Unitatis Redintegratio* e *Lumen Gentium* foram promulgadas na mesma ocasião, a 21 de novembro de 1964.

Esse é o contexto que, podemos afirmar, motiva a unidade dos cristãos: uma Igreja que se autocompreende de uma forma antiga, mas também nova,

uma realidade de comunhão que se coloca na perspectiva de ir ao outro para favorecer a unidade do Corpo, ainda que transcorridos mais de 50 anos do Concílio Vaticano II, em muitas regiões do mundo, os avanços foram expressivos e, em outras realidades como a América Latina, inclusive no Brasil, percebe-se que as iniciativas ainda são muito tímidas e o desenvolvimento beira algo embrionário diante dos desafios existentes. Posições tão profundas embasadas na prática do Evangelho por vezes sofrem uma grande rejeição em nome de uma pseudo apologética, que tende a um discurso reducionista em relação aos cristãos de outras expressões cristãs. O caminho de unidade só passa a ser possível quando a Igreja resgata a bela visão a respeito de si mesma e se coloca numa perspectiva dialogal, misericordiosa e irmã, e já não mais se impõe como proprietária da verdade e, sim, como anunciadora.

Na terceira parte deste capítulo, a questão ecumênica no Magistério conciliar será desenvolvida bem como o diálogo como metodologia para as relações ecumênicas. No último ponto deste capítulo, será trabalhada a carismaticidade da Igreja, pois esta pneumatologia torna-se então uma espécie de ligação para com o próximo capítulo, uma vez que o Vaticano II não traz consigo somente uma renovação eclesiológica, mas também pneumatológica, que insere a Igreja na missão de reconhecer a diversidade que o Espírito realiza a partir dos inúmeros serviços e ministérios. A Igreja do Vaticano II, influenciada pelo caráter dialogal e pela eclesiologia de comunhão, utilizou o diálogo para buscar, nas coisas essenciais, a unidade; nas coisas não essenciais, a liberdade; em todas as coisas, a caridade. Essa fórmula que posicionou a Igreja Católica de maneira diferenciada ante os ortodoxos e as igrejas da tradição da Reforma, a partir de então a colocará ante o desafio de seguir a mesma linha com os pentecostais, com quem os desafios são complexos, mas que, ao mesmo tempo, já se pode notar grandes avanços estabelecidos ao longo das últimas cinco décadas.

Na primeira parte do capítulo II, a pentecostalidade será abordada como princípio constitutivo da Igreja, e não somente de uma parte dela, neste caso referindo-me ao pentecostalismo. Na sequência, as manifestações carismáticas no cristianismo primitivo e nos Padres da Igreja, para fundamentar que as manifestações carismáticas do Espírito, muito presentes nos primórdios da

Igreja, sempre a acompanharam, ainda que teorias cessionistas quisessem dizer o contrário. Tal fato comprovará que essas manifestações não são exclusivas de uma ala específica e exclusiva do cristianismo, como alguns setores do pentecostalismo reivindicam. Ainda no capítulo II, na mística católica, será trabalhado o pedido de um retorno a uma “devoção” ao Espírito, e assim será feita uma ponte com as origens do pentecostalismo católico que, por sua vez, surge também na década de 60 do século XX, já no contexto pós-conciliar.

No terceiro capítulo, será trabalhada a gênese do pentecostalismo, seu desenvolvimento e o pentecostalismo entre católicos, denominado de Renovação Carismática Católica e as possíveis contribuições para com a causa ecumênica. O movimento pentecostal tem sua origem praticamente no mesmo período do movimento ecumênico, porém, em alguns setores, com características completamente distintas deste, uma vez que é caracterizado por posicionamentos sectários. Na última parte do capítulo III, será desenvolvida uma explanação sobre as seis fases do diálogo católico-pentecostal ao longo dos últimos 50 anos, conforme segue:

- 1ª fase: A concepção da experiência do batismo no Espírito Santo e a iniciação cristã;
- 2ª fase: A fé, a experiência religiosa e o falar em línguas;
- 3ª fase: Perspectivas sobre koinonia e comunhão cristã;
- 4ª fase: Evangelização, proselitismo e testemunho;
- 5ª fase: Conversão, iniciação cristã e discipulado;
- 6ª fase: Carismas na vida e missão da Igreja.

O trabalho de quase cinquenta anos desta comissão bilateral apresentamos os resultados de pontos comuns entre católicos e pentecostais, incentivando ambas as realidades a focarem mais os pontos semelhantes do que aqueles que são distintos. Por fim, uma abordagem sobre as plataformas de unidade entre católicos e pentecostais que nascem já com o objetivo de serem instrumentos para a unidade dos cristãos.

O presente trabalho visa o entendimento do Concílio Vaticano II como um evento ecumênico, não somente pela sua universalidade, tampouco pela influência do movimento ecumênico ou pela participação dos delegados de outras expressões cristãs, mas pela sua abertura e diálogo com outras comunidades eclesiais. Ligado a essa questão, será trabalhado a compreensão de que o diálogo católico-pentecostal é um fruto dessa ecumenicidade conciliar e do Magistério conciliar. A partir da Eclesiologia do Concílio Vaticano II, serão destacados os elementos de diálogo e abertura que favoreçam e estimulem o diálogo ecumênico, bem como serão identificados pontos de convergência que estimulem um Ecumenismo do Espírito ou ecumenismo espiritual entre católicos e pentecostais diante das dificuldades e desafios que se levantaram ao longo do último século.

CAPÍTULO I – A NATUREZA ECUMÊNICA DA IGREJA

Introdução

No Evangelho de João, capítulo 17, Jesus irá expressar em sua oração sacerdotal o desejo de que todos sejam um (cf. Jo17,21). No segundo milênio, a Igreja cristã se viu dividida após dois grandes cismas, o do Oriente, no século XI, e o do Ocidente, com a Reforma Protestante no século XVI. No Século XX, vê-se ainda mais fragmentada com o surgimento de diversas expressões pentecostais que reivindicam para si a autenticidade da experiência de Pentecostes. Embora os pentecostais não tenham se originado a partir de uma realidade cismática, grande é o desafio de comunhão para com eles, considerando o posicionamento sectário assumido por muitas realidades deste segmento.

A Igreja de Jesus, por natureza, é una, e não uniforme. Chamada à unidade e à comunhão, respeitando a diversidade e a pluralidade, tem experimentado, nos últimos séculos, uma realidade de fragmentação que tem prejudicado claramente o anúncio do Evangelho, pois, como crerão naquilo que anunciamos, se estamos completamente divididos?

Neste primeiro capítulo, abordo a natureza ecumênica da Igreja e sua vocação à unidade, desejo do Cristo, motivado pelo Espírito Santo, que é promotor de unidade. No século XVIII, houve ensaios de unidade que culminaram no surgimento do movimento ecumênico no século XX. Este movimento será um dos movimentos que influenciarão a realização do Concílio Vaticano II. Muitas são as iniciativas de unidade, e o Espírito Santo é o ecumenista por excelência, e, conseqüentemente, toda iniciativa de unidade é animada por Ele; porém, considerando o grande desafio em relação aos pentecostais, é que proponho como tema deste trabalho um ecumenismo do Espírito, pois, numa realidade tão fragmentada, o auxílio da graça é indispensável para que esta ação obtenha êxito.

Em âmbito católico, é importante considerar que o contexto antecedente ao concílio é de grande rejeição à temática do ecumenismo; porém, uma análise do sujeito moderno permitirá à Igreja verificar que ela já não falava ao

mundo de maneira adequada. O modelo de Igreja da cristandade, fixado num sujeito rural, numa família de base patriarcal, preso a um eclesiocentrismo, fechada em sua realidade também não favorecia a evangelização de maneira adequada.

1.1.1 - As raízes do movimento ecumênico

Para Wolff, “o termo ecumenismo é a tradução portuguesa do conceito grego *oikoumene*, encontrado pela primeira vez em Heródoto no século V e que designa a terra habitada no sentido geográfico”¹. Desse sentido, se passa ao de “habitantes da terra”, indicando toda a humanidade. Para os gregos, o elemento que unifica a *oikoumene* é a cultura helênica. Os romanos traduzem esse termo como *ecumene*, colocando como elemento unitivo a ordem jurídica, a organização política do *orbis romanus*. No Antigo Testamento, encontramos o termo na tradução dos LXX, nos salmos e no Profeta Isaías, e no Novo Testamento o termo aparece 15 vezes.

O movimento ecumênico foi criado com a finalidade de aproximar e possibilitar o diálogo entre os cristãos e as Igrejas. Este movimento nasce no século XIX e se consolida no século XX. Dentre todos os movimentos que influenciaram o Concílio Vaticano II, este é o único que surge fora da Igreja Católica e, conseqüentemente, este fato deve ser considerado no entendimento do porquê de tanta rejeição ao tema em meios católicos, ainda nos tempos atuais. O desenvolvimento do movimento ecumênico vai preparando o terreno para a abertura da Igreja Católica a essa questão, embora vejamos que a visão que predominava não era nada favorável nesse sentido.

Maçaneiro afirma que:

o termo *ecumene* para os gregos designava a Terra habitada. Compreensão que o cristianismo herdou e reelaborou teologicamente. No âmbito da fé, o adjetivo ecumênico significa coparticipação salvífica, unidade, comunhão. Em uma palavra: *koinonia*. Pois toda relação “ecumênica” vincula-se à *koinonia* trinitária, sendo assim o ecumenismo se compreende na ação regeneradora e unificante que a própria Trindade exerce no

¹WOLFF, E. ECUMENISMO. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus Paulinas, 2015. p. 323.

mundo pela mediação da Igreja primeiramente, mas também além da Igreja.²

Forte afirma que:

o caminho do ecumenismo e da catolicidade corresponde a nostalgia de unidade que, ainda que em forma ambígua e complexa, se apresenta nos processos de globalização: se o ecumenismo moderno nasce nos inícios do século XX da experiência do escândalo de anunciar separadamente o Evangelho da reconciliação nos países de missão, a instância de reconciliação entre os cristãos torna-se hoje mais urgente do que os processos de descristianização do Ocidente e do que a necessidade de uma nova evangelização³.

O movimento ecumênico surge a partir de uma hermenêutica em que pessoas movidas pelo Espírito Santo entenderam que a divisão entre os cristãos é um escândalo que prejudica claramente o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. Como crerão naquilo que anunciamos se estamos divididos? Nas terras de missão, percebia-se que o Evangelho do amor e da reconciliação não alcançava de maneira devida os corações, devido à contradição daquilo que era anunciado, pois como pode o amor não ser capaz de superar as diferenças? Onde se regava a semente do distanciamento e da divisão, este movimento foi conquistando terreno e se tornou um movimento de extrema importância para o Concílio Vaticano II e para o cristianismo de uma forma geral.

Um caminhar histórico de pouco mais de um século e meio nos leva a perceber um certo movimento de convergência a todo esse mover de unidade que culminará com o Concílio Vaticano II. Nesse período, pessoas com o coração desejoso de unidade e iniciativas que vão na mesma linha vão surgindo preparando o caminho para aquilo que será semeado no concílio.

Os pioneiros no caminho de unidade foram o batista William Carey (1761-1834); os calvinistas Adolphe Monod, criando instrumentos de diálogo e de comunhão, como a Aliança Evangélica (Londres, 1846); as associações cristãs de moços e moças (Inglaterra e EUA, na década de 1840); a Federação

²MAÇANEIRO, M. O caminho ecumênico: Teologia e percurso. In: ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (Org.) **As janelas do Vaticano II A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida: Santuário, 2013. p. 307.

³FORTE, B. **Para onde vai o cristianismo?** São Paulo: Loyola, 2003. p. 54.

Mundial de Estudantes Cristãos (Inglaterra,1895); os movimentos Vida e Ação (1925) e Fé e Constituição (1937); a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (universalizada a partir de Lyon, em 1935); e centros ecumênicos diversos, dos quais destacam-se o Conselho Mundial de Igrejas (Amsterdã,1948), que congrega hoje 347 Igrejas. Instrumentos que visam aproximar as diferenças, reconciliar as divergências, fortalecer as aspirações por comunhão. Em 1920, o patriarcado ortodoxo de Constantinopla dirige uma carta encíclica a todas as Igrejas, propondo uma liga de Igrejas cristãs. No mesmo ano, a comunhão anglicana apresentou o chamado Quadrilátero de Lambeth, constituído pela Bíblia, pelo credo, pelos sacramentos e pelo episcopado histórico, como base para o restabelecimento da unidade dos cristãos⁴.

Pode-se afirmar que há um conjunto de acontecimentos que favorece o desenvolvimento ecumênico no cristianismo:

Em 1806, William Carrey, começou a pensar num encontro em que participassem as diversas Confissões cristãs. Propôs então para o ano de 1810 uma reunião a realizar-se no Cabo da Boa Esperança. Um dos seus companheiros, o secretário da Sociedade Missionária Batista, não o apoiou na ideia e a reunião acabou por não se realizar⁵. Em 1854, 1888 e 1900 já se realizaram reuniões missionárias evangélicas em Londres e Nova York que tinham por escopo evitar a concorrência entre as sociedades missionárias evangélicas ou de seus mantenedores.

Na Conferência de Edimburgo (1910), “tiveram origem dois movimentos “Fé e constituição” e “Vida e ação” – que se propunham a procurar uma via de união ecumênica entre as Igrejas protestantes no campo da doutrina e da ação”⁶. Na visão de Navarro, a Conferência Missionária Mundial de Edimburgo

⁴WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 16 e 17.

⁵NAVARRO, J. B. **Para compreender o ecumenismo**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 114.

⁶DE MATTEI, R. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes&Costumes, 2013. p. 61.

“significa a aceitação do desafio que a unidade lança à ação evangelizadora das Igrejas. Trata-se de um lugar especialíssimo na origem do ecumenismo”⁷.

Dias, referindo-se a obra *El Movimiento Ecuménico* de Norman Goodall conta uma história interessante acerca dos primeiros sonhos ecumênicos:

O "pai das missões modernas", William Carey, (missionário batista inglês) propôs em 1806 convocar uma reunião de todos os cristãos no Cabo da Boa Esperança, aproximadamente para o ano de 1810, que seria seguida de reuniões semelhantes a cada dez anos. Carey fez esta sugestão numa carta a seu amigo Andrew Fuller, secretário da Sociedade Missionária Batista. Mas Fuller não viu a ideia com entusiasmo. "Isso não passa de um dos agradáveis sonhos do irmão Carey," escreveu⁸.

Para Kaiser e Pilvousek, “ainda antes da primeira guerra mundial existia um pacifismo de cunho cristão, propagado por personalidades e associações de inspiração protestante, que deveria servir de base para uma terceira corrente em prol do ecumenismo”⁹. Neste contexto em 1914 Nathan Söderblom foi promovido a arcebispo luterano de Upsala (Suécia). Ele e seus seguidores preparam a *Universal Christian Conference of Life and Work*, que foi celebrada em Estocolmo em 1925, uma assembleia massivamente evangélica que se reservou ao direito de debater questões práticas e não teológicas. A Associação *Life and Work* (Vida e Trabalho) tinha uma finalidade mais social de promover a ação social dos cristãos. Por sua vez o Dr. Brent decidiu trabalhar as questões de fé e de estrutura da Igreja. Neste sentido, a primeira conferência de *Faith and Order* (Fé e Constituição) aconteceu de 3 a 21 de agosto de 1927 em Lausana. *Faith and Order* falava também de princípios do ecumenismo, entre eles que não se deviam abandonar as próprias convicções eclesiais, o que é extremamente necessário para um diálogo harmonioso e que cada qual devia falar em nome da sua igreja.

⁷ NAVARRO, J. B. **Para compreender o ecumenismo**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 123.

⁸ DIAS, Z. M. **O movimento ecumênico: história e significado**. Numem Revista de estudo e pesquisa da religião, Juiz de Fora, p. 134, Julho-Dezembro 1998. Apud: N. GOODALL, **El Movimiento Ecuménico: Qué es y para que trabaja?**, Buenos Aires: La Aurora, 1970, p.15.

⁹ KAISER, J.C.; PILVOUSEK, J. História da Igreja no século XX. In: KAUFMANN, T. et al. **História ecumênica da Igreja**. São Paulo: Paulus; Loyola; Sinodal, 2017. p. 274.

Em 1914 foi fundada em Constança (Alemanha) a Aliança Universal para a Amizade Internacional através das Igrejas. Noventa delegados de quinze países se reuniram em Genebra, em 1920, sob a direção do Arcebispo luterano de Upsala (Suécia), Nathan Söderblom, apoiado, dentre outros, pelo metodista norte-americano John R. Mott, para organizarem uma conferência mundial sobre essas questões. Convém destacar que as igrejas europeias, especialmente a da Alemanha, reagiram ao convite com bastante relutância. Em 1914 ainda surgiria como fruto desse encontro, em Londres, a Liga mundial pela cooperação internacional amigável das Igrejas. A liga tinha por objetivo o cultivo da solidariedade justamente durante a guerra que acabara de eclodir. É justamente a Liga mundial pela cooperação internacional que dará origem a Conferência sobre “Cristianismo Prático” e que por sua vez deu origem ao Movimento de “Vida e Ação” e que se realizou em Estocolmo (Suécia) em 1925 e que contou com a participação de 661 delegados provenientes de 37 países, representando todas as grandes denominações cristãs, com exceção da Igreja católica Romana.

Em âmbito católico, no campo da Teologia teremos as significativas contribuições de Johann Adam Möhler (1796-1838) com a obra *Symbolica* (1832), John Henry Newmann (1802-1890) com a obra *Apologia pro vita sua* (1864) e Yves Congar com a obra *Chrétiens Désunis* (1937). Aos poucos as instâncias ecumênicas foram penetrando no seio da Igreja Católica, tendo encontrado uma das suas primeiras expressões no Barão Friedrich von Hügel, cujas cartas a sobrinha anglicana constituíram, nas palavras de Georges Tavard, um modelo de correspondência ecumênica¹⁰.

As Primeiras intuições ecumênicas na Igreja católica, timidamente, acontecem a partir do século XVIII. São iniciativas que nascem a partir de corações incomodados com a situação de divisão e que há seu tempo vão oferecendo contribuições extremamente importantes ainda que surgissem como uma voz que clama no deserto.

¹⁰DE MATTEI, R. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes&Costumes, 2013. p. 62. Apud. Cf. TAVARD, G., *Petite histoire Du mouvemento ecuménique*, Éditions Fleures, Paris, 1960, p. 159.

Entre 1921 e 1926, e por iniciativa de Lord Halifax e do Padre Fernand Portal, lazarista francês, tiveram lugar na Bélgica alguns encontros officiosos entre católicos e anglicanos, conhecidos pela designação de Conversações de Malines, porque se fizeram na casa do Cardeal Mercier que os patrocinou¹¹, porém “nelas ocorreu o choque de concepções em relação ao papel do Papa e se tornaram malvistas pelos católicos ingleses”¹², conforme afirma Mondoni. Em Paris, aconteciam encontros privados entre católicos, ortodoxos e protestantes, com o objetivo de encontrar convergências em argumentos teológicos e filosóficos. Um dos participantes nestes encontros era o jovem padre dominicano Yves Congar, que, com base neles, viria a escrever *Chrétiens desunis* (1937) e *Esquisses Du mystère de l'Église* (1941)¹³.

Outro personagem importante para o ecumenismo na Igreja Católica foi um sacerdote de Lyon, chamado Paul Couturier que em 1932, durante estadia em Amay, descobriu a sua vocação ecumênica. Em 1908, Lewis Wattson, um anglicano convertido ao catolicismo, tinha difundido um “oitavário” de orações pelo regresso à Igreja dos irmãos separados. O Padre Couturier decidiu introduzir esse oitavário em sua comunidade, não com a mentalidade que prevalecia até então, mas criando uma unidade espiritual entre as diversas confissões religiosas. Do seu ponto de vista o ecumenismo era uma “convergência” para Cristo, no qual podiam encontrar-se todos os cristãos, independente da Igreja a qual pertencessem¹⁴.

Sobre os pensamentos de Congar, Barthe afirma:

Chrétiens desunis, o primeiro volume de uma nova coedição da Unam Sanctam, fundada junto das Éditions Du Cerf, propunha um novo “ecumenismo católico” que combinava habilmente

¹¹DE MATTEI, R. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes&Costumes, 2013. p. 62. Apud. Cf. AUBERT, R. *Les conversations de Malines. Le Cardinal Mercier et le Saint-Siège*, in *Bulletin de la Classe des Lettres et des Sciences Morales et Politiques*, 3 (1967), pp. 87-159.

¹² MONDONI, D. **E os cristãos se dividiram - Das reformas ao Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2015. p. 175.

¹³DE MATTEI, R. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes&Costumes, 2013. P. 64.

¹⁴DE MATTEI, R. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes&Costumes, 2013. p. 63. Apud. Cf. SPINAUTI, S., *Ecumenismo*, Centro *Ut unum sint*, Roma, 1982, pp. 59-63.

propostas ortodoxas (como por exemplo a ideia de que as igrejas dissidentes tinham conservado alguns princípios da verdadeira Igreja, ou de que as almas podem santificar-se no seio destas confissões, a despeito das mesmas) com outras manifestamente heterodoxas (como a ideia de que as igrejas dissidentes são, embora em medida diferente da Igreja Católica, verdadeiras igrejas, ou de que as almas podem santificar-se no seu seio graças a elas)¹⁵.

Os católicos ecumenistas dos anos 40 e 50 pretendiam alargar o conceito de Corpo Místico a todas as igrejas cristãs, entendendo-o em sentido lato e “pneumático” e prescindido da dimensão jurídica e institucional da Igreja Católica. Congar em particular sofre a influência do teólogo alemão Johann-Adam Möhler, cuja obra principal *Die Einheit in der Kirche*, publicou em 1938 na coleção *Unam Sanctum*. Nesta obra, Möhler enfatiza o papel do Espírito Santo como princípio vital da Igreja, de acordo com o princípio de que “a constituição da Igreja não é nada mais do que o amor corporizado”¹⁶. Estas reflexões propuseram uma concepção de unidade eclesial que superava a perspectiva institucionalista, jurisdicista e visibilista da eclesiologia da sociedade perfeita vigente na Igreja católica neste período.

Para Maçaneiro o ecumenismo tem alcance universal, não por estratégia ou vontade humana, “mas porque o Evangelho de Jesus é universal, bem como a comunidade messiânica que ele fundou. A proposta de unidade é essencial à identidade cristã”¹⁷. Sant’Ana afirma que

Não há dúvida de que, enquanto a Cristandade for formada por igrejas diferentes que se opõem mutuamente, ela estará negando na prática o que confessa teologicamente: a unidade e singularidade de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Pode haver boas razões para existirem essas divisões. Pode haver sérios obstáculos para que elas sejam eliminadas. Pode haver muitos motivos para explicar essas divisões e para

¹⁵DE MATTEI, R. D. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambient&Costumes, 2013. p. 65. Apud Cf. BARTHE, C. *Trouvera-t-il encore la foi sul a terre? Une crise de l’Église, histoire et questions*, François-Xavier de Guibert, Paris, 2006 (3ª ed.), pp. 51-52.

¹⁶DE MATTEI, R. D. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambient&Costumes, 2013. p. 65. Apud Cf. MOHLER J. A. *L’Unité dans l’Église*, Cerf, Paris, 1938, p. 206. Cf. igualmente BOURRAT, P. *Ce que Lumen gentium doi à Möhler*, in *L’unité spirituelle Du genre humain*, pp.65-89.

¹⁷MAÇANEIRO, M. **O caminho ecumênico: Teologia e percursos**. In: ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (ORG) **As janelas do Vaticano II A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida: Santuário, 2013. p. 307.

mitigá-las. Mas tudo isso não altera o fato de que toda divisão é, como tal, um profundo enigma, um escândalo¹⁸.

No final dos anos 30 do século XX, os grandes grupos ecumênicos tinham estreitado a tal ponto as relações entre si que resolveram formar finalmente um conselho Ecumênico das Igrejas, com sede em Genebra. O Conselho Mundial das Igrejas será constituído em 1948, porém na reunião ecumênica da Utrecht em 1938 já tinha se decidido pela sua criação que deveria ter acontecido na assembleia geral de agosto de 1941 e acabou sendo adiada devido à segunda guerra mundial. A propósito a ascensão dos regimes totalitaristas antecipou a necessidade dos cristãos de conjuntamente darem testemunho em meio ao caos da guerra e neste sentido, para Mondoni, “a ecumenicidade precede o ecumenismo, uma vez que as mobilizações, os êxodos e os campos de concentração favorecerão o reencontro”¹⁹. Sendo assim o estatuto do conselho Ecumênico aprovado em 1937 acabou por absorver o conselho Ecumênico para um cristianismo prático que a priori fora denominado como “Comissão provisória de um Conselho ecumênico. Já em 1938 definiu-se a expressão que deveria tornar-se a base do Conselho Ecumênico das Igrejas, fundado enfim em 23 de agosto de 1948. Para Kaiser e Lousevik,

o conselho foi criado como “uma comunidade de Igrejas” e não de pessoas ou entidades confessionais que reconhecem Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador. O termo “comunidade” foi utilizado propositalmente, para permitir sem conflitos a adoção de um meio-termo entre “super igreja” e uma mera sociedade de interesse²⁰.

Para Dias, o Movimento Ecumênico de origem protestante, mas que posteriormente englobará a participação das Igrejas Ortodoxas e contará, após o Concílio Vaticano II (que finaliza suas atividades em 1965), com a colaboração da Igreja Católica Romana, vai expressar-se durante o século XX “como resultado de uma série de movimentos que se desenvolvem, a partir do

¹⁸SANT’ANA, J. D. **Ecumenismo e Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 72.

¹⁹ MONDONI, D. **E os cristãos se dividiram - Das reformas ao Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2015. p. 176.

²⁰ KAISER, J.C.; PILVOUSEK, J. História da Igreja no século XX. In: KAUFMANN, T. et al. **História ecumênica da Igreja**. São Paulo: Paulus; Loyola; Sinodal, 2017. p. 276.

século XX, em torno de três eixos essenciais à vivência das Igrejas: a *missão*, a *ação* e a *doutrina*".²¹

Embora sejam grandes os desafios ecumênicos nas questões doutrinárias, na missão e na ação vislumbram-se nestes campos a oportunidade dos cristãos darem grandes testemunhos acerca da missão conjunta.

1.1.2 - Ecumenismo e catolicismo pré-conciliar

Na Igreja Católica, os antecedentes pré-conciliares foram de muita rejeição a causa ecumênica. Além das feridas pela ruptura ocorrida no século XVI, temos ainda quatro séculos de mútuas agressões, busca por culpados e a alimentação de uma Teologia do Retorno que era muito presente no discurso católico e que certamente gerava desconforto no meio protestante.

Do início do movimento ecumênico na forma hoje conhecida (1910), até meados do século XX, a Igreja católica não demonstrou simpatia com a sua proposta. Na postura católica de resistência ao ecumenismo, fatores culturais alimentadores do preconceito mútuo entre católicos e protestantes, mesclavam-se com fatores teológicos, como a concepção da Igreja e de sacramentos. Pesava o fato de o ecumenismo ter origem no meio protestante, com as marcas eclesiológicas e espirituais desse, e a conseqüente concepção de unidade na fé compatível com uma diversidade institucional na Igreja, o que se contrapõe frontalmente à tendência uniformista do catolicismo. O próprio termo "ecumenismo" não encontrava nos meios católicos a compreensão que assumia no interior do movimento ecumênico²².

Mesmo com a proposição de um discurso mais arredo, verificamos que, ainda de maneira tímida, ocorreram no catolicismo algumas iniciativas de cunho teológico a favor do ecumenismo. O magistério católico se recusou por diversas vezes a participar de momentos ecumênicos, diante da Teologia vigente, a ideia era que por parte da Igreja, o máximo que poderia ocorrer seria a acolhida daqueles que do seio da Igreja se afastaram. Em relação as Igrejas ortodoxas é oportuno ressaltar que em 1919,

o Patriarcado ecumênico de Constantinopla resolveu convidar todas as igrejas para a fundação de uma Liga das Igrejas. No

²¹TEIXEIRA, F.; DIAS, Z. M. **Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso A arte do possível**. Aparecida: Santuário, 2008. p. 27.

²²WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 23.

movimento com objetivos ecumênicos, as influências ortodoxo-cristãs produziram efeitos, de modo especial, nas áreas ligadas à fé e constituição eclesial. A Igreja católica romana recusou-se a participar oficialmente do movimento ecumênico a partir da conferência sobre fé e constituição eclesial, realizada em 1927. A encíclica *Mortalium Animos*, de 1928, teve a finalidade de justificar essa ausência²³.

A Encíclica *Mortalium Animus*, estava profundamente impregnada pela Teologia do retorno, esta encíclica vem esfriar qualquer iniciativa ecumênica por parte da Igreja Católica. As investigações de Johan Ickx no Arquivo Secreto do Vaticano mostraram que, com esta encíclica Pio XI pretendia atalhar não apenas as Conversações de Malines entre católicos e anglicanos e as aberturas aos gregos cismáticos do Padre Beauduin, mas também o surgimento de uma “alta igreja alemã” que propunha a unificar numa única igreja ecumênica as chamadas três grandes confissões cristãs: o protestantismo, o catolicismo e a igreja ortodoxa grega²⁴.

É preciso então, concluem eles, esquecer e desviar as controvérsias, mesmo as mais antigas, e as divergências de doutrina, que ainda continuam a dividi-los hoje, e, com as outras verdades doutrinárias, propor e estabelecer uma certa regra de fé comum; nesta profissão de fé, muito mais do que eles acreditariam, eles se sentirão verdadeiros irmãos; depois, as diversas igrejas ou comunidades, uma vez unidas numa sorte de federação universal, se tornará possível lutar energicamente e vitoriosamente contra os progressos da impiedade” (MA 9).

A linguagem utilizada na Encíclica tem um caráter exclusivista. Pio XI não vê nas outras expressões cristãs uma verdadeira religião: “Não existe verdadeira religião fora daquelas que repousa sobre a Revelação Divina” (MA 7). Em relação a *Mortalium Animos*, Wolff destaca que

Os fiéis católicos foram proibidos de participar no movimento ecumênico. O Papa Pio XI, na Encíclica *Mortalium Animos* (1928), chamou os ecumenistas de *panchristiani* e afirmou que “a Sé Apostólica não pode, de modo algum, participar das suas reuniões, e de nenhum modo os católicos podem aderir ou

²³ KAISER, J.C.; PILVOUSEK, J. História da Igreja no século XX. In: KAUFMANN, T. et al. **História ecumênica da Igreja**. São Paulo: Paulus; Loyola; Sinodal, 2017. p. 278.

²⁴DE MATTEI, R. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes&Costumes, 2013. p. 64. Apud Cf. ICKX, J. *L'enciclica Mortalium Animus (1928); sfidestoriografiche in base al nuovo materiale archivistico dela Santa Sede*, SEMERARO, C. (org.), *La sollecitudine ecclesiale di Pio XI ala luce dele nuove fonti archivistiche*, Atas do Congresso Internacional de Estudo, Cidade do Vaticano, 26-28 de fevereiro de 2009, Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano, 2010, pp. 320-327.

ajudar tais tentativas”. O Santo Ofício, em decreto de 08 de julho de 1928, respondeu *non licet* à consulta: “se é permitido aos católicos assistirem, ou interessarem-se por reuniões (*uno religionis fodere*) todos aqueles que, de alguma forma, reivindicam o nome de cristãos”²⁵.

Percebe-se no texto uma eclesiologia completamente centrada o que era compreensível para o contexto no qual ela foi escrita.

“O corpo místico de Cristo, isto é a Igreja, é único, homogêneo e perfeitamente articulado, à maneira de um corpo físico; é, portanto, ilógico e ridículo pretender que o corpo místico possa ser formado por membros espalhados, isolado uns dos outros; em sequência, qualquer um que não esteja unido, não pode ser um de seus membros, nem soldado à sua cabeça, que é o Cristo” (MA 3).

A condenação a qualquer esforço de unidade é expresso tantos nas palavras, bem como aqueles que fazem parte de tais iniciativas:

Esforços semelhantes não têm qualquer direito à aprovação dos católicos, pois se baseiam nessa opinião errada de que todas as religiões são mais ou menos boas e louváveis, neste sentido de que elas revelam e traduzem todas igualmente – embora de uma maneira diferente - o sentimento natural e inato que nos leva a Deus e nos inclina com respeito diante de seu poder. Além de se perderem em pleno erro, os participantes dessa opinião repelem com o mesmo golpe a religião verdadeira; eles falsificam sua noção e se dirigem pouco a pouco para o naturalismo e o ateísmo. É perfeitamente evidente que se trata de abandonar inteiramente a religião divinamente revelada e se unir aos partidários e propagandistas de tais doutrinas (MA 3).

Em 1943, o Papa Pio XII na *Mystici Corporis* conclama também a oração pela unidade e desenha-se assim uma pequena abertura ao tema:

Desejamos também vivamente que essas orações abracem com ardente caridade tanto aqueles a quem não raiou ainda a luz do Evangelho, nem entraram no redil seguro da Igreja, como os que um triste dissídio na fé ou na unidade separa de nós, que embora indignos; representamos a pessoa de Jesus Cristo na terra. Repitamos aquela oração divina do Salvador ao Pai Celeste: "Que todos sejam um, como tu, ó Pai, em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós: para que o mundo creia que tu me enviaste (Jo 17,21) (MC 99).

²⁵ WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 24.

Wolff afirma que na enciclopédia *catholica* de 1950 encontra-se uma proibição explícita e categórica aos católicos de participarem do movimento ecumênico ao enfatizar que “para os católicos, são proibidas as vias do ecumenismo no sentido originário do termo”²⁶. Porém no mesmo ano registra-se o primeiro pronunciamento positivo do magistério sobre o movimento ecumênico virá na Instrução do Santo ofício, *Ecclesia catholica* (20 de setembro de 1949)

Em diversas partes do mundo, quer em virtude dos acontecimentos exteriores e da mudança das disposições dos fiéis, o desejo de que todos os que crêem em Cristo Senhor Nosso voltem a unidade tornou-se mais vivo de dia para dia, sob inspiração da graça do Espírito Santo, no coração de muitos homens separados da Igreja católica.²⁷

Portanto percebe-se que o ambiente era extremamente hostil a discussão ecumênica e ao diálogo no interior da Igreja católica.

1.1.3 - Antecedentes pré-conciliares

Para Souza,

os antecedentes do Concílio Vaticano II, realizado na segunda metade do século XX, resultam de um processo que remonta ao último Concílio do século XIX, o Vaticano I. O período é marcado por conflitos entre a Igreja e uma sociedade em profundas e rápidas mudanças. No século XIX, consolidava-se uma nova configuração social: capitalista, industrializada e liberal. As grandes Revoluções Francesa e Industrial, cujas bases teóricas eram do Iluminismo, projetaram o novo homem moderno²⁸.

A Revolução Francesa, em 1789, segundo Aurélio, foi traumática para a Igreja, pois significou “o triunfo da razão, da liberdade e do Estado sobre a instituição religiosa. Somente Paulo VI, séculos mais tarde, reconhecerá que os ideais proclamados naquela revolução eram cristãos”²⁹. A partir do século XVI, a irrupção de novos valores e conquistas colocou a Cristandade medieval em

²⁶WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 24.

²⁷APOLOGISTAS católicas. **apologistascaticos.com.br**, 2017. Disponível em: <<https://www.apologistascaticos.com.br/index.php/vaticano-ii/ecumenismo/968-comentario-a-instrucao-do-santo-oficio-sobre-o-movimento-ecumenico-1949>>. Acesso em: 24 Abril 2020.

²⁸MODENA, H.; SOUZA, N. A Igreja no mundo contemporâneo: os antecedentes histórico-teológicos do Concílio Vaticano II. In: SOUZA, N. (ORG). **Vaticano II história, teologia e desafios**. Curitiba: CRV, 2019. p. 22.

²⁹AURÉLIO, M. **A Igreja do Papa Francisco a luz do Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2016. p. 42

crise, mergulhando a sociedade como um todo em um profundo processo de transformação. Menos a Igreja. Suas autoridades apostavam tratar-se de modismos passageiros e insistiam na manutenção da milenar ordem sociorreligiosa estabelecida. Muitos dos valores da Modernidade, entretanto, já estavam presentes em movimentos reformadores, como o de Lutero. Mas a esses movimentos, para Brighenti, diante da intransigência da Igreja, “restaram dois caminhos: separarem-se dela ou enquadrarem-se nos parâmetros da Contrarreforma, enquanto a história, à qual pertence a Igreja, continuava seu curso a passos largos, não só sem sua contribuição como com sua oposição”³⁰. Caracteriza-se assim a ruptura entre dois mundos: o absolutismo do Antigo Regime e o início dos ensaios de democracia. Para Libânio:

Trata-se de um sujeito social diferente daquele que a Igreja católica dialogava até então. Até o Vaticano II predominava na Igreja o sujeito social pré-moderno e tradicional que vivia o dualismo natural e sobrenatural, com a acentuação da dimensão clerical e dos aspectos da visibilidade da Igreja. O termo sujeito denota a dimensão de consciência, de autoidentidade, de ação. Ele sabe quem é, o que quer, de onde vem e para onde vai. É portador de interesses econômicos, políticos, culturais e religiosos. Para Libânio o sujeito anterior construíra-se na pré-modernidade, enquanto o novo sujeito social era moderno.³¹

Este sujeito influencia o Concílio Vaticano II dentro e fora. Até o Vaticano II temos uma economia rural que retinha as pessoas presas ao lugar de nascimento e moradia, uma sociedade de base patriarcal e diversos movimentos: Bíblico, litúrgico, missionário, leigo, teológico, social e ecumênico que vão surgindo no interior da Igreja e se tornam a porta de entrada do sujeito moderno na Igreja.

Brighenti destaca que a revolução cultural desencadeada pelo humanismo e a renascença, passando depois pelo racionalismo, a revolução científica, o empirismo e o Iluminismo, “fez a passagem de uma consciência

³⁰ BRIGHENTI, A. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 16.

³¹ LIBÂNIO, J. B. (2005). **Concilio Vaticano II Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola. p. 12.

teocêntrica, típica do período da cristandade, a uma consciência antropocêntrica, característica da modernidade”³².

Wolff destaca que a separação entre a Igreja e a sociedade moderna prejudicou a ambas. Para ele

a sociedade se viu privada da enorme riqueza da tradição cristã, que oferecia valores substantivos e orientações básicas de sentido, ausentes numa cultura prisioneira do individualismo e da hegemonia do econômico, que dominaram os demais setores da vida. Por sua vez a Igreja, fechada em si mesma, perdeu em significação e pertinência para as novas gerações, incapaz de dialogar com os novos padrões culturais e proclamar sua mensagem numa linguagem e numa prática exigida pelo momento histórico³³.

Para fazer com que resplandecesse no mundo moderno a mensagem do Evangelho, de forma atual, clara e atraente, o Espírito Santo inspirou os padres conciliares, sob a liderança de João XXIII, a voltar à essência do cristianismo. Não se tratava de uma reelaboração das verdades de fé já refletidas e proclamadas ao longo dos séculos, mas de propor a mesma verdade do Evangelho de Cristo de maneira original. Pois, se a Palavra se fez carne no contexto sócio, político, cultural e religioso da Palestina do século I, ela continua a se encarnar em todas as culturas de todos os tempos por meio do testemunho dos seus discípulos³⁴.

A eclesiologia pré-conciliar privilegiara o elemento hierárquico. O Concílio recolhendo os frutos do movimento bíblico, patrístico e litúrgico, segundo Forte, recupera a perspectiva de comunhão da Igreja antiga, “caracterizada pelo primado da eclesiologia total: a unidade vem antes da distinção. A variedade ministerial funda-se e alimenta-se na riqueza pneumatológica e sacramental do mistério eclesial³⁵”.

O Vaticano II vai reconhecer direitos fundamentais do ser humano como o direito à liberdade de expressão sociorreligiosa, a valorização do indivíduo (filosofia existencialista) e o reconhecimento do valor da diferença. Segundo

³²BRIGHENTI, A. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 16.

³³WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 56.

³⁴MODENA, H. SOUZA, N. Concílio Vaticano II: O olhar da Igreja para si mesma. In: SOUZA, N. (ORG). **Vaticano II história, teologia e desafios**. Curitiba: CRV, 2019. p. 22 p. 40.

³⁵FORTE, B. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 30.

Maritain, o catolicismo possuía “a capacidade audaciosa de adaptar-se as novas condições que surgiam de repente na vida do mundo”.³⁶

Wolff destaca que

O concílio Vaticano II foi o mais ecumênico de todos, refez a rota fundamental da Igreja ao colocá-la de frente com o mundo moderno. A Igreja, que estava distante da chamada modernidade e segura de sua posição e verdade, foi capaz de reposicionar-se e elaborar uma nova doutrina sobre o mundo e sobre si mesma. De isolada do mundo, assume-se como sinal de salvação dentro do mundo; de detentora da verdade, reconhece a verdade presente nas ciências e passa a dialogar com elas; então definida como poder sagrado, passa a compreender-se como servidora da humanidade³⁷.

Essa conversão começa então a acontecer com a morte do Papa Pio XII. Após a morte de Pio XII, será eleito Papa o Patriarca de Veneza, cardeal Ângelo Giuseppe Roncalli aos seus 77 anos. Adota o nome de João XXIII e serve a Igreja entre 1958-1963. João XXIII é escolhido como um “papa de transição”, pois seus eleitores precisavam de um tempo para preparar um pontífice que substituísse Pio XII. Era conhecido como o Papa Bom.

Souza afirma que João XXIII foi o “papa da transição”

o responsável pela transição de uma Igreja sociedade perfeita para a Igreja mistério – Comunhão - Povo de Deus; de uma Igreja da cristandade para uma Igreja de volta as fontes do cristianismo; da apologia e da condenação e ao serviço ao mundo³⁸.

Como grata surpresa João XXIII fará uma análise da Igreja naquele contexto e entende que ela precisa fazer uma autoanálise crítica para compreender seu posicionamento e missão. Para ele a Igreja precisa se abrir, sair da autorreclusão para ir ao encontro e dialogar de maneira adequada com o mundo moderno. Essa abertura será entendida como um *aggiornamento* e como um Novo Pentecostes para a Igreja.

³⁶O'MALLEY, J. W. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 52. Apud cf. MARITAIN, J. *Antimoderne*, Paris, Éditions de La Revue des Jeunes, 1922. SCHLOESSER, S. *Jazz Age Catholicism: Mystic Modernism in Postwar Paris, 1919-1933*, Toronto, University of Toronto Press, 2005, 160-170 (163).

³⁷WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 7

³⁸MODENA, H.; SOUZA, N. A Igreja no mundo contemporâneo: os antecedentes histórico-teológicos do Concílio Vaticano II. In: SOUZA, N. (ORG). **Vaticano II história, teologia e desafios**. Curitiba: CRV, 2019. p. 37.

Altenmayer Junior afirma que,

João XXIII, antes mesmo do seu pontificado, já dava mostras de sua disposição ecumênica. Durante os nove anos em que foi visitador apostólico na Bulgária (1925-1934), o Bispo Ângelo Roncalli buscou realizar uma missão de paz nas relações com muçulmanos, a maioria ortodoxa e a minoria católica de rito latino e oriental. Em 1927, visitou o patriarca de Constantinopla, Basílio III, acreditando que a unidade exige “a caridade... mais do que a discussão teológica”. Depois como delegado apostólico na Grécia e na Turquia entre 1934 e 1944 e como núncio em Paris (1944-1953) continuou o esforço de boas relações entre Igrejas e religiões.³⁹

No dia 29 de janeiro de 1959 em pronunciamento João XXII convida as “comunidades separadas” a participarem do Concílio Vaticano II com a seguinte fala: “Renovamos o nosso convite aos fiéis das comunidades separadas para também elas nos acompanharem amavelmente nesta busca da unidade e da graça a qual tantas almas aspiram de todos os pontos da terra”.⁴⁰

Em 1960, João XXIII cria o secretariado para a unidade dos cristãos com a finalidade de ajudar na preparação do Concílio Vaticano II. O mesmo é presidido pelo Cardeal Bea. Este secretariado preparou para o Concílio um decreto sobre o ecumenismo num espírito de novidade. Para Libânio, “já era o sujeito moderno em ação, mostrando sua face de diálogo, de abertura ao diferente, de aceitação do pluralismo, de superação do fixismo, do sectarismo e do dogmatismo”.⁴¹ Foram convidados observadores ortodoxos, anglicanos e protestantes para participarem do Concílio.

Com o Concílio Vaticano II, João XXIII colocou a Igreja em diálogo com a cultura moderna, recuperou as riquezas da teologia patrística, renovou a noção de revelação, reafirmou a Igreja como povo de Deus, tornou o culto litúrgico mais próximo dos fiéis, promoveu o laicato e entrou em diálogo com outras comunidades cristãs e mesmo com outras religiões⁴². Um dos frutos deste espírito conciliar é a presença da Igreja católica também no Conselho

³⁹ALTENMAYER JUNIOR, F. JOÃO XXII. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus Paulinas, 2015. P. 327.

⁴⁰JOÃO XXIII. **Ad Petri Cathedram**. Vatican.va, 29 Janeiro 1959. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html>. Acesso em: 19 fevereiro 2020.

⁴¹LIBÂNIO, J. B. **Concílio Vaticano II Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 31.

⁴²MIRANDA, M. F. **A Igreja em transformação Razões atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 66.

mundial das Igrejas em 1961, onde foram retiradas as expressões antissemitas da liturgia da sexta-feira santa. Segundo França Miranda

a modernidade, nasceu de valores propriamente cristãos, reivindicando liberdade religiosa, democracia, política, direitos humanos para todos, respeito às conquistas da razão e da técnica, participação de todos na vida social, autonomia das ciências, da economia e da política, se deparou com uma Igreja fortemente hierarquizada e pouco participativa, que assumiu uma atitude crítica e fechada diante da mesma⁴³.

Diante deste espírito de renovação, celebrava-se a semana de orações pela unidade dos cristãos em 1959. Segundo Valentini

o Papa João XXIII estava em conversa informal com seu secretário, o Monsenhor Loris Capovilla. João XXIII confiou-lhe, então, que como Papa sentia a obrigação de fazer alguma coisa de especial para favorecer a união dos cristãos. E perguntou ao secretário o que poderia fazer. E ele próprio se surpreendeu com a ideia que de repente lhe veio à mente, e que ele mesmo expressou como resposta à sua pergunta: um concílio!⁴⁴

Mesmo sendo um pontificado breve, podemos dizer que foi revolucionário em muitos aspectos e determinante para uma mudança de posicionamento da Igreja católica em relação ao ecumenismo. Nada justifica a divisão, de acordo com as palavras de Sant'Ana

Não existe nenhuma justificação, nem teológica, nem espiritual, nem bíblica, para a existência de uma pluralidade de igrejas separadas neste caminho e que se excluem mutuamente umas das outras interna, e, portanto, externamente. Neste sentido, uma pluralidade de igrejas significa uma pluralidade de senhores, uma pluralidade de espíritos, uma pluralidade de deuses. Não há dúvida de que, enquanto a Cristandade for formada por igrejas diferentes que se opõem mutuamente, ela estará negando na prática o que confessa teologicamente: a unidade e singularidade de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Podem haver boas razões para existirem essas divisões. Pode haver sérios obstáculos para que elas sejam eliminadas. Podem haver muitos motivos para explicar essas divisões e para mitigá-las. Mas tudo isso não altera o fato de que toda divisão é, como tal, um profundo enigma, um escândalo.⁴⁵

⁴³MIRANDA, M. F. **A Igreja em transformação Razões atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 18

⁴⁴VALENTINI, D. **Revisitar o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 14.

⁴⁵SANT'ANA, J. D. **Ecumenismo e Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 72.

Aurélio lembra que o Vaticano II representou, em seu conjunto, a despedida de uma era eclesial.

Foi a despedida de 1500 anos de uma Igreja unida ao Estado, despedida de 1000 anos de separação entre a Igreja do Oriente e a do Ocidente, despedida de 500 anos de divisão e controvérsias entre a Igreja Católica e as igrejas da Reforma, despedida de mais de um século de fechamento à modernidade, despedida de mais de 400 anos de uma eclesiologia institucional-hierarcológica”.⁴⁶

Conforme será abordado na sequência, o Concílio Vaticano II reconhecerá que as dissensões podem nascer de ambos os lados e sim as vezes por culpa humana e embora a comunhão seja prejudicada, ela não será plenamente destruída, mas cabe aos homens de boa vontade, permitirem-se ser conduzidos pelo Espírito para que a comunhão tão desejada, ainda que de maneira não plena, possa ser reabilitada de maneira visível a partir do testemunho de fraternidade e diálogo entre os cristãos. O diretório de aplicação dos princípios e regras do ecumenismo reconhecerá que

a insensatez e o pecado dos homens, ao longo da história, resistiram à vontade unificadora do Espírito Santo e enfraqueceram a força do amor que supera as tensões criadas na vida eclesial. Desde o início da Igreja, ocorreram divisões. Posteriormente, surgiram dissensões mais sérias e algumas Igrejas do Oriente não estavam mais em plena comunhão com a Sé de Roma e com a Igreja do Ocidente. Mais tarde, no Ocidente, divisões mais profundas causaram a formação de outras comunidades eclesiais. Essas divisões tiveram questões doutrinárias ou disciplinares em sua origem e até mesmo divergências sobre a natureza da Igreja⁴⁷(n. 18).

1.2.1 - A ecumenicidade conciliar

O Concílio Vaticano II constituiu uma doutrina sobre as relações ecumênicas que já não consistia mais em estratégias de unificação dos cristãos, como objetivava a Teologia do Retorno em voga até então, mas como uma missão da Igreja.

⁴⁶AURÉLIO, M. **A Igreja do Papa Francisco a luz do Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2016. p. 101. Apud: SCHICKENDANTZ, C. Memória do “novo” do Vaticano II: aventura para o desconhecido. *Perspectiva teológica*, v. 45, 2013, P.35-59).

⁴⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. Diretório de aplicação dos princípios e regras do ecumenismo. **Vaticano.va**, 1993. Disponível em: <<http://www.christianunity.va/content/unitacristiani/it/documenti/direttorio-per-lapplicazione-dei-principi-e-delle-norme-sullecum.html>>. Acesso em: 15 Dezembro 2020.

João XXIII, na *Gaudet Mater Ecclesia*, por ocasião da abertura do concílio, dirá:

Infelizmente, a família cristã não atingiu ainda, plena e perfeitamente, essa visível unidade na verdade. A Igreja Católica julga, portanto, dever seu empenhar-se ativamente para que se realize o grande mistério daquela unidade, que Jesus Cristo pediu com oração ardente ao Pai celeste, pouco antes do seu sacrifício. Ela goza de paz suave, bem convicta de estar intimamente unida com aquela oração; e muitos e alegre depois, quando vê que essa invocação estende a sua eficácia, com frutos salutares, mesmo àqueles que estão fora do seu seio. Mais ainda, se consideramos bem esta mesma unidade, impetrada por Cristo para a sua Igreja, parece brilhar com tríplice raio de luz sobrenatural e benéfica: a unidade dos católicos entre si, que se deve manter exemplarmente firmíssima; a unidade de orações e desejos ardentes, com os quais os cristãos separados desta Sé Apostólica ambicionam unir-se conosco; por fim, a unidade na estima e no respeito para com a Igreja Católica, por parte daqueles que seguem ainda religiões não-cristãs.⁴⁸

Como afirmara o Papa João XXIII, a família cristã não atingiu de maneira plena e perfeita a unidade. Para o Papa, a Igreja Católica vai ter um papel fundamental nesta missão a partir de então. Sua visão de unidade é muito abrangente, e, conseqüentemente, a unidade não passa a ser vista unicamente em âmbito católico em torno do Credo, do rito e do Papa. Fala-se, a partir de agora, em unidade da Igreja, numa unidade visível, ainda que não seja plena, com todos os cristãos e para com aqueles que pertencem às religiões não cristãs. A busca da unidade dos cristãos é a busca que a Igreja faz de si mesma, no aprofundamento de sua natureza, identidade e missão. Ela é sacramento de unidade e não a promover depõe contra sua própria natureza.

Para Wolff, o ecumenismo questiona toda tendência ao fechamento identitário da Igreja, toda pretensão de absolutismo, fundamentalismo e exclusivismo que não considere o valor da diversidade de dons e carismas que

⁴⁸JOÃO XXIII. **Vaticano II - Cerimônia de iniciação**. Vatican.va, 1962. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/la/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html>. Acesso em: 06 Abril 2020. n. 8

o Espírito concede no interior do cristianismo⁴⁹. A abertura ao ecumenismo marcará o início de uma conversão tardia, porém necessária a Igreja Católica.

A ecumenicidade da Igreja denota sua capacidade e sua missão de promover a comunhão entre os povos, considerando que ela está neste mundo para ser sinal de unidade. Essa capacidade de promover comunhão é elemento estruturante de sua identidade. Todos aqueles que aceitam Jesus como Senhor e o Evangelho como proposta de vida são congregados na Igreja de Cristo. Wolff afirma que “ou a Igreja é ecumênica no sentido de que é o espaço da *koinonia* agápica entre o Pai, o Filho e o Espírito que se extravasa e gera a comunidade histórica do Povo de Deus, o qual se encaminha para o Reino ou não é a *ekklesia tou Theou*⁵⁰.

O Vaticano II não somente contou com a presença de observadores não católicos, como construiu uma doutrina sobre as relações ecumênicas. O ecumenismo não foi entendido como uma simples estratégia de unificação dos cristãos, mas como uma temática inerente ao fundamento da Igreja, na medida em que se insere na própria vontade de Jesus Cristo para seus seguidores. O ecumenismo é entendido, portanto, como uma missão da Igreja. Em seu discurso, superando o eclesiocentrismo católico e recolocando a eclesiologia em um quadro cristológico mais amplo, que permitia pensar a salvação para além das fronteiras católicas⁵¹.

No Concílio Vaticano II, temos ainda outras afirmações teológicas que se tornam pilares da ecumenicidade da Igreja. A Igreja Católica afirmará o valor da Sagrada Escritura na vida e doutrina da Igreja (*Dei Verbum*); a eclesiologia do povo de Deus (LG 2); a compreensão da necessidade de renovação contínua da Igreja em sua existência histórica (LG 8; UR 6); confissão da cruz de Cristo e seu valor na vida dos cristãos e da Igreja em seu conjunto (LG 8; UR 4; GS 37); a compreensão do ministério eclesiástico como serviço (CD 16; PO); e o valor do sacerdócio comum de todos os batizados (LG 10-11; AA). O reconhecimento de todos estes elementos é o reconhecimento de que não existe um vazio eclesial entre a Igreja Católica e outras expressões cristãs; é a afirmação de que aquilo que nos une é maior do que o que nos divide.

⁴⁹WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 19.

⁵⁰WOLFF, E. **Unitatis Redintegratio Dignitatis Humanae Nostra Aetate Textos e comentários**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 34.

⁵¹WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 12.

Para Lakeland,

“se a graça divina sempre se manifesta através de Cristo, então a Igreja de Cristo é realmente o único evento viável. É esse raciocínio que serve de base à afirmação muito comum de que a Igreja Católica não é uma denominação religiosa, mas, de algum modo, toda a família de Deus na terra, atraindo a si todos os seres humanos”. Trata-se, assim, do desejo de Deus de salvar a todos entrando em ação (Cf. 1Tm 3, 4)⁵².

A Igreja, que estava distante da chamada modernidade e segura de sua posição e verdade, foi capaz de reposicionar-se e elaborar uma nova doutrina sobre o mundo e sobre si mesma. De isolada do mundo, assume-se como sinal de salvação dentro do mundo; de detentora da verdade, reconhece a verdade presente nas ciências e passa a dialogar com elas; então definida como poder sagrado, passa a compreender-se como servidora da humanidade⁵³.

No próprio concílio, segundo Alberigo

era transparente o esforço do texto sobre a unidade dos cristãos de formular uma atitude católica sobre o problema da unidade da Igreja que, levando em contas as expectativas suscitadas por João XXIII e a presença no concílio dos observadores não católicos, superasse a intransigência secular, assentada na estéril esperança de um “retorno” a Roma dos cismáticos e dos hereges. Essa atitude havia isolado os católicos do movimento ecumênico – que no século XX havia dado passos gigantescos⁵⁴.

Wolff lembra que, de *hereges*, aqueles que estavam fora do redil católico passaram ao status de “irmãos separados”; de *distantes*, passaram a fazer parte do “grande rebanho de Jesus Cristo”; de *rivais*, foram convidados a buscar juntos com a Igreja Católica a verdade⁵⁵. Recorda ainda que o Cardeal Francisco Koenig, arcebispo de Viena, afirmou que

seria conveniente que o esquema denominasse as Igrejas separadas de ‘comunidades eclesiais’, distinguindo entre elas as que conservam a hierarquia e os sacramentos, das que rejeitaram ou uma destas realidades ou ambas”. Já o Cardeal José Elmer Ritter, arcebispo de Saint-Louis, EUA, falando em

⁵²LAKELAND, P. **Igreja Comunhão viva**. São Paulo: Loyola, 2013. p. 75.

⁵³ FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes da Assembleia Plenária da Congregação para a doutrina da fé**. Vatican.va, 26 Janeiro 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180126_plenaria-cfaith.html>. Acesso em: 12 Março 2020. p. 6

⁵⁴ALBERIGO, G. **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 414

⁵⁵WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. P. 10.

nome de alguns bispos norte-americanos, assim se pronunciou no concílio: “pedimos calorosamente que não lhes seja negada a designação de ‘Igreja’”. Outros propuseram dizer simplesmente “Igreja”, no lugar de “Comunidade”, entendendo que chamá-las ou não de “Igrejas” envolve dois principais elementos: um sociológico e outro teológico. Sociologicamente, não há como negar-lhes a realidade de Igreja, por respeito à autoconsciência de cada uma, expressa em sua organização, seus princípios do credo comum, sua espiritualidade, sua ação evangelizadora, entre outros. O problema está no conteúdo dos elementos da consciência eclesial, ou seja, na compreensão teológica que permite entender se tal doutrina e organização condiz com a natureza, identidade e missão da Igreja que Cristo quer.⁵⁶

Não é a afirmação da Igreja Católica que fará com que essas Igrejas se denominem ou não, seja como Igreja, seja com outra expressão, pois as mesmas deverão ser avaliadas a partir de sua própria consciência, e não a partir de outras Igrejas. É oportuno considerar também que a presença de elementos de ecumenicidade garantirão essa pertença à Igreja de Cristo e tudo isso influenciará a postura cordial e dialogal que a Igreja Católica manterá com as outras Igrejas.

O Cardeal Bea, proferiu na aula do *Angelim*, uma conferência subordinada ao tema “*O grande chamamento ao rebanho de Cristo*”, na qual afirmou:

É verdade que o cisma e a heresia, enquanto tais, separam do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja, ou seja, da participação plena naquela vida que Cristo comunica à Igreja. Mas isto, que se aplica àqueles que se separaram pessoal e conscientemente da Igreja, não se aplica sem mais àqueles que de boa-fé se encontram separados na sequência de uma herança recebida dos seus antepassados. Além disso, a Igreja considera todos os cristãos não católicos como irmãos, como filhos, e como objeto do seu amor maternal; por outras palavras, considera-os sujeitos e membros seus, ainda que não em sentido pleno.⁵⁷

Paulo VI, no discurso de encerramento do Concílio Vaticano II, dirá que:

Verdadeiramente um mistério de unidade brilha sobre outro mistério de catolicidade; e este espetáculo de universalidade

⁵⁶WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014.p. 44-45. Apud: KLOPPENBURG, B. *Concílio Vaticano II*, volume III. Petrópolis: Vozes, 1964. p. 325.

⁵⁷DE MATTEI, R. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes&Costumes, 2013. p. 144. Apud: *L'Osservatore Romano*, 27 de janeiro de 1961.

lembra a origem apostólica, que fidelissimamente refletida e celebrada, recorda a finalidade santificadora da nossa diletíssima Igreja de Deus. Refulgem as suas notas características, resplende o rosto da Esposa de Cristo, impregnam-se os nossos espíritos numa conhecidíssima, mas sempre misteriosa experiência, essa que nos faz sentir que somos nós o Corpo de Cristo e nos faz saborear a alegria incomparável, e ainda desconhecida do mundo profano, desse «*quem iucundum habitare fratres in unum*», que alegria é viverem os irmãos juntos.⁵⁸

Diz ainda:

Qual é a atitude do concílio diante desse grande número de irmãos separados e desse possível pluralismo nas manifestações externas da unidade? É bem clara. A convocação deste concílio é característica, mesmo sob este aspecto. Ele tende para uma ecumenicidade, que ambicionaria ser total, universal. Pelo menos em desejo, pelo menos em oração, pelo menos em preparação; hoje, em esperança, para que o seja amanhã na realidade. Quer dizer, este concílio— ao mesmo tempo que chama, conta e encerra no redil de Cristo as ovelhas que o compõem e lhe pertencem a título justo e pleno — abre as portas, chama e espera com ansiedade as numerosas ovelhas de Cristo, que não se encontram ainda no único redil. 'É, portanto, um concílio de convite, de expectativa, de confiança numa participação mais dilatada e mais fraterna da sua ecumenicidade autêntica⁵⁹.

1.2.2 - A eclesiologia relacional da *Lumen Gentium*

Na *Lumen Gentium*, encontramos uma eclesiologia relacional construída a partir do e no encontro das diferentes formas de ser Igreja de Cristo na história. Com a *Lumen Gentium*, a Igreja deixa de ser lugar de salvação para ser sinal de salvação. A renovação eclesiológica do Concílio Vaticano II foi fundamental para o êxito dos relacionamentos ecumênicos, uma vez que qualquer iniciativa por parte da Igreja Católica, antes do concílio, além de ser impensável, seria infrutífera, pois, como estabelecer um relacionamento dialogal falando a partir de uma posição de superioridade, de exclusivismo e auto referencialidade?

⁵⁸PAULO VI. **Discurso de Paulo VI na continuação do Concílio Vaticano II.** Vatican.va, 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html>. Acesso em: 06 Abril 2020. n. 1

⁵⁹PAULO VI. **Discurso de Paulo VI na continuação do Concílio Vaticano II.** Vatican.va, 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html>. Acesso em: 06 Abril 2020. n. 6

É preciso valorizar a outra Igreja no modo como ela apresenta a sua consciência eclesial, respeitar essa consciência, mesmo se ainda não se possa comungar com ela em todas as suas convicções. As notas, entendidas na ecumenicidade, não são exclusivas de uma tradição eclesial. O que se busca no diálogo ecumênico é um consenso das Igrejas sobre como entender e expressar essas propriedades da Igreja de Cristo, vinculando em Cristo as suas tradições históricas.⁶⁰

Diferentemente de todos os concílios anteriores, o Vaticano II não ocorre para condenar um herege e uma heresia. João XXIII, ao convocar o Vaticano II, entende que a Igreja precisa se voltar a si para entender quem é e como desempenhar de maneira satisfatória sua missão no mundo moderno.

Acolhendo as contribuições dos movimentos bíblicos, patrístico, leigo, litúrgico, ecumênico, a Igreja volta às fontes bíblico-patrísticas para resgatar o modelo de Igreja do cristianismo primitivo. Como fruto desse processo, temos uma eclesiologia renovada. Renovada não porque se trata de algo novo, mas algo antigo e essencial que é visto de maneira nova atual. As principais notas eclesiológicas do Vaticano II que a definem são: mistério, comunhão, corpo místico, sacramento, povo de Deus e templo do Espírito Santo.

Wolff afirma que “o problema da identidade eclesial desemboca nos problemas do confessionalismo, denominacionalismo e institucionalismo, que são uma espécie de perversão da identidade originária”⁶¹. O concílio faz então o processo de volta à identidade originária. A reflexão teológica da identidade da Igreja só vale a partir de seu contexto. O Concílio Vaticano II foi um concílio eclesiológico; até à realização dele, tínhamos muitas afirmações sobre a Igreja, mas a partir do concílio teremos a definição de sua identidade. Paulo VI, na abertura da segunda sessão conciliar, vai fazer a seguinte pergunta: Igreja, que dizes de ti mesma? A história interrogou a Igreja, não só quanto à sua forma de se apresentar ao mundo, mas também quanto à reflexão que ela faz de si mesma.

⁶⁰WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 98

⁶¹WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 98.

Para Forte, uma tríplice preocupação influenciava a renovação eclesiológica do Concílio Vaticano II: “fidelidade à própria identidade, conferida por Cristo (perspectiva cristológica); fidelidade aos homens, a cujo serviço se coloca (perspectiva antropológica); preocupação em fazer com que uma e outra fidelidade se encontrem no mistério da aliança, que é a Igreja (perspectiva sacramental)”⁶².

Souza relata que, para a preparação deste documento, foram apresentadas à Comissão teológica cerca de quatro mil emendas. Do segundo ao quarto projeto, foram realizadas várias modificações, entre elas, a inclusão de um capítulo dedicado à Virgem Maria, membro da Igreja. Outra alteração foi a divisão do capítulo III, que separou o tema Povo de Deus do tema dos leigos, sendo que o tema do Povo de Deus deveria ser inserido entre os capítulos 1 e 3⁶³.

Dos 2145 padres votantes, 2134 votaram sim, 10 contrários e um nulo. A última votação acontece no dia 21 de novembro de 1964 com 2151 votos afirmativos e 5 votos negativos, e no mesmo dia o Papa Paulo VI promulga a Constituição Dogmática com o título de *Lumen Gentium*. A *Lumen Gentium* possui oito capítulos e é composta por 69 artigos: capítulo I – O mistério da Igreja; capítulo II – O Povo de Deus; capítulo III – Hierarquia; capítulo IV – Os leigos; capítulo V – A vocação a santidade; capítulo VI – Os religiosos; capítulo VII – Índole escatológica da Igreja peregrina em sua união com a Igreja celeste; capítulo VIII – A bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja.

Foi por meio da constituição dogmática *Lumen Gentium* que a Igreja afirmou ser Cristo a luz dos povos. Reconhecendo Cristo como verdadeira luz, entendeu que a Igreja não deveria resplandecer outra luz senão a luz do próprio Cristo. A Igreja vem de Deus, possui, conseqüentemente, uma dimensão divina, e um dos objetivos da *Lumen Gentium* foi também o resgate dessa identidade espiritual.

⁶²FORTE, B. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005 p. 16.

⁶³MODENA, H. SOUZA, N. Concílio Vaticano II: O olhar da Igreja para si mesma. In: SOUZA, N. (ORG) **Vaticano II história, teologia e desafios**. Curitiba: CRV, 2019. p. 47

Souza declara que, ao iniciar a Constituição, o capítulo I do documento tem por título e objetivo abordar o mistério da Igreja. Observa-se que não se apresenta e define a Igreja primeiramente, mas sim Cristo. Ele é a luz dos povos, e não a Igreja. É Cristo a luz que a Igreja reflete em sua face, que ilumina todos os homens, por meio do anúncio do Evangelho (cf. LG 1). Tal entendimento da Igreja é de fundamental importância, pois a Igreja não existe em si, mas no Cristo, seu fundamento⁶⁴.

Ainda sobre a dimensão misteriosa da Igreja, sendo Cristo o paradigma da reflexão eclesiológica, a Igreja se compreendeu “em Cristo como que sacramento, isto é, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo gênero humano... (LG 1). Ao avançar-se no documento, o capítulo VII retomará a categoria de sacramento e, dessa vez, expressando que a Igreja é como “sacramento universal de salvação” (LG 48). Para Souza, essa categoria tornou-se uma das principais da eclesiologia do Vaticano II⁶⁵. Entende-se que a Igreja, como serva da humanidade e anunciadora do Cristo, tem como missão anunciar a salvação, e não a condenação.

A *Lumen Gentium* mostra que a Igreja, embora tenha nascido do *Mysterium Christi* na sua totalidade, esteve em processo de gestação em toda a história da salvação. A LG repete as expressões de Agostinho e de outros Padres que falam da Igreja que vem desde Adão, desde Abel. Para Santos, a tese da *Lumen Gentium* é a seguinte: “a Igreja foi prefigurada desde o início da criação. Foi preparada na história do povo de Israel. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada ao mundo no dia de Pentecostes”⁶⁶.

Com a tradução do termo hebraico *qâhal* pelo grego *ekklesia*, a Bíblia dos LXX preparou a passagem para os novos tempos. Frosini a definirá como “continuidade na descontinuidade, continuidade na travessia, ou seja, a comunidade cristã considera-se sempre como o novo povo de Deus, a convocação escatológica da salvação, a comunidade da nova e eterna

⁶⁴MODENA, H. SOUZA, N. Concílio Vaticano II: O olhar da Igreja para si mesma. In: SOUZA, N. (ORG) **Vaticano II história, teologia e desafios**. Curitiba: CRV, 2019. p. 50

⁶⁵MODENA, H. SOUZA, N. Concílio Vaticano II: O olhar da Igreja para si mesma. In: SOUZA, N. (ORG) **Vaticano II história, teologia e desafios**. Curitiba: CRV, 2019. p. 51

⁶⁶SANTOS, B. B. O projeto eclesiológico do Vaticano II. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 12, p. 9-18, Julho/Setembro 2004. p. 13

aliança”⁶⁷. Lembrando que a Igreja é o encontro, a reunião, a assembleia, a congregação daqueles que creem em Cristo (LG 2) e, a partir deste elemento, é que ela aparece como “o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

Para Aurélio, “a Igreja tornou-se não uma reunião livre de alguns, mas a reunião daqueles que reconhecem o Deus de Jesus como aquele que convoca, e que por isso torna-se Ele o centro da reunião”⁶⁸. A pertença a Igreja enquanto realidade teológica e misteriosa abrange não somente aqueles que professam a fé católica, mas todos aqueles que professam sua fé no Cristo.

Wolff afirma que:

o conceito Igreja não é utilizado na doutrina católica para designar indistintamente todas as comunidades dos batizados. O Concílio Vaticano II utiliza esse vocábulo para referir-se à tradição católica e ortodoxa, designando as tradições cristãs oriundas das reformas do século XVI e XVIII de “comunidades eclesiais” (UR 13-23), deixando aberto o caráter eclesial das últimas. Não se trata de negar a eclesialidade destas, o que lhes é garantido pela presença nelas de “elementos eclesiais” (LG 15; UR 3) pelos quais a Igreja de Cristo é vivificada e santificada bem como das “ações sagradas” que “produzem a vida da graça” e possibilitam “a comunhão da salvação” em Cristo⁶⁹.

Forte afirma que a Igreja vem da Trindade: o universal desígnio salvífico do Pai (LG 2), a missão do Filho (LG 3) e a obra santificante do Espírito (LG 4) edificam a Igreja como mistério, obra divina no tempo dos homens, preparada desde as origens (“*Ecclesia ab Abel*”), reunida pela Palavra encarnada (“*Ecclesia creatura Verbi*”), sempre de novo vivificada pelo Espírito (Igreja, templo do Espírito Santo)⁷⁰.

Para Zanon, a eclesiologia da *Lumen Gentium* resgata uma série de imagens que, desde as origens do cristianismo, representaram a Igreja: “rebanho, lavoura de Deus, edifício, Jerusalém do alto, templo do Espírito e

⁶⁷FROSINI, G. **A teologia hoje**. Vila Nova de Gaia: Perpétuo Socorro, 2001. p. 162

⁶⁸AURÉLIO, P. M. **A Igreja do Papa Francisco a luz do Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2016. p. 28.

⁶⁹WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 57-58.

⁷⁰FORTE, B. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9

corpo de Cristo, com diferentes membros, guiados pela única cabeça: Cristo, que é a Luz dos Povos”⁷¹.

Uma das mais importantes contribuições da eclesiologia do concílio está na afirmação de que a Igreja de Cristo *subsistit in* Igreja Católica; esta é reconhecida como aquela que possui a plenitude dos meios. Mas há o reconhecimento de elementos de eclesialidade como a Palavra de Deus, a fé, a graça, o batismo, elementos este que, por sua vez, estabelecem um nível ou grau de comunhão entre as outras Igrejas. Ainda que não tenhamos a unidade em tudo, em matéria doutrinal, o princípio da hierarquia das verdades nos norteia a uma unidade ao menos naquilo que é essencial. Kasper afirma que, com a expressão “subsiste”, “o concílio não identifica de modo absoluto a Igreja de Cristo com a Igreja romana, para dizer que a Igreja de Cristo se encontra concreta, visível e permanentemente na Igreja Católica (uma, santa, apostólica, universal)”⁷².

Para Lakeland “a sociedade visível e a comunidade espiritual, constituem uma realidade única e complexa em que se fundem dois elementos, o humano e o divino”. Essa Igreja “subsiste” na Igreja Católica Romana, “ainda que fora do seu corpo se encontrem realmente vários elementos de santificação e de verdade”.⁷³

Outra nota importante que encontramos na eclesiologia do Concílio Vaticano II é a nota Povo de Deus. Até o século IV, o termo ‘povo’ é empregado pelos Padres para a Igreja, apesar de não constituir uma temática propriamente dita, visto que o enfoque da eclesiologia neste período era a dimensão cristológica. Assim, a noção de povo não nutria sua reflexão. Hohemberger afirma que “passa-se do conceito histórico de povo para uma concepção teológico-salvífica. Assim os justos do AT são vistos como pré-cristãos que se salvaram graças à sua fé, e não por meio de Israel”⁷⁴.

⁷¹ZANON, D. **Para ler o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 16.

⁷² KASPER, W. Unidade dos cristãos e pentecostalismo: quais as perspectivas. In: MAÇANEIRO, M. (ORG) **Teologia em questões**. Aparecida: Santuário, 2014. p. 194.

⁷³LAKELAND, P. **Igreja Comunhão viva**. São Paulo: Loyola, 2013. p. 64.

⁷⁴HOEMBERGER, G. **A auto compreensão da Igreja como povo de Deus**. Theologia, v. 3, 2009. p. 6.

A auto compreensão da Igreja como Povo de Deus mostrou que o que fora manifestado no dia de Pentecostes esteve em processo de gestação em toda a história da salvação (LG 4). Fazendo uma análise da nota povo de Deus, Zanon diz

que Deus estabeleceu uma aliança perpétua com seu povo, desde sua convocação pelo Pai, sua constituição pelo Filho e santificação pelo Espírito Santo (cf. LG 9); assim ela é formada por todos os fiéis, incorporados pelo batismo (cf. LG 11). Sua relação com o Deus Uno e Trino, leva à missão recebida do próprio Cristo Senhor: “Ide por tudo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura (Mc 16, 15). Não sendo mais concebida como sociedade perfeita, de cunho mais jurídico do que de comunidade de irmãos; a Igreja povo de Deus pode aprofundar-se em seu caráter ministerial.”⁷⁵

A Igreja é povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo; ela se expressa na *koinonia* que se origina na Santíssima Trindade e se vive na mesma fé, nos mesmos sacramentos e nos mesmos ministérios. Foram superadas as polêmicas eclesiológicas devidas às antigas posições unilaterais: da parte católica se realçava a dimensão visível e institucional da Igreja e, da parte evangélica, a dimensão invisível; ou da parte católica se afirmava a dimensão sacramental e, da parte evangélica, a Igreja como *creatura verbi*. Para Wolff, “agora se entende que a dimensão visível e a invisível são constitutivas da natureza eclesial”⁷⁶.

A Igreja é povo peregrino na história, caminhando em direção ao cumprimento da salvação. Povo com o qual Deus renovou uma aliança eterna, que culminou na cruz e na ressurreição do Cristo; com Jesus e por obra do Espírito, todos os membros da Igreja participam, na fé, do sacerdócio comum, que exercem primariamente nos sacramentos, na comunhão recíproca, no serviço aos homens, de acordo com os carismas que cada um recebeu⁷⁷.

Com relação à dimensão **corpo**, Sousa declara que

tal designação assume também uma dimensão social, comunitária, de grupo, pelo que o seu caráter uno e singular admite, por conseguinte, a integração e a articulação da diversidade dos membros na unidade do corpo, a inter-relação

⁷⁵ZANON, D. **Para ler o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 51.

⁷⁶WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 70.

⁷⁷ALBERIGO, G. **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 430

das diferenças, o contributo e a complementaridade de todos para o crescimento e a edificação da comunidade, com propósitos comuns, isto é, em ordem ao bem geral⁷⁸.

O mesmo autor ainda afirma que tomar consciência da unidade e unicidade da Igreja, enquanto corpo, cuja origem radica na unidade trinitária, na comunhão das diferenças, constitui não só um desafio para uma vida de comunhão, inclusive na experiência sacramental, à semelhança da relação pericorética fundante, mas também “uma renovada atitude de respeito, de aceitação e de integração – em suma, de incorporação – da diversidade e da diferença, na unidade do único corpo de Cristo”⁷⁹.

Para Lakeland,

Dizer que a Igreja é o Corpo Místico de Cristo não remete imediatamente a uma ideia de membros invisíveis, e não foi nesse sentido que São Paulo empregou a expressão. Seu objetivo era simplesmente esclarecer as relações entre Cristo e a Igreja, por um lado, e entre os membros da Igreja, por outro. Curiosamente, considerando a história subsequente, a imagem do corpo empregada por Paulo reduz qualquer preferência por uma unidade mais extrínseca como “sociedade”, perfeita ou não. Nós nos *filiamos* ou *incorporamos* a uma sociedade, mas somos um corpo. O corpo é parte do nosso ser, a sociedade é uma escolha consciente. Separar-nos de um corpo a que estamos unidos fisicamente é perigoso para a saúde; deixar uma sociedade pode ser mais ou menos traumático, mas provavelmente não é fatal.⁸⁰

Na *Lumen Gentium*, o termo comunhão expressa a essência mais profunda da natureza eclesial, a Trindade Santa. Para Boff,

se Deus significa três Pessoas divinas em eterna comunhão entre si, então devemos concluir que a nós também, seus filhos e filhas, somos chamados à comunhão. Somos imagem e semelhança da Trindade. Em razão disso, somos seres comunitários⁸¹

Quanto mais a Igreja beber de sua fonte eterna, que é a comunhão trinitária, tanto mais ela superará as divisões internas, deixará de ser clerical e laical e segundo Boff “se transformará num espaço de relações igualitárias num

⁷⁸SOUSA, R. M. G. **A Igreja é corpo de Cristo**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 135

⁷⁹SOUSA, R. M. G. **A Igreja é corpo de Cristo**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 136-137

⁸⁰LAKELAND, P. **Igreja Comunhão viva**. São Paulo: Loyola, 2013. p. 61

⁸¹BOFF, L. **A santíssima Trindade é a melhor comunidade**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1989. p. 25

Povo de Deus, de verdadeiros irmãos e irmãs no serviço do Reino da Trindade”⁸².

A Igreja que tem a comunhão como elemento essencial é chamada a sair de si, ir ao encontro e relacionar-se. Para Santos, o Vaticano II apresentou a imagem de uma Igreja não fechada sobre si mesma, mas em relação.

Em primeiro lugar, em relação com à Trindade, seu mistério e paradigma para a sua organização. Uma Igreja em relação com o mundo. Mundo entendido com totalidade da criação, da qual a humanidade é parte. Mundo também no sentido humano, ou seja, construído pelo ser humano: a família, o trabalho, a política, a ciência, a técnica, a cultura⁸³.

1.2.3 –*Unitatis Redintegratio*: avanços, perspectivas

Para Kasper, o documento *Unitatis Redintegratio* do Concílio Vaticano II deve, portanto, ser interpretado em continuidade aos outros concílios. “Essa continuidade não deve ser entendida como uma realidade morta ou fossilizada, mas como um evento vivo por intermédio do qual o Espírito Santo nos introduz continuamente ‘a verdade plena’”⁸⁴. Zanon afirma que no Decreto *Unitatis Redintegratio* transparece o “esforço de procurar a unidade na diversidade, de compreender a Igreja enquanto relação, e não como sociedade perfeita”⁸⁵. A Igreja enquanto povo de Deus e Corpo de Cristo procura dialogar para promover sempre mais a comunhão desse único Corpo.

O ecumenismo aparece no primeiro grupo de temas a serem estudados e debatidos no concílio. Na última fase do primeiro período do concílio (26 a 30 de novembro de 1962), discutiu-se o primeiro esquema sobre a unidade da Igreja, intitulado de *Ut Unum Sint*. A preparação deste texto havia sido realizada pela Comissão para as Igrejas orientais e de maneira limitada refletia as relações da Igreja Católica com estas Igrejas de tradição ortodoxa. Porém, o secretariado para a unidade dos cristãos e a comissão teológica haviam ido mais a fundo na questão ecumênica.

⁸²BOFF, L. **A santíssima Trindade é a melhor comunidade**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1989. p. 83

⁸³SANTOS, B. B. **O projeto eclesiológico do Vaticano II**. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, v. 12, p. 9-18, Julho/Setembro 2004. ISSN 48. p. 14

⁸⁴KASPER, W. **Que todas sejam uma O chamado à unidade hoje**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 21

⁸⁵ZANON, D. **Para ler o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 70.

A unidade dos cristãos era um assunto originalmente inserido no capítulo 1 sobre a Igreja, a princípio elaborado pela comissão doutrinária, depois enviada para o secretariado para a unidade cristã. O texto tinha cinco capítulos: 1) Os princípios católicos do ecumenismo; 2) A prática do ecumenismo; 3) Os cristãos separados da Igreja Católica; 4) Atitude católica para com os não cristãos, principalmente os judeus (Apresentado pelo Cardeal Bea); 5) Sobre a liberdade religiosa (Apresentado pelo Cardeal De Smedt).

Aurélio ressalta que

o primeiro esquema que fora apresentado aos padres conciliares se abria com o título “*De Ecclesia e Militantes Natura*”, mostrava a natureza societária da Igreja instituída por Cristo mediante o estabelecimento da hierarquia e supunha a identificação real entre o Corpo Místico de Cristo na terra e a Igreja Católica Romana. Diante disso, os esquemas preparatórios foram todos rejeitados pelos padres devido ao juridicismo, clericalismo e triunfalismo que continham. Aliás, esta é a melhor e mais breve caracterização do clima pré-Vaticano II, que então existia.⁸⁶

Para Dias, não se trata de princípios do ecumenismo católico, mas dos princípios católicos do ecumenismo. Em outras palavras, a Igreja Católica reconhece que não há um ecumenismo católico em contraposição a um ecumenismo protestante ou ortodoxo. Assim “há um único movimento ecumênico, ao qual vão aderindo as diferentes Igrejas, cada uma a partir de sua própria índole e de suas posições doutrinárias”⁸⁷.

Os Bispos dificilmente se oporiam ao ecumenismo em princípio, pois o Papa João XXIII fizera dele, com efeito, uma das principais preocupações do concílio. Contudo, muitos estavam inquietos, em especial os de nações latinas, que temiam que o ecumenismo promovesse o indiferentismo religioso e enfraquecesse a Igreja em face do proselitismo protestante. O'Malley enfatiza a preocupação relacionada aos bispos da América Latina, uma vez que “os protestantes que conheciam eram evangélicos americanos agressivos, que

⁸⁶AURÉLIO, P. M. **A Igreja do Papa Francisco a luz do Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2016. P. 56.

⁸⁷DIAS, Z. M. **O movimento ecumênico: história e significado**. Numem Revista de estudo e pesquisa da religião, Juiz de Fora, p. 145, Julho-Dezembro 1998. Apud: NAVARRO, Para compreender o Ecumenismo, p. 149.

ficariam ainda mais consternados com a perspectiva de diálogo com católicos do que os bispos estavam com a perspectiva de diálogo com eles”.⁸⁸

A comissão teológica tinha por objetivo inserir essa temática no documento *De Ecclesia* e fora formada uma comissão mista para trabalhar este assunto. A composição desta comissão era constituída por membros da Comissão de Doutrina, Comissão para as Igrejas orientais e do secretariado para a unidade e, em 01 de dezembro de 1962, o Cardeal Bea interveio. O esquema foi então reelaborado sintetizando os três textos sobre a unidade da Igreja. Foi então elaborado um novo texto durante o primeiro intervalo do concílio com apenas três capítulos: os princípios do ecumenismo; a prática do ecumenismo; cristãos separados da Igreja Católica: Igrejas orientais e comunidades eclesiais surgidas a partir do século XVI.

A discussão deste texto aconteceu no segundo período do concílio, mais especificamente em 18 de novembro de 1963. Aos três capítulos supra mencionados foram acrescentados outros dois: um relacionado ao povo judeu e outro sobre liberdade religiosa. A recepção da parte ecumênica foi positiva, a orientação de se abandonar a Teologia do Retorno bem encaminhada, mas a temática voltada ao judaísmo e a liberdade religiosa encontraram resistências, mas o esquema foi aprovado em 21 de novembro. No final, os três primeiros capítulos acabaram sendo acolhidos pelos padres conciliares como base de discussão e os dois últimos não foram aprovados, porém, futuramente acabaram se tornando dois outros decretos.

Wolff cita que “uma das dificuldades relacionadas à discussão do texto estava relacionado à aplicação do termo *Igreja* ou comunidades eclesiais em relação às tradições eclesiais da Reforma”⁸⁹, embora o decreto reconheça a “eclesialidade das comunidades protestantes pela presença nelas de elementos da Igreja de Cristo, a veneração da Escrituras, a fé na divindade de Cristo e na Trindade, o sacramento do batismo, o culto”⁹⁰.

⁸⁸O'MALLEY, J. W. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 208.

⁸⁹WOLFF, E. **Unitatis Redintegratio Dignitatis Humanae Nostra Aetate Textos e comentários**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 25.

⁹⁰WOLFF, E. **Unitatis Redintegratio Dignitatis Humanae Nostra Aetate Textos e comentários**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 31.

Sendo assim, no dia 05 de outubro de 1964, no terceiro período do concílio, foi apresentado o esquema à Congregação geral, e mesmo com grande consenso, ainda assim o documento recebeu quase duas mil emendas e, no final, foram realizadas dezenove modificações mediante sugestões do Papa Paulo VI. Por fim, o Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio* foi aprovado no dia 21 de novembro de 1964, com 2137 votos favoráveis e somente 11 contrários. Para Wolff, a *Unitatis Redintegratio* é um novo modo de compreender o cristianismo como um todo. Não mais se afirma a unidade pelo retorno; há o reconhecimento de culpas pela situação de divisão dos cristãos; “há o reconhecimento de elementos comuns entre a Igreja Católica e as demais Igrejas; assume-se o valor da oração, do diálogo e da cooperação entre as Igrejas como imprescindível para a busca da unidade”⁹¹.

Algumas contribuições oferecidas. O texto começa afirmando e reconhecendo que a divisão contradiz abertamente a vontade de Cristo, e se constitui em escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda criatura. Chama o movimento de unidade de movimento ecumênico. E reconhece que dele participam os que invocam o Deus Trino e confessam a Jesus como Senhor e Salvador (UR 1).

A *Unitatis Redintegratio* entende o movimento ecumênico através das iniciativas suscitadas e ordenadas em favor das várias necessidades da Igreja no sentido de favorecer a unidade dos cristãos e motiva atitudes concretas como a realização de todos os esforços possíveis para eliminar palavras, juízos e ações que, segundo a equidade e a verdade, não correspondem à condição dos irmãos separados e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles (UR 4). Reconhece que é o próprio Deus quem opera a distribuição das graças e dos ministérios, enriquecendo a Igreja de Jesus Cristo com diferentes dons e Ele próprio, através de tudo isso e por obra do mesmo Espírito, realiza a comunhão na unidade (UR 2). Considera o batismo como vínculo de incorporação a Cristo e, por isso, com razão, todos os batizados levam o nome de cristãos (UR 3).

⁹¹WOLFF, E. *Unitatis Redintegratio Dignitatis Humanae Nostra Aetate Textos e comentários*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 30.

Chama os cristãos a conservarem a devida liberdade, tanto nas várias formas de vida espiritual e de disciplina, quanto na diversidade de ritos litúrgicos, e até mesmo na elaboração teológica da verdade revelada, entendendo que a liberdade não respeitada implica num processo de uniformização e, se a diversidade não for considerada, a unidade não tem sentido (UR 5). Reitera a necessidade de uma conversão interior no êxito da missão de unidade dos cristãos (UR 7). Sem propósito de mudança, sem disposição para a construção de relacionamentos mais afetuosos e fraternos, o trabalho se torna vão. Realiza de modo direto um humilde pedido de perdão a Deus e aos irmãos separados, assim como também dá o perdão àqueles que nos ofenderam (UR 7).

Para restaurar e conservar a comunhão e unidade, é preciso “não impor nenhum outro encargo além do necessário (...) principalmente pela oração, por um fraternal diálogo em torno da doutrina e das mais urgentes necessidades da missão pastoral de hoje”, bem como chama a todos os cristãos a cultivarem boas relações (UR 18) e fixa o Evangelho como ponto de partida para o diálogo ecumênico (UR 23). O documento encerra exortando os fiéis a se absterem de qualquer zelo superficial ou imprudente que possa prejudicar o verdadeiro progresso da unidade. Manifesta o desejo de que as iniciativas dos filhos da Igreja Católica se desenvolvam unidas às dos irmãos separados. Ademais, o concílio declara estar consciente de que este santo propósito de reconciliar todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo excede as forças e os dotes humanos (UR 24).

Para Alberigo

o decreto *Unitatis Redintegratio* fazia o catolicismo sair de uma secular esquiva em relação ao compromisso com a reconstituição da unidade cristã; o que, em diversas ocasiões, manifestou-se como incompreensão e hostilidade para com os esforços ecumênicos de outros cristãos, aos quais se negava a fé autêntica e, mais ainda, de serem membros de comunidades eclesiais. Inspirado na mesma perspectiva teológica da *Lumen Gentium*, o decreto indicava os princípios católicos sobre o ecumenismo, estimulava os fiéis à ação promotora da unidade cristã e, enfim, dirigia-se às Igrejas orientais de tradição ortodoxa e às comunidades que nasceram da Reforma para incitá-las a uma convergência em todos os níveis da vida cristã. Era particularmente significativa a definição de um modelo de unidade fundado não na uniformidade e na absorção, mas na

variedade dos carismas e na complementaridade das tradições⁹².

⁹²ALBERIGO, G. **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 431

CAPÍTULO 2 – DESDOBRAMENTOS ECUMÊNICOS PÓS VATICANO II

Introdução

João XXIII, nos primeiros meses de seu pontificado, anuncia a realização do concílio, que, diferentemente dos anteriores, terá como tônica de seus trabalhos não a condenação de algo ou de alguém, mas uma análise da própria Igreja em si. Igreja, quem tu és? Com o desenvolvimento conciliar e suas conclusões, a Igreja renova sua eclesiologia, a partir de uma volta às fontes bíblicas e patrísticas; fruto dessa renovação é a Constituição dogmática *Lumen Gentium*. Certamente, essa renovação lhe permitirá também dialogar com o mundo moderno, com as outras religiões e com as outras expressões cristãs de maneira adequada, cujos contributos encontraremos no decreto *Unitatis Redintegratio*.

A análise dos desdobramentos ecumênicos a partir do pontificado de João XXIII, bem como do Decreto *Unitatis Redintegratio* do Concílio Vaticano II e a análise da mesma temática será estendida aos pontificados subsequentes de Paulo VI, João Paulo II e Francisco. A exceção da análise do magistério de Bento XVI dar-se-á pelo fato do mesmo não ter proferido nenhuma fala de relevância sobre a questão ecumênica ao longo do seu pontificado.

Na sequência, será realizada a análise do aspecto dialogal e da pneumatologia conciliar para realizar a ligação com os aspectos da pentecostalidade e carismaticidade da Igreja e, dessa forma, ligar o capítulo 2 ao último capítulo deste trabalho. O Concílio Vaticano II estabelece a dialogicidade como o *modus operandi* das relações entre os cristãos, e essa perspectiva é favorecida a partir do reconhecimento de que o evento conciliar é uma ação do Espírito e de que a realização de seus trabalhos e conquistas é obra do mesmo Espírito.

Por fim, na última parte do capítulo, trabalho a pentecostalidade como princípio constitutivo do cristianismo num todo, e não somente de católicos com experiência carismática ou de protestantes pentecostais, além dos carismas vistos como graças concedidas a toda Igreja a serviço da humanidade, e não como posse de uma realidade eclesial exclusiva. A pentecostalidade e a carismaticidade da Igreja não podem ser jamais instrumentalizadas ou

apropriadas para justificar qualquer tipo de divisão; pelo contrário, ambas estão a serviço da unidade.

2.1.1- O desenvolvimento no magistério pós conciliar

O ecumenismo no pontificado de João XXIII

Para Wolff, “João XXIII, antes mesmo do seu pontificado, já dava mostras de sua disposição ecumênica”⁹³. Durante os nove anos em que foi visitador apostólico na Bulgária (1925-1934), o bispo Ângelo Roncalli buscou realizar uma missão de paz nas relações com muçulmanos, a maioria ortodoxa e a minoria católica de rito latino e oriental. Em 1927, visitou o patriarca de Constantinopla, Basílio III, acreditando que a unidade exigia “a caridade, mais do que a discussão teológica”. Depois, como delegado apostólico na Grécia e na Turquia, entre 1934 e 1944, e como núncio em Paris (1944-1953), continuou o esforço de boas relações entre Igrejas e religiões.

No dia 29 de janeiro de 1959, em pronunciamento, João XXIII convidava as “comunidades separadas” a participarem do Concílio Vaticano II, com a seguinte fala: “Renovamos o nosso convite aos fiéis das comunidades separadas para também elas nos acompanharem amavelmente nesta busca da unidade e da graça, a qual tantas almas aspiram de todos os pontos da terra”⁹⁴.

Em 1960, João XXIII cria o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, com a finalidade de ajudar na preparação do Concílio Vaticano II. Ele é presidido pelo cardeal Bea. Esse secretariado preparou para o concílio um decreto sobre o ecumenismo num espírito de novidade. Para Libânio, “já era o sujeito moderno em ação, mostrando sua face de diálogo, de abertura ao diferente, de aceitação do pluralismo, de superação do fixismo, do sectarismo e do dogmatismo”⁹⁵. Foram convidados observadores ortodoxos, anglicanos e protestantes para participarem do concílio.

⁹³ WOLFF, E. Ecumenismo. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus Paulinas, 2015. p. 327.

⁹⁴ JOÃO XXIII. **Ad Petri Cathedram**. Vatican.va, 29 Janeiro 1959. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html>. Acesso em: 19 fevereiro 2020.

⁹⁵ LIBÂNIO, J. B. **Concílio Vaticano II Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 31.

Um dos frutos desse espírito conciliar é a presença da Igreja Católica também no Conselho Mundial das Igrejas, em 1961, no qual foram retiradas as expressões antissemitas da liturgia da Sexta-feira Santa.

Mesmo sendo um pontificado breve, podemos dizer que foi revolucionário em muitos aspectos e determinante para uma mudança de posicionamento da Igreja Católica em relação ao ecumenismo.

Paulo VI (1963-1978)

O pontificado de Paulo VI foi o de um período rico no “diálogo de gestos” que expressam o empenho ecumênico da hierarquia católica, com uma mensagem de significativo impacto nos estratos da Igreja: no encontro entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras, este coloca no pescoço do Papa o *enkolpion*, medalhão símbolo da dignidade episcopal ortodoxa. Paulo VI retribui, oferecendo a Atenágoras um cálice para celebrar a eucaristia, mostrando a aspiração de uma celebração comum da fé; em 7 de dezembro de 1965, durante a celebração que levanta as excomunhões de 1054 entre Roma e Constantinopla, Paulo VI inclina-se e beija os pés do representante do patriarca Atenágoras, o metropolita Melitão de Heliópolis. No encontro entre Paulo VI e o arcebispo de Cantuária, Michael Ramsey, nos dias 23 e 24 de março de 1966, mais que diálogo sobre questões doutrinárias e as ordenações anglicanas, a fecundidade do diálogo se manifestou de forma gestual, quando Ramsey deu ao Papa sua própria cruz peitoral, sinal da dignidade episcopal do primaz anglicano, e o Papa, num gesto inusitado e certamente não planejado, deu ao primaz seu anel episcopal, o *anulus piscatorius*, sinal da justiça apostólica do pontífice⁹⁶.

Paulo VI entendeu que a divisão dos cristãos era um dos mais graves problemas do cristianismo e da humanidade e estabeleceu contatos com os líderes das Igrejas e dos organismos ecumênicos, mais precisamente com o Conselho mundial das Igrejas em 1969. Nesses contatos enfatizou a responsabilidade ecumênica dos bispos católicos romanos e incentivou as semanas de oração pela unidade dos cristãos.

⁹⁶WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 64-65.

Sua primeira encíclica *Ecclesiam Suam* (1964) colocou pela primeira vez o diálogo no centro da autoconsciência da Igreja. Para o Papa Paulo VI, a abertura ao diálogo era considerada um grande avanço e, por isso o mesmo, a via de forma muito positiva. Insiste no diálogo a partir do que é comum, e não das divergências, para que o diálogo siga de proveitosa.

Eis por fim o círculo, mais perto ainda de nós, do mundo que se intitula cristão. Neste campo o diálogo, que se chamou ecumênico, já está aberto, nalguns setores, está até em fase de realização inicial e positiva. Muita coisa poderíamos dizer sobre tema tão complexo e delicado. Mas o nosso discurso não abarca tudo. Limita-se a poucas alusões, aliás. Com prazer fazemos nossa esta máxima: Ponhamos em evidência primeiramente o que nos é comum, antes de insistirmos no que nos divide. Boa e fecunda orientação para o nosso diálogo. Estamos dispostos a prosseguir-lo cordialmente (ES, n. 61).

Na Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, faz uma denúncia fortíssima em relação à divisão dos cristãos:

Como evangelizadores, nós devemos apresentar aos fiéis de Cristo não já a imagem de homens divididos e separados por litígios que nada edificam, mas sim a imagem de pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a sorte da evangelização anda sem dúvida ligada ao testemunho de unidade dado pela Igreja [...]. Nisto há-de ser vista uma fonte de responsabilidade, como também de conforto. Quanto a este ponto, nós quereríamos insistir sobre o sinal da unidade entre todos os cristãos, como caminho e instrumento da evangelização. A divisão dos cristãos entre si é um estado de fato grave, que chega a afetar a própria obra de Cristo (EN 77).

João Paulo II (1978-2005)

O discurso de João Paulo II na cerimônia de boas-vindas por ocasião de sua visita a Noruega, Islândia, Dinamarca e Suécia indica um pontificado rico em atos, textos e iniciativas no campo ecumênico: “Desde o começo de meu pontificado, fiz do ecumenismo a prioridade de minha preocupação e ação pastoral”⁹⁷.

⁹⁷JOÃO PAULO II. Peregrinação apostólica a Noruega, Islândia, Finlândia, Dinamarca e Suécia - Cerimônia de boas vindas. **Vatican.va**, 1989. Disponível em:

Além destas palavras, outras iniciativas de grande relevância: João Paulo II encontrando-se pela primeira vez com o arcebispo anglicano de Canterbury, Robert Runcie, em 9 de março de 1980. Em 1982, acontece um novo encontro, resultando na divulgação de uma Declaração, na qual se afirma que o progresso comum depende do “diálogo que se foi estabelecendo há uns 40 anos e graças ao qual, católicos e anglicanos procuraram encontrar o caminho da unidade da fé e da comunhão que desejava Cristo para a Sua Igreja”⁹⁸.

No encerramento do Congresso Teológico internacional de Pneumatologia em 1982, João Paulo II afirmará que

a plena unidade dos cristãos não é acontecimento que a razão humana possa prever: podemos unicamente esperá-la como um dom do Espírito de Cristo. Não nos é mesmo possível conhecer antecipadamente os caminhos concretos que permitirão alcançar a unidade futura, tão esperada, de todas as Igrejas cristãs⁹⁹.

Em 3 de dezembro de 1987, João Paulo II encontrou-se com o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Sua Beatitude Dimitrios. Eles assinaram uma Declaração Conjunta, afirmando o desejo de caminhar no diálogo e compreensão entre o Patriarcado e a Igreja Católica. Em 5 de outubro de 1991, acontece a celebração ecumênica na Basílica Vaticana, por ocasião do VI centenário da canonização de Santa Brígida da Suécia. Pela primeira vez desde a Reforma, dois bispos luteranos rezaram na Basílica de São Pedro com o Papa e os bispos católicos de Estocolmo e de Helsinque.

Em 7 de dezembro do mesmo ano, preside a Celebração ecumênica de Oração na Basílica Vaticana, por ocasião da Assembleia Especial para a

<http://m2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1989/june/documents/hf_jp-ii_spe_19890601_arrivo-norvegia.html>. Acesso em: 18 Junho 2020.

⁹⁸JOÃO PAULO II. Declaração conjunta de João Paulo II e do Arcebispo de Canterbury. **Vatican.va**, 1982. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820529_dichiarazione-comune.html>. Acesso em: 18 Junho 2020.

⁹⁹JOÃO PAULO II. Discurso do Papa João Paulo II no encerramento do congresso teológico internacional de Pneumatologia. **Vatican.va**, 1982. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf_jp-ii_spe_19820326_congresso-pneumatologia.html>. Acesso em: 26 Outubro 2020.

Europa do Sínodo dos Bispos. Em 27 de junho de 1995, acontece a visita de Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecumênico de Constantinopla, ao Santo Padre e à Igreja de Roma e a Assinatura de uma Declaração Conjunta.

Possivelmente, uma das maiores contribuições de seu pontificado se dá com a Encíclica *Ut Unum Sint* por ocasião dos 30 anos do Decreto *Unitatis Redintegratio*. Na *Ut Unum Sint*, é perceptível o nível de avanço, não somente pelo conteúdo aprofundado; porém, passados 30 anos de recepção conciliar, ao menos em nível vocabular os avanços são um pouco mais sensíveis.

O documento começa com a afirmação de que todo elemento de divisão pode ser vencido e superado com o dom total de si próprio à causa do Evangelho (UUS 1). Reconhece que o caminho proposto é o caminho mais difícil (UUS 2) e, lembrando um chamado da *Unitatis Redintegratio*, afirma que o empenho ecumênico deve fundar-se na conversão dos corações e na oração, ambas induzindo depois à necessária purificação da memória histórica (UUS 2). Fazendo uma memória histórica, se volta ao Concílio Vaticano II e reconhece que a Igreja Católica a partir de então se empenhou, de modo irreversível, a percorrer o caminho da busca ecumênica, colocando-se assim à escuta do Espírito do Senhor que ensina a ler com atenção os sinais dos tempos (UUS 3).

João Paulo II enfatiza um dado eclesiológico de grande importância quando afirma que a Igreja não é uma realidade voltada sobre si mesma, mas aberta permanentemente à dinâmica missionária e ecumênica, enviada ao mundo para anunciar e testemunhar, atualizar e expandir o ministério de comunhão que a constitui: a fim de reunir a todos e tudo em Cristo e ser para todos sacramento inseparável de unidade (UUS 5). Faz uma belíssima afirmação quando diz que acreditar em Cristo significa querer a unidade; querer a unidade significa querer a Igreja; querer a Igreja significa querer a comunhão de graça que corresponde ao desígnio do Pai desde toda eternidade (UUS 9).

O concílio afirma que a Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica e, contemporaneamente, reconhece que fora da sua comunidade visível, se encontram muitos elementos de santificação e de verdade, os quais, por serem dons pertencentes à Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica (UUS

10). O Espírito de Cristo não recusa servir-se delas como meios de salvação, cuja virtude deriva da própria plenitude de graça e verdade confiada à Igreja Católica (UUS 11).

Reitera, de modo semelhante à *Unitatis Redintegratio*, a afirmação de que não existe ecumenismo sem conversão interior e acrescenta a conversão comunitária como tão importante quanto a conversão pessoal. Reconhece que só há verdadeiro ecumenismo se não há o abandono de suas convicções, mas sim o respeito às diferenças, pois a unidade querida por Deus só se pode realizar na adesão comum ao conteúdo integral da fé revelada (UUS 18).

No campo da espiritualidade, exorta a Igreja a orar pela unidade dos cristãos, chamando-a inclusive a um ecumenismo espiritual reconhecendo que, quando os cristãos rezam juntos, a meta da unidade fica mais próxima (UUS 22). Vê no diálogo não apenas uma troca de ideias, mas um intercâmbio de dons (UUS 28). De maneira prática chama todos a eliminarem palavras, juízos e ações que, segundo a equidade e a verdade, não correspondem à condição dos irmãos separados e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles (UUS 29).

Avança de maneira considerável quanto à utilização do termo “irmãos separados”. Os cristãos pertencentes a uma confissão já não consideram os outros cristãos como inimigos ou estranhos, mas veem neles irmãos e irmãs. Por outro lado, mesmo com a expressão **irmãos separados**¹⁰⁰, o uso tende hoje a substituí-la por vocábulos mais orientados a ressaltar a profundidade da comunhão — ligada ao caráter batismal — que o Espírito alimenta, não obstante as rupturas históricas e canônicas (UUS 42).

Convida as Comunidades cristãs a se ajudarem mutuamente (UUS 78). Não usa o termo ecumenismo de sangue, de maneira análoga a que o Papa Francisco utiliza atualmente, mas o reconhece quando afirma a *martyria* até à morte, a comunhão mais verdadeira que possa existir com Cristo, que derrama o seu Sangue e, neste sacrifício, aproxima aqueles que outrora estavam longe (cf. Ef 2, 13) (UUS 84).

¹⁰⁰ Grifo nosso

Encerra reiterando seu compromisso com a unidade dos cristãos reafirmando o empenhamento ecumênico como uma das suas prioridades pastorais e fazendo memória ao Papa Paulo VI quando escreveu ao Patriarca Ecumênico Atenágoras I: “Possa o Espírito Santo guiar-nos no caminho da reconciliação, para que a unidade das nossas Igrejas se torne um sinal cada vez mais luminoso de esperança e de conforto para toda a humanidade”. (UUS 99)

Como outros atos consideráveis neste quesito ainda no pontificado de João Paulo II, citamos a Abertura da Porta Santa da Basílica de São Paulo fora dos Muros e a Celebração Ecumênica com os representantes de Igrejas e Comunidades eclesiais no dia 18 de janeiro de 2000. Em 7 de maio do mesmo ano, a Comemoração Ecumênica das testemunhas da fé do Século XX, no Coliseu; e, em 27 de novembro, realiza a entrega das Relíquias dos Santos Gregório Nazianzeno e João Crisóstomo, Bispos e Doutores da Igreja, ao Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I.

Em 25 de janeiro de 2001, é realizada uma Celebração ecumênica na Basílica de São Paulo fora dos Muros, na conclusão da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. No dia 11 de março de 2002, uma Audiência à Delegação da Igreja Ortodoxa da Grécia, guiada pelo Metropolita de Attikis Panteleimon. A 4 de outubro do mesmo ano, celebração ecumênica das Vésperas na Basílica Vaticana, por ocasião do VII Centenário do nascimento de Santa Brígida da Suécia, co padroeira da Europa. Em 2 de outubro de 2003, visita ao Santo Padre do Arcebispo de Canterbury e Primaz da Comunhão Anglicana, Dr. Rowan Douglas Williams. No dia 29 de junho de 2004, visita ao Santo Padre do Patriarca Ecumênico de Constantinopla Bartolomeu I e a assinatura de uma Declaração Conjunta.

Um dos mais significativos gestos de aproximação com a Igreja Ortodoxa foi a entrega do Ícone da Mãe de Deus de Kazan – que havia pertencido ao Patriarcado ortodoxo – ao Patriarca Aléxis II, em 25 de agosto de 2004. Junto da imagem, o Papa enviou uma mensagem: “Que esta antiga imagem da Mãe do Senhor diga à Sua Santidade Aleixo II e ao venerando Sínodo da Igreja Ortodoxa russa o afeto que o Sucessor de Pedro nutre por

eles e por todos os fiéis que lhes estão confiados. Diga a estima que ele sente pela grande tradição espiritual da qual a Santa Igreja russa é guardiã. Diga o desejo e o firme propósito do Papa de Roma de progredir juntamente com eles pelo caminho do conhecimento e da reconciliação recíprocos, para apressar o dia daquela unidade plena dos crentes, pela qual o Senhor Jesus rezou ardentemente”¹⁰¹, declarou.

No pontificado de Bento XVI, possivelmente não tenhamos grandes considerações, o que não significa que as mesmas não ocorreram, mas destaco aqui sua primeira mensagem no final da celebração eucarística com os cardeais eleitores quando afirma que: “Não bastam as manifestações de bons sentimentos. Fazem falta gestos concretos que penetrem nos espíritos e sacudam as consciências, impulsionando cada um à conversão interior, que é o fundamento de todo progresso no caminho do ecumenismo”.¹⁰²

O ecumenismo no pontificado do Papa Francisco

O Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, deixa mostras de que o diálogo dará a tônica de seu pontificado. Colegialidade e sinodalidade tornar-se-ão marcas registradas no exercício do seu ministério e, conseqüentemente, o diálogo ecumênico irá adquirir contornos muito específicos a partir de posturas, iniciativas e falas marcantes de Francisco. Certamente uma das novidades de Francisco em relação ao ecumenismo se dá na esfera dos relacionamentos. O ecumenismo relacional pode ser entendido como novidade aprimorada pelo Papa.

No início do pontificado do Papa Francisco, representantes de diversas igrejas estavam presentes. O Papa os recebeu em audiência na Sala Clementina do palácio Apostólico do Vaticano e afirmou: “Pela minha parte, na esteira dos meus Predecessores, desejo assegurar a vontade firme de

¹⁰¹JOÃO PAULO II. **Celebração da Palavra para a entrega do ícone da Mãe de Deus de Kazan à Igreja ortodoxa russa.** Vatican.va, 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf_jp-ii_aud_20040825.html>. Acesso em: 14 Junho 2020.

¹⁰²BENTO XVI. **Primeira mensagem de sua santidade Bento XVI no final da concelebração eucarística com os cardeais eleitores na Capela Sistina.** Vatican.va, 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/urbi/documents/hf_ben-xvi_mes_20050420_missa-pro-ecclesia.html>. Acesso em: 09 Abril 2020.

prosseguir no caminho do diálogo ecumênico, e desde já agradeço ao Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos a ajuda que continuará a oferecer, em meu nome, para esta nobilíssima causa”.¹⁰³

Em 2013, por ocasião da JMJ, na visita ao complexo de Manguinhos, decide rezar com irmãos evangélicos em uma Igreja da Assembleia de Deus. Em 2014, vai a Caserta (Itália) para visitar a Igreja Evangélica da Reconciliação para encontrar a Giovanni Traettino, pastor com o qual nutre certa amizade e pede perdão pelos católicos que são tentados pelo diabo a não compreender o diálogo; fala de uma diversidade reconciliadora, criada pelo próprio Espírito Santo, que faz a diversidade:

É neste caminho que nós cristãos fazemos aquilo a que chamamos com o nome teológico de ecumenismo: procuremos fazer com que esta diversidade seja mais harmonizada pelo Espírito Santo e se torne unidade; procuremos caminhar na presença de Deus para ser irrepreensíveis; procuremos ir em busca do alimento do qual precisamos para encontrar o irmão. É este o nosso caminho, esta é a nossa beleza cristã!¹⁰⁴

Ainda em 2014, ele visita o Bispo Tony Palmer da Igreja Anglicana, um sul-africano que morava na Inglaterra e que, tragicamente, veio a falecer num acidente de moto no mesmo ano. Em 2015, recebe, em audiência privada, cerca de 100 pastores pentecostais, junto com o Pastor Traettino. Na África, se reúne com as comunidades evangélicas na Faculdade de Teológica Evangélica de Bangui e diz:

“Queridos irmãos, a divisão dos cristãos é um escândalo, porque contrária, antes de mais nada, à vontade do Senhor. Mas é também um escândalo perante tanto ódio e tanta violência que dilaceram a humanidade, perante tantas contradições que levantam ao Evangelho de Cristo. Por isso, com apreço pelo espírito de respeito mútuo e colaboração que existe entre os cristãos do vosso país, encorajo-vos a avançar

¹⁰³FRANCISCO. **Encontro com os representantes das Igrejas, comunidades eclesiais e de outras religiões.** Vatican.va, 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni.html>. Acesso em: 14 junho 2020.

¹⁰⁴FRANCISCO. **Visita privada do Santo Padre a Caserta para o encontro com o Pastor Evangélico Giovanni Traettino.** Vatican.va, 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140728_caserta-pastore-traettino.html>. Acesso em: 25 Março 2020.

por este caminho num serviço comum da caridade. É um testemunho prestado a Cristo, que constrói a unidade¹⁰⁵.

Falando a uma realidade mais especificamente católica, Francisco discursa aos participantes do 37º Encontro Nacional da Renovação Carismática Católica, no estádio Olímpico em 1º de junho de 2014, e exorta os participantes a se reaproximarem da raiz ecumênica deste movimento:

Vós tendes um guia nos Documentos de Malines, um percurso seguro para não errar o caminho. O primeiro documento é: Orientação teológica e pastoral. O segundo: Renovação Carismática e Ecumenismo, escrito pelo Cardeal Suenens, grande protagonista do Concílio Vaticano II. O terceiro é: Renovação Carismática e serviço ao homem, escrito pelo Cardeal Suenens e pelo Bispo Hélder Câmara. O vosso percurso é: evangelização, ecumenismo espiritual, cuidado dos pobres e dos necessitados e acolhimento dos marginalizados¹⁰⁶.

Em 2017, na celebração do jubileu de ouro da Renovação Carismática Católica, na vigília de Pentecostes, realizada no Circo Máximo, ele dirá:

Estamos aqui reunidos crentes provenientes de 120 países do mundo, para celebrar a obra soberana do Espírito Santo na Igreja, que teve início há 50 anos e deu vida a... uma instituição? A uma organização? Não. A uma corrente de graça, uma corrente de graça da Renovação Carismática Católica. Obra que nasceu... católica? Não. Nasceu **ecumênica**¹⁰⁷! Nasceu ecumênica porque é o Espírito Santo quem cria a unidade e é o mesmo Espírito Santo que deu a inspiração para que fosse assim!¹⁰⁸

¹⁰⁵FRANCISCO. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Quênia, Uganda e República Centro-Africana. Encontro com as comunidades evangélicas.** Vatican.va, 2015. Disponível em: <https://m.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151129_repubblica-centrafricana-comunita-evangeliche.html>. Acesso em: 25 Março 2020.

¹⁰⁶FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes do 37º encontro nacional da Renovação Carismática Católica.** Vatican.va, 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140601_rinnovamento-spirito-santo.html>. Acesso em: 25 março 2020.

¹⁰⁷ Grifo nosso.

¹⁰⁸FRANCISCO. **Vigília de Pentecostes por ocasião do jubileu de ouro da Renovação Carismática Católica.** Vatican.va, 2017. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170603_veglia-pentecoste.html>. Acesso em: 25 Março 2020.

Nas ocasiões em que Francisco esteve reunido com a Renovação Carismática, sempre falou da natureza ecumênica dessa realidade e pediu-lhes que não se prendessem aos excessos tanto de organização, bem como de estrutura, mas que se voltassem à natureza ecumênica, a fim de cumprirem fielmente a sua missão.

Na *Amoris Laetitia*, Francisco declara que:

a unidade, a que temos de aspirar, não é uma uniformidade, mas uma “unidade na diversidade” ou uma “diversidade reconciliada”. Neste estilo enriquecedor de comunhão fraterna, seres diferentes encontram-se, respeitam-se e apreciam-se, mas mantêm distintas matizes e acentos que enriquecem o bem comum. Temos de nos libertar da obrigação de sermos iguais. Também é necessária a sagacidade para advertir eventuais “interferências” a tempo, a fim de que não destruam um processo de diálogo (AL 139).

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco também traz algumas considerações sobre o ecumenismo. Afirma que

as diferenças entre as pessoas e as comunidades por vezes são incômodas, mas o Espírito Santo suscita diversidade. (...) Ao invés, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos, em nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e, por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isto não ajuda a missão da Igreja (EG 131).

Convoca os cristãos a superarem suas divisões, para que o Evangelho alcance maior credibilidade e que assim a Igreja realize a plenitude da catolicidade que lhe é própria naqueles filhos que, embora incorporados pelo batismo, estão separados da sua plena comunhão (EG 244). Chama os cristãos também a concentrarem suas convicções naquilo que os une, bem como recorda o princípio da hierarquia das verdades, como meio para se focar naquilo que é comum em sua fé (EG 246).

Para Francisco, “se para a Igreja Católica é sempre uma alegria construir pontes de diálogo com comunidades, pessoas e organizações, é sem dúvida uma alegria particular fazê-lo com personalidades religiosas e

intelectuais palestinos”¹⁰⁹. Wolff afirma que “o Papa Francisco, enquanto Cardeal em Buenos Aires, manifestou forte apreço a teologia de Oscar Cullman sobre a unidade na diversidade”, e ele afirmará que:¹¹⁰

Para Cullman o objetivo não é que todos, desde o início, afirmemos a mesma coisa, mas caminhar juntos numa diferença reconciliada. A solução do conflito religioso entre as múltiplas confissões cristãs está no ato de caminhar juntos, de fazer coisas juntos, de pregar juntos. Pede-nos para não atirmos pedras, mas continuarmos a caminhar lado a lado. É este o modo justo de proceder na resolução de um conflito, explorando as potencialidades de todos, sem anular as diversas tradições ou cair no sincretismo. Cada um a partir da própria identidade, numa atitude de reconciliação, para buscar a unidade da verdade¹¹¹.

2.1.2 - O diálogo como metodologia para as relações ecumênicas

O ser humano é um ser de relacionamento, de enriquecimento, de intercâmbio de experiências. O diálogo é condição para a Igreja ampliar e aprofundar sua autoconsciência e o conhecimento das realidades que norteiam sua missão. O Concílio Vaticano II situa a Igreja nesse contexto plural. A Igreja deixa seu posicionamento de confronto e auto referencialidade para vislumbrar o campo do encontro, do diálogo, da cooperação e da comunhão. Libânio afirma que “o individualismo reinante possui duas faces, uma positiva que não polemiza e outra negativa que não se interessa pela construção de tarefas solidárias, comuns, como é o ecumenismo”¹¹².

O diálogo pode ser compreendido de diversos modos. Em primeiro lugar, em nível puramente humano, significa comunicação recíproca, para alcançar um fim comum ou, em um nível mais profundo, uma comunhão interpessoal. Em segundo lugar, o diálogo pode ser considerado como uma atitude respeito

¹⁰⁹FRANCISCO. **Saudação do Papa Francisco aos participantes na reunião entre o Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso e a comissão palestina para o diálogo inter-religioso.** Vatican.va, 2017. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171206_dialogo-interreligioso.html>. Acesso em: 25 Março 2020.

¹¹⁰WOLFF, E. **Igreja em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2018. P. 105.

¹¹¹BERGOGLIO, J.; SKORKA, A. **Sobre el Cielo y la Tierra.** Buenos Aires: Sudamerica, 2013. p. 104

¹¹²LIBÂNIO, J. B. **Concilio Vaticano II Em busca de uma primeira compreensão.** São Paulo: Loyola, 2005. p. 157

e de amizade, que penetra, ou deveria penetrar, em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja¹¹³.

Segundo a análise de Panawiecks, existem quatro tipos de diálogo ecumênico “diálogo da vida, diálogo a serviço das grandes causas, diálogo espiritual e diálogo na ordem doutrinal”¹¹⁴. O Papa Francisco no recém lançado *Vademecum ecumênico*, a respeito das formas diálogo, afirmará que

o diálogo de amor trata do encontro a nível dos contatos quotidianos de cooperação, alimenta e aprofunda a relação que já compartilhamos através do batismo. O diálogo da verdade conduz ao respeito pelos aspectos doutrinários que são vitais para a cura das divisões entre os cristãos. O diálogo de vida oferece oportunidades de encontros e de colaboração com os outros cristãos no cuidado pastoral, na missão ao mundo e através da cultura¹¹⁵.

Para Passos, a busca do diálogo entre a Igreja e o mundo trouxe inevitavelmente o confronto entre a tradição e a inovação, ou entre as fontes da mensagem cristã e o pensamento moderno. Essa convicção assumida como grande missão da Igreja teria de evitar tanto a repetição pura e simples da doutrina instituída como a adesão ingênua dos valores e práticas modernas¹¹⁶.

Para Passos, “o diálogo deve acontecer nos seguintes níveis: interno (comunidade eclesial), entre os cristãos, com as outras religiões, com a humanidade e com os inimigos”,¹¹⁷ e para Wolff

o diálogo é constitutivo e performativo de sua identidade. É, primeiramente, uma questão de fé, que expressa o modo de crer no Deus Trindade que se configura como relação das três pessoas igualmente divinas. Deus relaciona-se também com o

¹¹³PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e anúncio*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2005. n. 9

¹¹⁴PANAWIECKS, R. *A virada hermenêutica da teologia e o pluralismo religioso. Um estudo sobre a contribuição da Teologia Hermenêutica de Claude Geffré à Teologia das Religiões*. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 207.

¹¹⁵FRANCISCO. *O Bispo e a unidade dos cristãos: Vademecum ecumênico*. <http://www.christianunity.va/>, 2020. Disponível em: <<http://www.christianunity.va/content/dam/unitacristiani/Documentazione%20generale/2020Vademecum/Vademecum-PO.pdf>>. Acesso em: 15 Dezembro 2020.

¹¹⁶PASSOS, J. D. *Concílio Vaticano II Reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 242

¹¹⁷PASSOS, J. D. *Concílio Vaticano II Reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 245-249.

mundo, pela criação e manutenção de tudo o que existe (n. 15).¹¹⁸

A partir do CVII, temos uma igreja dialogal, relacional, parceira e comunal. O primado pelo diálogo não faz com que a Igreja renuncie à sua identidade e muito menos à verdade cristã, mas se refaz a partir do reconhecimento daquilo que é distinto no outro. Sua verdade se torna verdade relacional, que possibilita um relacionamento fraterno, harmonioso e respeitoso para com outras tradições, sejam cristãs ou não. O genuíno diálogo é possível entre pessoas que possuem identidade própria. Para Kasper, resta-nos a tarefa “de chegar a uma identidade madura e aberta, porque a identidade é uma realidade relacional: tenho minha identidade à medida que me relaciono com os outros e no partilhar com os outros”¹¹⁹.

Para Santos, com o Concílio Vaticano II, a Igreja toma consciência de que ela não possui a verdade; é a verdade, da qual é também discípula, que a possui e a ultrapassa. Em outras palavras, toma-se consciência de que, em vez “de pretender possui a verdade, antes é preciso deixar-se possuir por ela, com a humildade de reconhecer que ela também se faz presente para além de suas fronteiras e dos sujeitos que a integram”¹²⁰.

Brighenti afirma que “dialogar é um modo de ser cristão, dialogar é um modo de ser Igreja. O Deus uno e trino tem natureza relacional na comunhão das pessoas”. Deus se relaciona com o mundo, com a história, com o ser humano. Para Wolff, “o diálogo é mais que método da missão. Ele é, sobretudo, o conteúdo do Evangelho pregado”¹²¹.

O Papa Francisco, que faz do seu pontificado um pontificado de abertura dialogal, na *Amoris Laetitia* afirma que:

A unidade, a que temos de aspirar, não é uniformidade, mas uma «unidade na diversidade» ou uma «diversidade reconciliada». Neste estilo enriquecedor de comunhão fraterna,

¹¹⁸WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 11.

¹¹⁹ KASPER, W. Unidade dos cristãos e pentecostalismo: quais as perspectivas? In: MAÇANEIRO, M. **Teologia em questões**. Aparecida: Santuário, 2014. p. 202.

¹²⁰BRIGHENTI, A. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 82

¹²¹WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 7.

seres diferentes encontram-se, respeitam-se e apreciam-se, mas mantendo distintos matizes e acentos que enriquecem o bem comum. Temos de nos libertar da obrigação de ser iguais. [...]. Por exemplo, reconhecer os maus sentimentos que poderiam surgir e relativizá-los, para não prejudicarem a comunicação. É importante a capacidade de expressar aquilo que se sente, sem ferir; utilizar uma linguagem e um modo de falar que possam ser mais facilmente aceites ou tolerados pelo outro, embora o conteúdo seja exigente; expor as próprias críticas, mas sem descarregar a ira como uma forma de vingança, e evitar uma linguagem moralizante que procure apenas agredir, ironizar, culpabilizar, ferir (AL 140).

Diante da riqueza da pluralidade, Francisco diz que: “Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inumeráveis formas de relação e participação” (LS 79). A pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais quanto mais se relaciona (LS 240).

Na Igreja cristã, o relacionamento e o diálogo devem ser constitutivos de nossa missão. Tomar a iniciativa de sair de si para ir ao encontro e com o diferente caminhar. No diálogo, a Igreja não impõe a sua verdade, mas dialoga. Não podemos nos amedrontar na perspectiva de ir ao encontro, com a preocupação de que a nossa identidade seja ferida ou por uma falsa de sensação de que membros das comunidades cristãs não estão preparados para o diálogo, pois correm o risco de se perder.

Para a Igreja se manifestar no espaço social plural, ela tem que:

- 1 – Compreender que sua originalidade está na pluralidade, voltando-se assim a sua origem trinitária. Consequentemente o uniformismo não faz parte da vida da Igreja;
- 2 – Favorecer o pluralismo como uma diversidade na comunhão;
- 3 – Evitar o posicionamento de superioridade e arrogância;
- 4 – Realizar uma leitura dos valores que manifestam no pluralismo cultural, eclesial e religioso. As religiões não são iguais, mas cada uma responde do seu modo às necessidades espirituais e culturais das pessoas;
- 5 – Buscar o mútuo enriquecimento e cooperação (sociedade, Igrejas e religiões);

6 – Evitar toda conciliação fácil (irenismo);

7 – No diálogo, a diferença faz com o que o respeito aconteça;

8 – No diálogo inter-religioso, a superação da tolerância a reverências das diferentes formas de se relacionar com o sagrado.

A partir do Vaticano II, a Igreja dialoga com todos os setores da sociedade, inclusive com as outras religiões, entendendo que reconhecer a experiência do sagrado em uma religião é reconhecer a possibilidade de sentido que essa religião oferece aos seus membros. As religiões podem trabalhar juntas para:

- Apresentar ao mundo o sentido da existência humana;
- Promover a educação e a prática do respeito mútuo, do diálogo, da convivência pacífica e da cooperação entre as diferenças;
- Viver e fortalecer a compaixão para com os mais necessitados;
- Afirmar juntas os valores que constroem a civilização do amor;
- Promover o valor e o cuidado da criação;
- Modelar novos comportamentos com a prevalência da ética, da escuta, da tolerância e da diversidade.

O Papa Francisco, num encontro com líderes religiosos de outras religiões e denominações cristãs, afirmou que

nós, neste tempo em que nos é concedido viver, experimentamos uma tendência a nível mundial rumo à uniformidade, a tornar tudo igual. Isto significa matar a humanidade. Esta é uma colonização cultural. Devemos compreender a riqueza das nossas diferenças — étnicas, religiosas, populares — e o diálogo nasce precisamente destas diferenças. E a partir destas diferenças aprendemos do outro, como irmãos... Como irmãos que se ajudam mutuamente a construir este país, que inclusive sob o ponto de vista geográfico tem muitas riquezas e diferenças¹²².

¹²² **ENCONTRO com os líderes religiosos de Myanmar.** Vatican.va, 28 novembro 2017. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/november/documents/papa-francesco_20171128_viaggioapostolico-myanmar-leaderreligiosi.html>. Acesso em: 12 Março 2020.

Forte lembra que a “eclesiologia do diálogo e do serviço não é perda de identidade da Igreja, mas resgate da identidade a um nível mais alto, próprio da existência evangélica de a própria vida “perder” para poder “salvá-la”¹²³. Ninguém tem sua identidade ferida ou aniquilada pela abertura ao diálogo; pelo contrário, quanto mais convictos somos de nossa identidade, melhor o nível do diálogo a ser estabelecido.

Para Libânio, os avanços no diálogo ecumênico fazem perceber melhor “o que nos separa ou produz desejos de avanços maiores para os quais a instituição não se sente preparada nem madura. Nascem daí atitudes de medo e de cautela das autoridades, produzindo decepção e desânimo”¹²⁴. Para Wolff,

não há diálogo sério que não possibilite revisão, questionamentos, mudanças e aprofundamentos da própria identidade. Identidade é uma realidade viva, que tem um processo de construção e um itinerário próprio. Comporta continuidade e mudança. Continuidade como fidelidade às próprias origens, o que caracteriza o ser de um indivíduo ou de uma coletividade. E mudança como abertura a outras identidades, buscando uma realização que só acontecerá no futuro, transformando a identidade original e ao mesmo tempo mantendo-a¹²⁵.

O problema da identidade eclesial desemboca, então, nos problemas do confessionalismo, denominacionalismo e institucionalismo, que são uma espécie de perversão da identidade originária. Para Wolff, isso se dá quando “ocorre na Igreja uma “disfunção institucional”, ou seja, a instituição e/ou confissão de fé que deveriam apontar para além delas mesmas, o Reino, fecham-se em si próprias, como fim último da vida cristã”¹²⁶.

Wolff afirma que, no diálogo, não se trata de deixar de dizer o que se pensa e em que se crê, nem de falar com meias palavras, com receio de ferir o outro. “Trata-se de saber expressar a própria convicção de fé de um modo claro e pleno, mas sem desrespeitar quem crê diferente”¹²⁷.

¹²³FORTE, B. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 45

¹²⁴LIBÂNIO, J. B. **Concílio Vaticano II Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 154

¹²⁵WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 98

¹²⁶WOLFF, E. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 99

¹²⁷WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 50.

O diálogo é o caminho da convivência entre as diferenças, não apesar delas, mas precisamente com elas. A unidade não constitui uma unificação que exclui a diversidade, mas que permite a busca do que é comum, de verdadeiro e bom, para a convivência entre todos os povos. Em tempos de pluralidade cultural e religiosa, o diálogo se mostra como caminho permanente para a construção de relações mais justas e fraternas para toda a humanidade em âmbito mundial e local. O ecumenismo parte do consenso de uma unidade maior em torno do amor que unifica e que possibilita a construção de patamares para a convivência humana¹²⁸.

O Papa Francisco entende que o desafio no campo do diálogo é imenso. Ele afirma que, num mundo marcado pelo individualismo, subjetivismo, relativismo e indiferentismo, muitas vezes é dentro da própria Igreja que surgem teologias, espiritualidades e práticas pastorais que prejudicam o diálogo.

A este respeito, devemos ter em mente um princípio claro: não se pode dialogar, se não se parte da própria identidade. Sem identidade, não pode haver diálogo. Seria um diálogo-fantasma, um diálogo com os pés no ar: não vale nada. Cada um de nós tem a própria identidade religiosa, é fiel a ela. Mas o Senhor sabe como faz caminhar a história. Começamos cada um da própria identidade, não fingindo que temos outra, porque não vale nem ajuda. Isto é relativismo. Aquilo que nos é comum é a estrada da vida, é a vontade de partir da própria identidade para fazer o bem aos irmãos e irmãs¹²⁹.

Acrescenta ainda que

quem está seguro das próprias convicções não tem necessidade de se impor, de exercer pressões sobre o outro: sabe que a verdade tem a sua própria força de irradiação. No fundo, todos somos peregrinos sobre esta terra e, nesta nossa viagem enquanto anelamos pela verdade e a eternidade, não vivemos como entidades autônomas e autossuficientes – quer se trate de indivíduos, quer de grupos nacionais, culturais ou religiosas – mas dependemos uns dos outros, estamos confiados aos cuidados uns dos outros. Cada tradição religiosa

¹²⁸ WOLFF, E. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 13

¹²⁹ FRANCISCO. **Encontro com líderes religiosos de outras religiões ou denominações cristãs**. Vatican.va, 21 Setembro 2014. Disponível em: <http://c.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140921_albania-leaders-altre-religioni.html>. Acesso em: 13 Março 2020.

deve conseguir, a partir de dentro, dar-se conta da existência do outro¹³⁰.

Um trabalho ecumênico realizado com seriedade preza pelo diálogo e pelo respeito à pluralidade e à diversidade, independente da confissão, bem como rejeita todo relativismo que tende a construir união à base de um mínimo denominador comum. Para Kasper, “o ecumenismo deverá ser entendido por nós como identidade católica aberta e partilhada; como um aspecto e uma expressão genuína da *catolicidade* – no sentido mais profundo do termo”¹³¹.

2.1.3 - Elementos pneumatológicos conciliares

Quando João XXIII anunciou o desejo da realização do Concílio Vaticano II, expressou o desejo de que o mesmo fosse um Novo Pentecostes para a Igreja, conforme a oração no final do discurso "Renova em nossa época os prodígios, como em novo Pentecostes"¹³². Lançando um olhar sobre seus frutos, comprovamos que realmente este ar fresco esperado veio sobre a Igreja, iniciando um processo de abertura numa realidade que há tempos estava fechada em si e não dialogava de maneira adequada com as instituições de seu tempo.

O Cardeal Suenens afirma que “todo acento pneumatológico no plano doutrinal é unionista por definição. Isso não significa que, de repente, toda a disputa teológica seja resolvida, mas possuímos aí um importante lugar de encontro”¹³³; a abordagem da pneumatologia conciliar nesta seção não tem por objetivo o acento na ação do Espírito para unificação ou resolução das diferenças doutrinárias, mas para enfatizar a ação unionista do Espírito e, no ecumenismo, um lugar de diálogo e de encontro.

¹³⁰FRANCISCO. **Encontro com líderes religiosos de outras religiões ou denominações cristãs**.Vatican.va, 21 Setembro 2014. Disponível em: <http://c.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140921_albania-leaders-altre-religioni.html>. Acesso em: 13 Março 2020.

¹³¹ KASPER, W. Unidade dos cristãos e pentecostalismo: quais as perspectivas? In: MAÇANEIRO, M. **Teologia em questões**. Aparecida: Santuário, 2014. p. 203.

¹³²JOÃO XXIII. **Constituição apostólica Humanae Salutis**.Vatican.va, 1961. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html>. Acesso em: 15 Junho 2020.

¹³³SUENENS, L. J. **Espírito Santo nossa esperança**. São Paulo: Loyola, 1975. p. 261.

Nos Atos dos Apóstolos, o Espírito Santo vem sobre a comunidade primitiva de Jerusalém no dia de Pentecostes (cf. At 2). A Comunidade está reunida, temerosa, mas esperando o cumprimento da promessa. Sua vinda inaugura a missão da Igreja e a manifesta ao mundo. A comunidade, que estava fechada, se abre a compreensão dos presentes, independente da língua materna e evidencia sinais de que o Espírito promove unidade. O Espírito Santo é o ecumenista por excelência, pois é o promotor de unidade; Ele não desampara a Igreja, desde que se contribua e se abra à sua ação. A docilidade e sensibilidade de João XXIII ao ler os sinais dos tempos e convocar o concílio dá provas de que o Vaticano II foi um acontecimento pneumatológico.

Embora o Vaticano II não tenha uma pneumatologia definida, até porque não foi um concílio pneumacentrado, verificamos que nele houve uma renovação pneumatológica, mesmo sem nenhum acréscimo doutrinal-teológico em relação à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Observadores ortodoxos presentes no concílio reclamavam sobre a falta de menções à pessoa do Espírito Santo. Para Codina, “contribuiu, sem dúvida, a presença, no concílio, dos 96 observadores ortodoxos, que reprovavam nos católicos a pouca sensibilidade ao Espírito”¹³⁴. Para Santos, o perigo “da ausência de uma eclesiologia em perspectiva pneumatológica fez com que a Igreja fosse olhada frequentemente como realidade que está fora de nós ou simplesmente como uma instituição que desempenha determinadas funções sociais”¹³⁵.

A partir de elementos que refletem a ação do Espírito Santo como a proposta de unidade, a abertura, a atualização, o diálogo, a comunhão, todos estes presentes no propósito conciliar, constatamos alguns elementos pneumatológicos do concílio. Silva afirma que “o desejo de diálogo é fruto do Espírito. Em sua missão universal, o Espírito se expressa como unidade na diversidade, como proximidade, força unitiva, que congrega no amor”¹³⁶. Para

¹³⁴CODINA, V. O Vaticano II, um concílio em processo de recepção. **Revista Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 37, p. 89-104, Maio/Agosto 2005. p. 96.

¹³⁵SANTOS, B. B. Pneumatologia e sua Influência na Teologia e na Vida da Igreja. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 13, p. 93-104, Out-Dez 1995. Acesso em: 18 junho 2020. p. 95.

¹³⁶SILVA, W. C. D. O vento sopra onde quer: pneumatologia e diversidade religiosa. **Opinião filosófica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 1-13, Dezembro 2019. p. 4.

Kasper, “a unidade da Igreja é o dom do Espírito de Deus que foi solenemente a nós prometido”¹³⁷.

Segundo a definição de Congar,

Por pneumatologia entendemos algo diferente de uma simples dogmática a respeito da terceira Pessoa; entendemos algo mais e, nesse sentido, outra coisa que uma exposição aprofundada da habitação e da ação santificadora do Espírito nas almas. Entendemos que seja o impacto, na visão que se faz da Igreja, do fato de o Espírito aí distribuir seus dons como ele quer e, assim, construir a Igreja. Isso implica não apenas uma consideração sobre seus dons e carismas, mas uma teologia da Igreja¹³⁸.

O Concílio trouxe um novo olhar em relação à dimensão carismática; conforme afirma Kasper, “o Concílio Vaticano II trouxe também uma revivescência da dimensão carismática da Igreja. O concílio não fala somente da atividade do Espírito por intermédio dos bispos, mas, até mesmo mais, do entendimento de fé de todos os crentes, do Espírito conduzindo para a verdade por entre a vida inteira da Igreja”¹³⁹. Essa ação do Espírito não se limita e muito menos se restringe ao interior da Igreja Católica, ou somente a seus aspectos institucionais. O dualismo carisma-instituição, ao menos no discurso, é chamado à superação, uma vez que tanto os carismas como os ministérios são instituídos pelo mesmo Espírito e, portanto, não podem opor-se, visto que ambos manifestam o ser mais íntimo da Igreja diaconia e dom de Deus.

Não se pode falar de duas Igrejas, das quais uma seria a Igreja institucional visível e a outra a Igreja carismática invisível. A união destas duas dimensões é essencial à própria noção de Igreja. O cardeal Suenens afirmava que “o Espírito Santo que difunde os carismas, e ao mesmo tempo, anima a Igreja, faz com que a inspiração carismática e a estrutura jurídica da Igreja convirjam harmoniosamente”¹⁴⁰. O reconhecimento de que não há um vazio eclesial entre a Igreja Católica e outras expressões possibilitam também o

¹³⁷KASPER, W. **Que todas sejam uma O chamado à unidade hoje**. São Paulo: Loyola, 2008 p. 65

¹³⁸CONGAR, Y. **Revelação e experiência do Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 1995. p.204.

¹³⁹KASPER, W. **Que todas sejam uma O chamado à unidade hoje**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 44

¹⁴⁰SUENENS, L. J. **Espírito Santo nossa esperança**. São Paulo: Loyola, 1975. p. 21.

reconhecimento da ação do Espírito nestas realidades. Rahner, citando Pio XII, explicou que não é só o elemento institucional que constitui a essência da Igreja, senão também o elemento carismático, e, segundo ele, “os carismáticos não se encontram apenas entre as autoridades, nem são apenas pessoas que recebem ordens”¹⁴¹. João Paulo II, na vigília para os movimentos eclesiais e novas comunidades, afirmará que

Os aspectos institucionais e carismáticos são como que coessenciais à constituição da Igreja e concorrem, ainda que de modo diverso, para a sua vida, a sua renovação e a santificação do Povo de Deus. É desta providencial redescoberta da dimensão carismática da Igreja foi que, antes e depois do concílio, se consolidou uma singular linha de desenvolvimento dos movimentos eclesiais e das novas comunidades¹⁴².

Citando ainda Kasper, “em algumas ocasiões, a unidade na diversidade vai além do que é visível na Igreja Católica; o Espírito de Deus está operando também nas Igrejas não católicas e nas comunidades eclesiais”.¹⁴³ Congar reconhece que uma das grandes reentradas do Espírito Santo na eclesiologia pneumatológica do concílio foi a dos carismas. A *Lumen Gentium* afirma que

a Igreja, que Ele conduz à verdade total (cf. Jo. 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef. 4, 11-12; 1 Cor. 12,4; Gl. 5,22). O Espírito conduz a Igreja à verdade, é unificada na comunhão e no ministério e é enriquecida com os dons (cf. LG 4).

Isso significa que “a Igreja se constrói não apenas pelas vias dos meios institucionais, mas também pela infinita variedade dos dons que cada pessoa tem o direito de exercer”¹⁴⁴. Destaca Catão que estando os carismas a serviço da caridade, esta serve de critério supremo para o discernimento, que consiste em avaliar “se os carismas, em seu exercício, provêm realmente do Espírito de Jesus ou se são fenômenos de natureza diversa, manifestações suspeitas ou

¹⁴¹RAHNER, K. **Não extingais o Espírito**. São Paulo: Loyola, 2018. p. 23.

¹⁴²JOÃO PAULO II. **Vigília de oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o encontro dos movimentos eclesiais e das novas comunidades**. Vatican.va, 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni.html>. Acesso em: 26 Outubro 2020.

¹⁴³KASPER, W. **Que todas sejam uma O chamado à unidade hoje**. São Paulo: Loyola, 2008 p. 148

¹⁴⁴CONGAR, Y. **Revelação e experiência do Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 222.

até patológicas, que em nada contribuem para a edificação da comunidade cristã¹⁴⁵; em outras palavras, a última coisa que se deve esperar dos carismas é que estes sejam considerados privilégios daqueles que os recebem ou que venham a se tornar instrumentos de divisão e de discriminação na Igreja.

O reconhecimento dessa ação do Espírito além da Igreja Católica é fundamental para as relações ecumênicas. Não deixa de ser o reconhecimento dessa ação livre do Espírito Santo, sendo Ele “o vento que sopra onde quer” (cf. Jo 3, 8). O Espírito Santo é uma pessoa divina, ele é livre, aquele que faz novas todas as coisas, pois onde está o Espírito aí está a liberdade (cf. II Cor 3, 17). A ação do Espírito é atestada através dos frutos do Reino, que são justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Cf. Rm 14, 17). É impossível estabelecer limites para ação do Espírito, ainda que em determinadas expressões os frutos possam contestáveis. O concílio, obra do Espírito Santo, reconheceu a presença do mesmo Espírito nas diversas expressões religiosas, garantindo a universalidade de sua ação, para além das fronteiras do cristianismo, ressaltando que “a universalidade da Igreja, por um lado, comporta a mais sólida unidade e, por outro, uma pluralidade e uma diversificação, que não obstaculizam a unidade, mas lhe conferem o caráter de 'comunhão’¹⁴⁶.

A Igreja é em Cristo, sacramento ou sinal, instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano (cf. LG 1). É a realidade mistérica e teológica, através da qual Deus reúne seu povo. Para Kasper, uma abordagem pneumatológica pode facilmente vir a se tornar parte de uma eclesiologia renovada da comunhão, a qual, nas últimas décadas, vem se configurando mais e mais no tema-chave da maior parte dos documentos para o diálogo ecumênico¹⁴⁷. Silva afirma que

no centro da vida da Igreja está o batismo que nos faz todos os membros iguais de um mesmo Povo de Deus. Sobre tal igualdade fundamental, e após ela, virão as diferenças de

¹⁴⁵CATÃO, F. **Crer no Espírito Santo**. São Paulo: Salesiana, 2011. p.69.

¹⁴⁶CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **CARTA AOS BISPOS DA IGREJA CATOLICA SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA IGREJA ENTENDIDA COM COMUNHÃO**.Vatican.va, 1992. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html>. Acesso em: 26 março 2020. n. 15

¹⁴⁷KASPER, W. **Que todas sejam uma O chamado à unidade hoje**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 45

ministérios e carismas. Não é a hierarquia que nos constitui cristãos, mas o nascimento pelo batismo¹⁴⁸.

Diante do pluralismo eclesial que envolve o cristianismo na atualidade, o desafio de reconhecer a ação do Espírito, através dos mais diversos elementos, fora da Igreja Católica é fundamental para não se cair na contradição de reconhecer como Igreja todos os batizados, mas, em contrapartida, não reconhecer a legitimidade dos ministérios e carismas exercidos em prol da comunidade. Faz-se necessário uma experiência eclesial do Espírito Santo para que as mais diversas expressões cristãs avancem nesse espírito de renovação conciliar que impulsiona a Igreja diante de tantos desafios na evangelização e na missão.

2.2.1 - A Pentecostalidade como princípio constitutivo da Igreja

O entendimento do conceito de pentecostalidade passa pela diferenciação entre o Pentecostes originário, pentecostalidade e pentecostalismos, pois as diferentes experiências pentecostais, por mais diversas que sejam, têm como matriz a experiência e o relato do Pentecostes originário. O conceito de pentecostalidade será aprofundado numa ótica que permitirá a ligação e a compreensão do mesmo numa perspectiva ecumênica de promoção da unidade dos cristãos, haja vista que a catolicidade da Igreja é envolvida por essa pentecostalidade, e não somente o pentecostalismo, que, enquanto fenômeno religioso, será trabalhado no próximo capítulo.

Para Albuquerque, “a pentecostalidade contém a catolicidade da Igreja, e a catolicidade contém a pentecostalidade. São dimensões interpenetráveis da experiência cristã, uma vez que a catolicidade é anterior ao catolicismo institucional, assim como a pentecostalidade é anterior ao pentecostalismo histórico”¹⁴⁹. Diante da tensão entre carisma e instituição, a pentecostalidade torna-se alento para renovar as práticas estéreis que se rotinizaram, inclusive nos pentecostalismos denominacionais. A partir da relação entre catolicidade e pentecostalidade, entende-se que as divergências culturais e históricas não

¹⁴⁸SILVA, M. F. Uma eclesiologia de comunhão. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 19, p. 119-137, Out/Dez 2011. p. 125.

¹⁴⁹ALBUQUERQUE, B. D. S. Que tem a ver Roma com Rua Azusa? Introdução teológica ao diálogo católico pentecostal. **Revista teológica Doxia**, Aracruz, v. 2, p. 76-85, Julho/Dezembro 2017. P. 83.

são eliminadas, mas são reconhecidas e canalizadas como um anúncio de esperança que nos desafia a aprender a conviver na mesma casa comum. Altmann explica o termo pentecostalidade da seguinte forma: é a característica “de um movimento livre do Espírito divino, que pode ser representado paradigmaticamente pelo pentecostalismo, mas não é idêntico a ele, nem se confina em suas fronteiras confessionais”¹⁵⁰.

Sendo assim, é necessário distinguir entre a pentecostalidade, que é uma dimensão de experiência inerente a todos os cristãos indistintamente, e o pentecostalismo, que é uma construção histórica, pontual e específica de ser cristãos no mundo moderno. A ação do Espírito Santo deve ser vista numa perspectiva cristã global, e não denominacional. A Igreja e, conseqüentemente, nenhuma denominação, possui e jamais possuirá o monopólio do Espírito Santo e de seus dons. A pentecostalidade é uma categoria que envolve a totalidade do cristianismo, uma vez que a missão da Igreja se inicia em Pentecostes. Para Campos, o princípio da pentecostalidade é “a força do Espírito que dá ao ser humano a capacidade de superar o condicionamento que quer reduzi-lo à desumanidade”¹⁵¹. O Espírito é Senhor da vida; essa premissa faz com que toda a Igreja cristã tenha no mundo a missão de promover a vida e posicionar-se contra tudo aquilo que a ela se opõe. Diz ainda Campos: “o princípio da pentecostalidade como um ato do Espírito de Cristo é a ação de Deus que capacita o ser humano a falar e agir no horizonte da salvação”¹⁵².

Para Oliveira, a pentecostalidade deve ser definida como

aquela experiência universal que expressa o acontecimento de Pentecostes em sua qualidade de princípio ordenador da vida daqueles que se identificam com o avivamento pentecostal e,

¹⁵⁰ALBUQUERQUE, B. D. S. Que tem a ver Roma com Rua Azusa? Introdução teológica ao diálogo católico pentecostal. **Revista teológica Doxia**, Aracruz, v. 2, p. 76-85, Julho/Dezembro 2017. P. 83. Apud ALTMANN, W. Experiência e teologia na tradição protestante. In: ANJOS, M. F. (ORG). *Sob o fogo do Espírito*, São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/SOTER, 1998, pg. 171-173.

¹⁵¹CAMPOS, B. **O princípio da Pentecostalidade Hermenêutica, história e Teologia**. São Paulo : Recriar, 2018. p. 8.

¹⁵²CAMPOS, B. **O princípio da Pentecostalidade Hermenêutica, história e Teologia**. São Paulo : Recriar, 2018. p. 9.

por isso, constroem desde ali uma **identidade pentecostal**. A pentecostalidade seria assim o princípio e a prática do tipo religioso, informada pelo acontecimento de Pentecostes; uma experiência universal que eleva à categoria de “princípio” às práticas pentecostais e pós-pentecostais que buscam ser concretizações históricas dessa **experiência primordial**¹⁵³.

Essa ação gratuita de Deus deseja nos levar a agir segundo o Espírito de Cristo, que deseja transformar todas as realidades, fazendo com que a missão da Igreja de anunciar o Reino de Deus alcance sua plenitude. Para Campos, “a pentecostalidade dá identidade a todo cristianismo, que vai além do denominacionalismo e do pentecostalismo”¹⁵⁴; ou seja, existe uma pentecostalidade que envolve a Igreja cristã e esta não se restringe somente às Igrejas Pentecostais ou ao pentecostalismo vivido em outros ambientes cristãos fora do Protestantismo. A Igreja, em sua totalidade, é revestida de pentecostalidade.

A pentecostalidade está profundamente relacionada à ação do Espírito Santo na vida da pessoa, ação esta que nos permite a vida no Espírito, como Paulo afirma: “Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta” (cf. Gl 5, 25). A Igreja, corpo de Cristo, é também Templo do Espírito Santo (cf. 1Cor 3, 16); Ele é o protagonista da missão (cf. RM 21). Uma realidade eclesial testemunha sua animação pelo Espírito a partir da promoção da dignidade humana e do Reino de Deus.

A pentecostalidade é o princípio que deu início à missão da Igreja iniciada em Pentecostes. Pentecostes é a força que coloca a Igreja no dinamismo missionário para que a Boa-nova de Jesus continue sendo anunciada e, conseqüentemente, o Reino de Deus alcance sua plenitude. A missão que se inicia em Pentecostes concluir-se-á somente no fim dos tempos.

Falando do Pentecostes originário e da necessidade de compreensão deste para o entendimento do conceito de pentecostalidade, Pentecostes é um termo grego, que significa quinquagésimo. Semelhantemente ao judaísmo,

¹⁵³OLIVEIRA, D. M. D. Pentecostalidade da missão latino-americana: Uma nova reforma na Igreja? **Reflexus - Revista Semestral de Teologia e ciências da Religião**, Vitória, v. 5, n. 6, p. 89-98, 2011. p. 105.

¹⁵⁴CAMPOS, B. **O princípio da Pentecostalidade Hermenêutica, história e Teologia**. São Paulo : Recriar, 2018. p. 9.

Pentecostes acontece 50 dias após a Páscoa. Os judeus chamavam essa festa de “*shavuot*”, que era a festa da lei. Na *shavuot*, celebrava-se a entrega da lei ao povo e é justamente no evento do Sinai que Deus constitui para si esse povo no deserto, mediante a entrega e o compromisso da observância da lei. A *shavuot* era compreendida também como a festa das primícias ou da colheita; era uma das três festas que exigiam a peregrinação ao Templo de Jerusalém com a oferta dos primeiros frutos do trabalho. Para Campos, o Pentecostes originário dentro do cristianismo é “a reunião do povo de Deus, a casa de Israel, evocando a entrega da lei no antigo Sinai, em que todas as nações da terra aparecem reunidas simbolicamente no Pentecostes e vivem um novo Sinai”.

No judaísmo antigo e no AT, Pentecostes é a Festa das Semanas, a segunda festa em ordem de importância depois da Páscoa (Pésaj). A *Shavuot* era a segunda das três festas de peregrinação do Judaísmo (Shalosh Regalim - שלושהרגלים). Segundo Êxodo 34.22, a Festa das Semanas é um festival das colheitas para distinguir a coleta das primícias da colheita de trigo. Deuteronômio 16.9 afirma que devia começar sete semanas depois do início da colheita. Os dons deveriam ser oferecidos a Deus alegremente no lugar designado¹⁵⁵.

Campos ressalta que

o acontecimento de Pentecostes é um profenômeno do cristianismo historicamente constituído. A) é anterior em sua qualidade de promessa e no sentido de que o sustenta e permeia naquilo que é fundamental: ser e dar testemunho da presença do Jesus ressuscitado, tornado Senhor e Cristo. B) É o acontecimento cristológico que dá começo escatológico à Igreja, em virtude do Reino prometido. C). A pentecostalidade não é um epifenômeno do cristianismo, como poderiam sugerir a presença atual dos pentecostalismos ou as experiências pentecostais posteriores ao fato crístico pós-pascal ou pentecostal¹⁵⁶.

Na Sagrada Escritura, encontram-se cinco relatos entendidos como narrativas de Pentecostes ou experiência de derramamento do Espírito Santo e cada um deles carrega um sentido relacionado à pentecostalidade, e que deve ser assimilado por todos os cristãos.

¹⁵⁵CAMPOS, B. **O princípio da Pentecostalidade Hermenêutica, história e Teologia**. São Paulo : Recriar, 2018. p. 30.

¹⁵⁶LIMA, A.; CAMPOS, B. O conceito de pentecostalidade: uma contribuição pentecostal para a unidade da Igreja. **Pistis Praxis**, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 728-747, Setembro/Dezembro 2019. p. 734.

O primeiro Pentecostes é o Pentecostes da anunciação, relacionado à Virgem Maria. O anjo Gabriel vai ao encontro de uma jovem de Nazaré chamada Maria, numa cidade da Galileia chamada Nazaré, para lhe fazer o anúncio de que ela teria sido a eleita, a escolhida de Deus para gerar em seu ventre o Salvador da humanidade. Diante do chamado, ela questiona o modo como tudo isso se sucederia, e o anjo a responde, dizendo: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra: por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus” (cf. Lc 1, 35). A força do Espírito Santo não permite que Maria pare nos questionamentos ou na dificuldade de seu chamado; como mulher de fé, ela responde prontamente à Palavra de Deus quando diz “Eu sou a serva do Senhor; Faça-se em mim segundo a tua palavra” (cf. Lc 1, 38). O cristão, revestido dessa força do Espírito, deve ser aquele que vive segundo a Palavra de Deus, e não aquele que pertence a uma instituição específica que se autodenomina como pentecostal. A pentecostalidade, enquanto ação do Espírito, capacita a Igreja a responder de maneira adequada à Palavra de Deus diante dos desafios de seu tempo e uma vez que, um dos desafios do cristianismo atualmente é a unidade, no Espírito deve repousar a força necessária para superação do escândalo da divisão.

O segundo Pentecostes é de Jerusalém. Lucas (cf. At 2, 1-12) descreve a vinda do Espírito Santo sobre a comunidade reunida no Cenáculo, em Jerusalém. A Comunidade reunida estava com medo das perseguições e, ao mesmo tempo, esperava o cumprimento da promessa de que o Espírito Santo seria derramado sobre todo ser vivo (cf. Jl 3, 1). Em Pentecostes, a missão da Igreja se inicia e ela adentra no dinamismo do Espírito Santo, que é alma da Igreja e força para o cumprimento de sua missão, conforme nos dizia o Papa João Paulo II: “O Espírito Santo é o protagonista da missão” (cf. RM 21). A pentecostalidade faz com que a Igreja não ceda ao medo, mas, revestida da coragem do Espírito, testemunhe a força de vida que envolve o Cristo Ressuscitado. O anúncio e o testemunho da Palavra visam a salvação da pessoa, e não a ótica proselitista, mercadológica e quantitativa de pertença a uma comunidade específica.

A unidade de Pentecostes deve impulsionar os cristãos a testemunharem a importância da unidade. Para Lima, a busca da unidade é

marca de uma Igreja que vive ao mesmo tempo sua catolicidade e sua pentecostalidade. Ele afirma que, “quando a paixão pela unidade invadir o coração de cada cristão, certamente o testemunho da Igreja será mais forte e impactante nessa sociedade fragmentada e machucada pela divisão”¹⁵⁷.

Em Atos 8, encontramos o relato acerca do Pentecostes da Samaria. A narrativa mostra Filipe explicando o texto do profeta Isaías para o eunuco etíope que pede para si o batismo. Este texto também traz uma grande contribuição pastoral para estes tempos: o anúncio querigmático deve acontecer, porém, acompanhado de uma catequese que permita uma compreensão mais aprofundada do sacramento, para que o mesmo não seja reduzido e o engajamento na comunidade possa gerar frutos para o Reino de Deus.

No capítulo 10, encontramos o relato do Pentecostes na casa do centurião Cornélio (cf. At 10). Um homem que não era judeu, porém respeitoso e bondoso, teve a visão de que deveria enviar seus homens a Pedro. De maneira recorrente, este tem uma visualização, aceita o chamado dos servos de Cornélio para ir até à sua casa e, naquele ambiente, sem nenhum constrangimento por estar pisando na casa de um pagão, anuncia-lhe o querigma, e todos aqueles que lá estão são batizados. Campos entende que “a pentecostalidade torna possível a reconciliação entre os povos, provoca a interculturalidade e faz com que as diferenças sociais não sejam um problema para construir uma comunidade carismática, senão seu enriquecimento”¹⁵⁸.

Há o relato do Pentecostes efésino, que acontece no capítulo 19. Paulo chega em Éfeso e pergunta àqueles que lá estavam se haviam recebido o Espírito Santo, e eles afirmam que nem sabiam da existência do Espírito Santo, e assim são batizados, recebendo o Espírito Santo. O Espírito Santo sempre gerará inclusão e respeito à diversidade. Não houve qualquer tipo de agressão, tanto em Jerusalém como na Samaria, bem como na casa de Cornélio e em

¹⁵⁷LIMA, A.; CAMPOS, B. O conceito de pentecostalidade: uma contribuição pentecostal para a unidade da Igreja. **Pistis Praxis**, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 728-747, Setembro/Dezembro 2019. p. 742.

¹⁵⁸CAMPOS, B. **O princípio da Pentecostalidade Hermenêutica, história e Teologia**. São Paulo : Recriar, 2018. p. 64.

Éfeso. A verdadeira pentecostalidade gera inclusão, respeita as diferenças e tem o Reino como seu único e verdadeiro objetivo.

O contexto atual desafia as mais variadas expressões do pentecostalismo, presas muitas vezes a um comportamento sectário, a entenderem que quem está no Espírito Santo não pode fomentar divisão, ao contrário, precisa fomentar a unidade do corpo de Cristo. A pessoa conduzida pelo Espírito precisa olhar para a realidade que o rodeia, fazer a hermenêutica dessa situação, respeitar sempre a cultura e, ao mesmo tempo, permeá-la com os valores do Evangelho. De maneira semelhante, precisa ser dócil ao Espírito para olhar para a sociedade e reconhecer que há traços que destoam claramente da proposta do Evangelho, e assim revestidos de um espírito profético, a boa nova deve ser anunciada. Para Oliveira, “há uma ética da pentecostalidade que se desprende da experiência com a presença do ressuscitado e que exige uma moralidade consequente com essa presença, por exemplo, a santidade de vida e o compromisso solidário com os pobres”¹⁵⁹.

A pentecostalidade precisa ser compreendida como categoria teológica que nos permite interpretar a ação do Espírito Santo para além das Igrejas pentecostais. A pentecostalidade é o carisma que fez possível a instituição eclesial. Para Campos, “a história da Igreja precisa ser interpretada como a história do conflito entre o carisma e a instituição: a história do predomínio (manifestação) de uma contra a repressão (ou latência) do outro”¹⁶⁰. Libânio oferece uma contribuição muito interessante dentro desse conflito. Para ele,

quanto mais a instituição perde o elã carismático, mais o carisma se faz selvagem, anti-institucional. A distância parece grande, chegando à quase-ruptura entre ambos. Por sua vez, quando o carisma perde a virulência profética, aproxima-se da instituição, quando esta então se torna mais maleável para assimilar o carisma sem rejeitá-lo¹⁶¹.

¹⁵⁹OLIVEIRA, D. M. D. Pentecostalidade da missão latino-americana: Uma nova reforma na Igreja? **Reflexus - Revista Semestral de Teologia e ciências da Religião**, Vitória, v. 5, n. 6, p. 89-98, 2011. p. 101.

¹⁶⁰CAMPOS, B. **O princípio da Pentecostalidade Hermenêutica, história e Teologia**. São Paulo : Recriar, 2018. p. 77.

¹⁶¹LIBANIO, J. B. **Os carismas na Igreja do terceiro milênio**. São Paulo: Loyola, 2007. p. 68.

O Concílio Vaticano II, apesar de ter sido obra da Igreja-instituição em última instância, impregnou-se de suave perfume carismático, exalando-o para toda a Igreja.

Para Oliveira, “desde esta óptica, a experiência pentecostal tanto antiga como atual, é uma experiência genuína do Espírito Santo em uma comunidade de crentes que se auto definem como “pentecostais”¹⁶². Para Lima, um cristão comprometido com a práxis pentecostal é conseqüentemente “alguém que não fica indiferente diante das injustiças, do sofrimento humano e da divisão que promove escândalo. É um cristão no caminho da unidade”¹⁶³.

Concluindo, Lima afirma que

o evento Pentecostes não é simplesmente um evento em que pentecostais se baseiam para fundamentar suas perspectivas eclesiais. Muito mais que isso, Pentecostes é o evento que dá início escatológico à Igreja cristã. Daí a dimensão da pentecostalidade estar presente em cada comunidade cristã. Toda Igreja que tem Jesus como centro está fundamentada no princípio da pentecostalidade. Toda Igreja cristã é católica, no sentido universal, toda Igreja cristã é também marcada pelas práticas religiosas moldadas pelo acontecimento de Pentecostes, pela pentecostalidade. Ou seja, é possível procurar e encontrar uma pentecostalidade manifesta na catolicidade¹⁶⁴.

2.2.2 - A dimensão carismática da Igreja

O objetivo da abordagem referente aos carismas dentro deste trabalho passa pelo entendimento da carismaticidade, como algo inerente a todo cristianismo, e não como privilégio de segmentos específicos e restritos. O elemento carismático certamente não é uma novidade do pentecostalismo. Oliveira, fazendo referência ao teólogo católico Mario de França Miranda, vê na pentecostalidade “um princípio último de nosso relacionamento com Deus e entre nós. Nesse sentido, o referido autor afirma que “todo cristão ou todo

¹⁶²CAMPOS, B. **Hermenêutica do Espírito - Uma proposta para hermenêutica pentecostal**. São Paulo: Recriar, 2018. p. 69.

¹⁶³LIMA, A.; CAMPOS, B. O conceito de pentecostalidade: uma contribuição pentecostal para a unidade da Igreja. **Pistis Praxis**, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 728-747, Setembro/Dezembro 2019. p. 746.

¹⁶⁴LIMA, A.; CAMPOS, B. O conceito de pentecostalidade: uma contribuição pentecostal para a unidade da Igreja. **Pistis Praxis**, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 728-747, Setembro/Dezembro 2019. P. 736.

membro da Igreja é, sem mais, carismático”¹⁶⁵. É o único Espírito, que todos recebemos, que constitui a unidade do corpo (1Cor 12,13). O Espírito Santo vem sempre sobre a Igreja toda, não podendo ser reclamado como prioridade por ninguém individualmente. Nenhuma realidade cristã pode reivindicar para si o monopólio do Espírito Santo e dos dons. É assim desde a primeira comunidade pentecostal, de acordo com Atos 2, mesmo que na história da Igreja pareça, até hoje, ser diferente.

Entendendo toda a Igreja como realidade carismática. Moltmann afirma que “os carismáticos podem ser definidos não como algumas poucas pessoas eleitas e extraordinárias, mas como todos os que creem, pois, de acordo com a promessa bíblica, o Espírito é “derramado sobre toda a carne”¹⁶⁶. Consequentemente, a Igreja de Cristo é para Paulo o lugar da “revelação do Espírito”. Os carismas estão relacionados à pessoa do Espírito Santo, e na Sagrada Escritura, já no Antigo Testamento, verifica-se a manifestação de carismas extraordinários como curas e milagres sendo relatados em diversos textos, ainda que em muitos destes relatos a pessoa do Espírito nem seja mencionada, devido à compreensão de que a revelação do Espírito se dá após a glorificação do Filho através do mistério pascal.

No livro dos Números, há um relato de manifestação do carisma de profecia. Dois jovens, Eldad e Medad, experimentam uma efusão do Espírito e começam a profetizar no acampamento (cf. Nm 11, 24-30). Nos livros dos Reis (1 e 2), também temos relatos de manifestações do carisma de milagres. No início do ciclo do profeta Elias, encontra-se o relato de milagre que descreve a multiplicação da farinha e do azeite para saciar a fome da viúva de Sarepta. Presencia-se também o relato de ressuscitação do filho dessa mulher, bem como no ciclo do Profeta Eliseu verifica-se outros relatos semelhantes.

Villas Boas diz que “o Novo Testamento entende por “carismas”, do grego *charis*, graça, os dons excepcionais feitos a certos crentes para o bem

¹⁶⁵OLIVEIRA, D. M. D. Pentecostalidade da missão latino-americana: Uma nova reforma na Igreja? **Reflexus - Revista Semestral de Teologia e ciências da Religião**, Vitória, v. 5, n. 6, p. 89-98, 2011. p. 91

¹⁶⁶MOLTMANN, J. **A fonte da vida - O Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002. P. 66.

da comunidade; são dons dados para a edificação da comunidade”¹⁶⁷. A palavra *carisma* aparece apenas 14 vezes nos documentos conciliares. Na *Lumen Gentium*, 6 vezes; na *Dei Verbum*, 1 vez; no Decreto *Ad Gentes*, 3 vezes; no Decreto *Presbyterum Ordinis*, 2 vezes; e no Decreto *Apostolicam Actuositatem*, 2 vezes. Para Santana, o significado geral e fundamental de carisma poderia ser “o dom concedido por pura benevolência que é, ao mesmo tempo, o objeto e o resultado da graça divina, do que presente que Deus faz aos homens”¹⁶⁸.

Villas Boas complementa que

para a comunidade primitiva, os dons carismáticos não eram necessariamente extraordinários, como por exemplo a administração [*kybernesis*]. Contudo, ao longo da História sempre houve tensões entre carisma e instituição, desde o movimento montanista do período patrístico, no qual Tertuliano adere, de modo que a compreensão de *carismata* se reduziu a novas formas de pneumática. Com a “reviravolta constantiniana” e a criação de um cristianismo Imperial, os carismas enquanto dons espirituais vão sendo instituídos em funções ministeriais, das quais os membros ordenados, como funcionários religiosos oficiais, se tornam os dispensadores das graças, e, portanto, os “espirituais”, enquanto os demais membros do povo vivem uma vida “mundana”.

Complementando essa abordagem sobre os carismas dentro da Sagrada Escritura, no ministério de Jesus também presenciamos, conforme relatos evangélicos, curas, milagres, exorcismos, ressuscitações, entre outros sinais. Na conclusão do Evangelho de Marcos, os discípulos são enviados com a garantia de que sinais acompanhariam a evangelização, conforme as palavras de Jesus: “Ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado. Estes são os sinais que acompanharão os que tiverem crido (...)” (cf. Mc 16, 18). Para Catão, “como Jesus, inclusive depois de ressuscitado, o Espírito se faz ver e apalpar de modo todo especial na comunidade cristã através de seus carismas”¹⁶⁹.

¹⁶⁷VILLAS BOAS, A. CARISMA In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus Paulinas, 2015.

¹⁶⁸SANTANA, L. F. R. **Recebereis a força do Espírito Santo - Traços de uma pneumatologia bíblica**. São José dos Campos: ComDeus, 2000. p. 77.

¹⁶⁹CATÃO, F. **Crer no Espírito Santo**. São Paulo: Salesiana, 2011. p. 63.

No livro dos Atos dos Apóstolos, são diversos os textos que evidenciam e comprovam a evangelização acompanhada de sinais; mas já em escritos anteriores aos evangelhos, percebe-se claramente a evidenciação destes dons carismáticos. Na primeira carta aos Coríntios, destaca-se o texto clássico sobre os carismas nos capítulos 12, 13 e 14. No capítulo 14, Paulo afirma à comunidade que esta deve sempre procurar a caridade, mas aspirar aos dons do Espírito, sobretudo à profecia (cf. 1Cor 14, 1); não obstante, o hino a caridade, no capítulo 13, ressalta o dom do amor como elemento prioritário; porém, é no capítulo 12 que se encontra a famosa catequese sobre os dons. Na primeira parte (cf. 1Cor 12, 1-11), Paulo elenca os carismas, e na segunda parte (cf. 1Cor 12, 12-30), a partir da analogia da comunidade com o Corpo de Cristo, temos a evidenciação do carisma de apóstolos, profetas e doutores.

Para Clark e Healy,

As Escrituras usam um vocábulo rico para descrever os carismas. Em 1Cor 12, 1-7, Paulo usa nada menos do que cinco termos. Ele os chama de “dons espirituais” (*pneumatika*, literalmente “espirituais”) porque eles são dados pelo Espírito Santo (*pneuma*). Eles são “carismas”, porque são dados livremente. Eles são “diferentes tipos de serviços” porque toda vez que nós usamos um dom, o próprio Espírito Santo está trabalhando por meio de nós. E eles são “manifestações do Espírito”, porque eles tornam evidente a presença do Espírito Santo para os outros¹⁷⁰.

Na carta aos Romanos, Paulo fala de profecia e então acrescenta dons de serviço, de ensino, de encorajamento, de assistência nas necessidades alheias, de liderança e de demonstração de misericórdia (cf. Rm 12, 6-8). Na carta aos Efésios, ele usa uma palavra diferente para dom (*doma*), e então lista apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Em Ef 4, 8-11 e na primeira carta de Pedro é dito que “como cada um recebeu um dom, devemos “usá-lo para servir uns aos outros, como bons dispensadores da variada graça de Deus” (cf. 1Pd 4,10). O caráter de serviço à comunidade que envolve os dons é destacado de maneira objetiva dentro dos escritos paulinos.

Percebe-se nos carismas um elemento pneumatológico, pois é o Espírito que concede seus dons a cada um conforme lhe apraz, e, ao mesmo tempo,

¹⁷⁰CLARK, R.; HEALY, M. **Manual de dons espirituais**. São José dos Campos: ComDeus, 2020. p. 24.

eclesiológico, uma vez que são concedidos para a edificação da Igreja. Para Cantalamessa, na realidade da Igreja destacam-se dois níveis: o nível da unidade, ou da comunhão (*koinonia*), e o nível da diversidade, ou do serviço (*diakonia*); e diz-nos também que os carismas pertencem a este segundo plano. Para ele, os carismas são “a expressão da riqueza, do dinamismo e da variedade da Igreja; eles fazem com que a Igreja seja não apenas um “corpo bem estruturado e conectado”, mas também “articulado de acordo com a energia própria de cada membro”¹⁷¹.

Para Catão, o grande desafio para a pneumatologia passa pela ampliação da compreensão dos carismas. O autor define os carismas como

dons hierárquicos sacramentalmente conferidos aos que são chamados ao serviço da comunidade. São carismas as graças especiais concedidas a líderes espirituais, reconhecidos como santos ou como cabeças de movimentos ou instituições promotoras da espiritualidade cristã e da santidade. São carismas os dons dos que desempenham algum papel na comunidade como testemunhas da fé, pelo exemplo ou pela atividade catequética ou teológica. São carismas as manifestações de profecia e de glossolalia, as curas e os exorcismos, a emoção que perpassa a comunidade em prece, facilitando às pessoas o abrir de seu coração a Deus. São carismas as graças especiais concedidas a cada um de nós, para vivermos como fiéis a Jesus nossa vida concreta, familiar, profissional, social e política. A dificuldade da teologia dos carismas é trabalhar com essa multiplicidade de significados, evitando a univocidade, pois em cada caso se tem um significado específico, mas sem cair na pura equivocidade, como se a questão se resumisse a uma simples diferença de nomes¹⁷².

Encerrando a definição conceitual do carisma, cito o texto da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que afirma:

Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cfr. Jo. 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cfr. Ef. 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cfr. Jo. 4,14; 7, 38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cfr. Rom. 8, 10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como

¹⁷¹CANTALAMESSA, R. **A sóbria embriaguez do Espírito**. São José dos Campos: ComDeus, 2019. p. 96.

¹⁷²CATÃO, F. **Crer no Espírito Santo**. São Paulo: Salesiana, 2011. p. 66.

num templo (cfr. 1 Cor. 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cfr. Gl. 4,6; Rom. 8, 15-16. 26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cfr. Jo. 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef. 4, 11-12; 1 Cor. 12,4; Gl. 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: «Vem!» (cf. Ap. 22,17). Assim a Igreja toda aparece como «um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. LG 4).

Em relação aos bastidores conciliares, Villas Boas acrescenta que em relação aos debates entre as posturas do Cardeal Rufini e do Cardeal Suenens no Vaticano II, o primeiro grupo liderado por Rufini “era defensor da concepção de carisma da Cristandade, e o segundo grupo via os carismas como algo que é parte da dimensão pneumatológica da Igreja, e que diz respeito à liberdade para agraciar seu povo”¹⁷³. Para Cantalamessa, em relação ao texto conciliar, fica claro qual é a missão dos carismas: “eles são destinados a fazer os fiéis “aptos e prontos” a assumirem responsabilidades para a renovação interior e para a expansão da Igreja. O propósito dos carismas é, portanto, a *diakonia*, o serviço, o ministério”¹⁷⁴.

2.2.3 - Os carismas – Da cessação a restauração

Para Clark e Healy, a Igreja tem duas dimensões complementares: “a carismática e a institucional. A carismática refere-se à distribuição dos carismas do Espírito Santo entre todos os fiéis, por Sua própria iniciativa; e a institucional refere-se à estrutura de liderança hierárquica da Igreja”¹⁷⁵. Ambas são maneiras pelas quais o Espírito Santo está trabalhando na Igreja e possuem a sua devida importância; porém, sobretudo na Igreja Católica, veremos que o elemento institucional, ao longo da história, vai prevalecendo sobre o elemento carismático. Nesta parte desenvolverei este conflito.

O objetivo desta sessão é trabalhar a dimensão carismática como realidade intrínseca da Igreja, com o intuito de compreendermos a riqueza

¹⁷³VILLAS BOAS, A. CARISMA In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus. Paulinas, 2015. p. 78.

¹⁷⁴CANTALAMESSA, R. **A sóbria embriaguez do Espírito**. São José dos Campos: ComDeus, 2019. p. 102.

¹⁷⁵CLARK, R.; HEALY, M. **Manual de dons espirituais**. São José dos Campos: ComDeus, 2020. p. 26.

plural da manifestação do Espírito, e não o estímulo à busca desenfreada de dons. Pertinente é a observação de Dalbesio ao afirmar que “experimentar sensações extraordinárias [...] não significam, por si mesmos, mover-se animado pelo Espírito, cuja inspiração conduz a Cristo”¹⁷⁶. Para Campos, a partir de Pentecostes, a história do cristianismo registra múltiplas instâncias de manifestação do Espírito Santo.

O testemunho destas manifestações é bastante abundante. Não obstante, a compreensão de cada uma delas, como evidências da operação do Espírito, nem sempre é clara. Por certo, não todas as manifestações de caráter carismático que se tem registro ocorreram dentro de um contexto regido por uma fé católica ou ortodoxa. Algumas estiveram associadas a heresias que a cristandade católica (no sentido histórico, ortodoxo e universal) recusou firmemente. Mas em outros casos, as expressões pentecostais foram conforme às pautas bíblicas e no marco da sã doutrina neotestamentária¹⁷⁷.

Nos Padres da Igreja, encontramos vários relatos de manifestações carismáticas. Ainda que no ocidente se constate um arrefecimento e um esfriamento no exercício dos dons, que fortalecerá o surgimento da corrente cessionista, que afirmará que os dons ficaram restritos à era apostólica, não obstante a isso, os relatos a seguir evidenciam o uso dos dons carismáticos nas comunidades cristãs.

Há referências dispersas a dons carismáticos em outros escritos cristãos primitivos. De acordo com Anderson,

o bispo Inácio de Antioquia (+107) escreveu sobre uma capacidade de compreender coisas celestiais e seu dom especial, que ele devia “refrear com humildade”. A Didaché e o Pastor de Hermas reconheceram que o profeta fala no Espírito, e o autor de Hermas foi “arreatado pelo Espírito” quando teve visões. O bispo Clemente de Roma disse aos coríntios que “um derramamento pleno do Espírito Santo estava sobre todos vós”, e Justino Mártir escreveu: “Agora é possível ver entre nós mulheres e homens que possuem dons do Espírito de Deus”¹⁷⁸.

¹⁷⁶SANTANA, L. F. R. **Recebereis a força do Espírito Santo - Traços de uma pneumatologia bíblica**. São José dos Campos: ComDeus, 2000. Apud DALBESIO, A. **Lo Spirito Santo nel Nuovo Testamento, nella chiesa, nella Vita Del Cristiano**, p. 260-261.

¹⁷⁷CAMPOS, B. **O princípio da Pentecostalidade Hermenêutica, história e Teologia**. São Paulo : Recriar, 2018. p. 70.

¹⁷⁸ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 32.

Irineu de Lyon, na sua obra contra as heresias, afirma que são inumeráveis os carismas na Igreja.

Eis por que em seu nome os seus verdadeiros discípulos, depois de ter recebido dele a graça, agem para o bem dos outros homens, conforme o dom que cada um recebeu dele: alguns expulsam os demônios, com tanta certeza e verdade, que, muitas vezes, os que foram libertos destes espíritos maus creram e entraram na Igreja; outros têm o conhecimento do futuro, visões e oráculos proféticos; outros impõem as mãos sobre os doentes e lhes restituem a saúde; e como dissemos, também alguns mortos ressuscitaram e ficaram conosco por muitos anos. E que mais? Não é possível dizer o número de carismas que, no mundo inteiro, a Igreja recebeu de Deus, no nome de Jesus Cristo, crucificado sob Pôncio Pilatos e que distribui todos os dias em prol dos homens, a ninguém enganando e não exigindo dinheiro de ninguém: porque como de graça recebeu de Deus de graça distribui¹⁷⁹.

Na mesma obra, Irineu cita carismas extraordinários como as línguas e a profecias.

Por isso o Apóstolo diz: Falamos de sabedoria entre os perfeitos, chamando perfeitos os que receberam o Espírito de Deus e que falam todas as línguas graças a este Espírito, como ele fazia e como ainda ouvimos muitos irmãos na Igreja, que possuem o carisma profético e que, pelo Espírito, falam em todas as línguas, revelam as coisas escondidas dos homens, para sua utilidade e expõem os mistérios de Deus¹⁸⁰.

Basílio Magno, em sua obra sobre o Espírito Santo, fala de um homem chamado Gregório, o Grande, sobre o qual se destacava a manifestação de determinados dons:

E onde havemos de colocar Gregório, o Grande, com suas palavras? Por que não com os apóstolos e os profetas, se foi um varão com espírito idêntico ao deles, se Durante toda a vida seguiu as pegadas dos santos e sempre conservou tão exatamente o modo de viver evangélico? Teve contra os demônios terrível poder, por obra do Espírito Santo. Recebeu a graça de tal eloquência para levar as nações à obediência da fé que, tendo encontrado no começo apenas dezessete cristãos, levou o povo inteiro, cidadãos e camponeses, ao conhecimento de Deus. Desviou o leito dos rios, ordenando-

¹⁷⁹IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 1995. 32, 4. (Coleção Patrística, 4).

¹⁸⁰IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 1995. 6, 1. (Coleção Patrística, 4).

lhes no poderoso nome de Cristo e secou um pântano, objeto de litígio entre irmãos ambiciosos. Suas predições foram tais que em nada cede o passo aos grandes profetas. Em resumo, seria longo demais narrar por extenso seus milagres. Por causa da superabundância dos carismas produzidos nele pelo Espírito, enquanto obras de poder, sinais e prodígios, era proclamado segundo Moisés até pelos inimigos da Igreja¹⁸¹.

Tertuliano, em seu tratado sobre o batismo, afirma que é por ocasião deste que os carismas são distribuídos:

Vós sois abençoados, por vós a graça de Deus está esperando, quando vós vindes do banho mais sagrado do novo nascimento, quando vós abris vossas mãos em oração pela primeira vez na casa da vossa mãe com vossos irmãos, pedi Sua herança, a distribuição de carismas... “Pedi”, diz ele, “e vós recebereis”¹⁸².

De maneira semelhante a Tertuliano, Hilário também faz a relação da distribuição dos dons com o batismo:

Nós que renascemos através do sacramento do batismo experimentamos intensamente quando sentimos dentro de nós os primeiros indícios do Espírito Santo. começamos a ter uma visão sobre os mistérios da fé; somos capazes de profetizar e de falar com sabedoria. Nós nos tornamos firmes na esperança e recebemos abundantes dons de cura. Demônios são submetidos à nossa autoridade. Esses dons entrem-nos como uma chuva suave. Pouco a pouco eles trazem frutos abundantes¹⁸³.

Clark e Healy afirmam que Agostinho assumiu como um jovem bispo “que os milagres e outros dons sobrenaturais só ocorreram durante os estágios iniciais de crescimento da Igreja. Tais carismas, ele pensava, cessaram após a época dos apóstolos”¹⁸⁴. Mas, Agostinho mudou de ideia quando ele testemunhou muitas curas notáveis em sua própria catedral de Hipona, de modo que ele não podia mais negar que Deus continuava fazendo milagres também naquele tempo.

Eu percebi quantos milagres estavam ocorrendo em nossos dias... e como seria errado permitir que a memória destes milagres do poder divino seja esquecida entre o povo... Faz apenas dois anos que a manutenção dos registros começou

¹⁸¹BASILIO DE CESAREIA. **Tratado sobre o Espírito Santo**. São Paulo: Paulus, 1998. n. 74. (Coleção Patrística, 14)

¹⁸²TERTULIANO. **O sacramento do batismo - Teologia pastoral do batismo segundo Tertuliano**. Petrópolis: Vozes, 1981. n. 20.

¹⁸³CLARK, R.; HEALY, M. **Manual de dons espirituais**. São José dos Campos: ComDeus, 2020. p. 83. Apud HILÁRIO DE POITIERS, *Tratado sobre os salmos*, 64. 14-15.

¹⁸⁴CLARK, R.; HEALY, M. **Manual de dons espirituais**. São José dos Campos: ComDeus, 2020. p. 83.

aqui em Hipona, e já, neste momento, temos mais de setenta milagres atestados¹⁸⁵.

Agostinho também vai mencionar os carismas extraordinários em seus comentários sobre os Salmos:

Vou repetir o que já vos é notório. Quem jubila não pronuncia palavras. O júbilo é som alegre, sem palavras. É a voz da alma, transbordante de alegria, a exprimir quanto possível seu afeto, sem dar-lhe sentido preciso. O homem, com alegria e exultação inexprimíveis e ininteligíveis, deixa transbordar sua alegria, sem palavras. Demonstra na voz a alegria, mas repleto de excessivo gáudio, não o explica oralmente. Verifica-se o fato, mesmo nos que cantam canções desonestas. Sem dúvida, não é dessa espécie o nosso júbilo. Jubilamos na justiça e eles na iniquidade. Nós na confissão, eles na confusão¹⁸⁶.

Para Clark e Healy, “havia várias razões para este declínio, um deles seria a legalização do cristianismo no quarto século; significava que agora era seguro e às vezes até socialmente vantajoso tornar-se um Cristão”¹⁸⁷.

Anderson analisa que

depois do tempo de Orígenes (c. 184-254), a maioria dos autores da igreja ocidental parecia pensar que os dons carismáticos eram dos tempos bíblicos e haviam cessado. Orígenes negava que a profecia ainda ocorresse na Igreja e insinuou que o falar em línguas de Paulo seria a habilidade de falar grego e latim, embora ele visse dons espirituais como cura e exorcismo como evidências do poder validador de Cristo, assim como Novaciano (+258), outro autor do século III que disse que a igreja é aperfeiçoada por dons do Espírito. Cipriano de Cartago (c. 200-258) disse que os carismas eram prerrogativa exclusiva dos bispos.¹⁸⁸

Fato é que nos séculos que se seguiram à época Patrística, o uso dos dons espirituais diminuiu, embora nunca tenham desaparecido completamente da vida da Igreja. João Crisóstomo (347-430), a quem é atribuída a definição de que os carismas tinham cessado, pois sua manifestação foi restrita à era

¹⁸⁵AGOSTINHO. **A cidade de Deus - Parte II**. Petrópolis: Vozes, 2012. 8, 22.

¹⁸⁶AGOSTINHO. **Comentário aos salmos (51-100)**. São Paulo: Paulus, 2020. 99, 4. (Coleção Patrística 9/1).

¹⁸⁷CLARK, R.; HEALY, M. **Manual de dons espirituais**. São José dos Campos: ComDeus, 2020. p. 90.

¹⁸⁸ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 33.

apostólica, foi um tanto ambíguo quanto a esse assunto. Ao mesmo tempo em que disse que as ocasiões em que se falava em línguas no NT eram “sinais adaptados àquele tempo” que havia passado, fez uma pergunta retórica: “Pois quem espera, nestes dias, que aqueles em que as mãos são impostas para que recebam o Espírito Santo devam começar imediatamente a falar em línguas? (Ninguém!)”. Ele ainda afirma que:

Se a pregação deve vencer, e não necessita da eloquência para que a cruz não perca o poder, por que os sinais agora cessaram? Por quê? É qual incrédulo que assim te exprimes, e não aceitas que eles se realizavam no tempo dos apóstolos, ou verdadeiramente perguntas buscando saber?¹⁸⁹

Outro fator que pode ter sido decisivo para uma mudança de visão em relação aos carismas pode ter sido a crise montanista. Montano, nascido na Frigia, Ásia Menor, por volta dos anos 155-160, tornou-se sacerdote do deus Apolo Lairbeno. Convertido ao cristianismo, sentiu-se, num dado momento, não só o porta-voz, mas a encarnação do Espírito Santo. Afirma Frangiotti que o pensamento de Montano era que com ele chegara a “era do Espírito Santo, a revelação perfeita: “Vim, não como anjo ou mensageiro, mas como o próprio Deus Pai”, “Sou o Pai, o Filho e o Espírito Santo”, “Vede, o homem é como a lira, e eu sou o arco; o homem dorme, e eu velo...”¹⁹⁰. Corroborando o dado, para Mondoni, “o montanismo nutria a expectativa de uma nova era iminente no mundo – a era do Espírito Santo –, e o núcleo de sua doutrina consistia na expectativa escatológica”¹⁹¹. Segundo Lacoste, Montano parece ter-se atribuído o nome de Paráclito, mas isso não prova que tenha se identificado com o Espírito Santo ou com outra das pessoas divinas. Sua doutrina é acompanhada de uma oposição à concepção ministerial-hierárquica da Igreja¹⁹².

A História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia vai descrever as atitudes de Montano da seguinte maneira:

¹⁸⁹JOÃO CRISÓSTOMO. **Comentário as cartas de São Paulo**. São Paulo: Paulus, 2010. (Sexta homilia, 5)

¹⁹⁰FRANGIOTTI, R. **História das Heresias (Séc. I a VII)**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 55.

¹⁹¹MONDONI, D. **História da Igreja na antiguidade**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 106.

¹⁹² MONTANISMO In: LACOSTE, J. Y. **Dicionário crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014. p. 1194.

Diz-se que, em Mísia, da Frígia, existe uma aldeia chamada Ardaban. Ali foi, dizem, que um recém-convertido à fé chamado Montano, pela primeira vez, em tempos de Grato, procônsul da Asia, saindo contra o inimigo com a paixão desmedida de sua alma ambiciosa de proeminência, ficou à mercê do espírito e de repente entrou em arrebatamento convulsivo como se possesso e em falso êxtase, e começou a falar e a proferir palavras estranhas, profetizando desde aquele momento contra o costume recebido pela tradição e por sucessão desde a Igreja primitiva¹⁹³ (Hist. Eccl. V, 16, 7).

Campos, ao analisar o pentecostalismo atual, faz uma afirmação contundente ao dizer que “as consequências da preparação de Montano foram intensas e fortes, pois séculos depois ainda existiam comunidades cristãs com um perfil semelhante ao de Igrejas pentecostais modernas”¹⁹⁴. Para Lenzenweger, “o montanismo quis ser uma nova profecia, retomando conscientemente a expectativa do fim, herdada do cristianismo primitivo; era uma volta às origens”¹⁹⁵, que em partes é o que o pentecostalismo que será descrito no próximo capítulo também possui como inspiração original.

De acordo com Fragiotti, são vários os motivos para o surgimento do Montanismo:

Primeiro, como fenômeno nascido da superstição religiosa ou fruto do milenarismo asiático influenciado pelo Apocalipse. Segundo, como uma tentativa de retorno à Igreja das origens, de reforma da Igreja, de retorno ao estado de perfeição e purezas. Terceiro, pode-se vê-lo ainda como um movimento político religioso que nasceu e se radicava nas igrejas das zonas rurais da Frígia contra as igrejas urbanas, que se pavoneavam em torno de seus bispos. Em quarto e último lugar, como reação do conservadorismo das regiões rurais, contra a “modernização” das igrejas urbanas, que se vão helenizando, enfraquecendo sua fisionomia original, carismática.

Ainda na Idade Média, a tensão com Joaquim de Fiore evidenciará essa dificuldade da instituição no relacionamento com a questão carismática. Joaquim de Fiore (1135-1202) simboliza vigoroso movimento messiânico e milenarista, que anuncia a nova “era do Espírito”, sucedendo ao tempo do Pai

¹⁹³EUSEBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo século, 1999. pg. 174.

¹⁹⁴CAMPOS, L. S. As origens norte-americanas do Pentecostalismo brasileiros: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, v. 67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005. p. 103.

¹⁹⁵LENZENWEGER, J. et al. **História da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2006. P. 39.

(AT) e ao Filho (NT). Depois da experiência de eremita, entra na ordem cisterciense. Torna-se abade, reconduzindo o monarquismo à estrita observância. Ao romper com a ordem cisterciense, funda filiais.

Congar traz a seguinte interpretação do movimento de Joaquim de Fiore:

Como o Espírito procede do Pai e do Filho, um entendimento espiritual procede do Antigo e do Novo Testamento: é o Evangelho eterno ou *Evangelium Regni* que deve suceder ao Evangelho de Cristo pregado e celebrado até então. Os personagens e os fatos do Evangelho de Cristo simbolizam realidades futuras na era do Espírito e na Igreja espiritual. Cada uma das três eras implica uma inauguração e uma espécie de epifania: a primeira foi inaugurada por Adão e confirmada nos patriarcas: é a era do Pai e, na história, a dos leigos; a segunda foi inaugurada em Ozias e frutificou a partir de Jesus Cristo; é a era do Filho e a dos clérigos; a terceira começou com São Bento e ainda vai se manifestar plenamente. Joaquim anuncia a instauração de uma era do Espírito, entendimento espiritual, do Evangelho eterno, que é e será a era dos monges, dos contemplativos, dos *virii spirituales*, intimamente penetrados pelo Espírito. Assim, ao tempo da letra sucederá o da liberdade do Espírito, um sábado de puro louvor¹⁹⁶.

Para Libânio, o corte carismático de Joaquim de Fiore manifestou-se “no sonho de uma Idade do Espírito Santo, ou, um estado e reino do Espírito. Muitos carismáticos têm o desejo de ver romper um tempo novo em que o Espírito se expande e supera o peso da realidade histórica, institucional até então vivida”¹⁹⁷. Fato é que os dissabores experimentados nas controvérsias e no conflito montanista e depois com o joaquinismo, podem, sim, ter influenciado este distanciamento e rejeição que a instituição, de certa maneira, manifestará em relação aos dons carismáticos, embora, de modo avulso, tenhamos relatos da manifestação destes em realidades ligadas a ordens religiosas, a alguns santos, porém, sempre com a dificuldade de separar o elemento lendário do fato em si.

Há ainda a contribuição de muitos místicos que, a partir de suas experiências, testemunharam que a manifestação dos carismas nunca cessou, como o místico exilado Simão, o Novo Teólogo (949-1022), que tinha

¹⁹⁶CONGAR, Y. **Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 167.

¹⁹⁷LIBANIO, J. B. **Os carismas na Igreja do terceiro milênio**. São Paulo: Loyola, 2007. p 109.

experiências extáticas, falava em línguas e chegou a escrever sobre o “batismo no Espírito Santo” como uma experiência separada do batismo na água. Gregório Palamas (1296-1359) escreveu sobre experimentar o Deus transcendente por meio do Espírito e sobre receber os carismas pela imposição das mãos, incluindo cura, milagres, línguas e interpretação de línguas. A Abadessa alemã Hildegard de Bingen (1098-1179) era conhecida por suas profecias destemidas e milagres. Entre outras santas místicas dos séculos XIII e XIV, estavam Gertrude de Helfa, Brigitta da Suécia e Catarina de Sena, todas tiveram experiências extáticas e dons espirituais. Vicente Ferrer, um missionário espanhol na Europa Ocidental, por volta de 1350, era famoso por seus dons de profecia e cura e, segundo relatos, falava e era entendido nas muitas línguas diferentes dos diferentes povos que evangelizava. Brunot define a experiência da Irmã Mariam de Jesus crucificado como o ápice para o qual convergem em tantas testemunhas do Espírito. Listam-se carismas como êxtases, estigmas, transverberação do coração, aparições, conhecimentos misteriosos, bilocação, possessão angélica, dom de poesia¹⁹⁸.

Com o advento da Reforma no século XVI, a posição dos reformadores também seguirá a linha de cessão da manifestação dos dons. Para Clark e Healy, desde o início, o movimento Protestante suspeitava de alguns dos dons quando afirmam que “os Luteranos e os Calvinistas acreditavam que certos dons tinham cessado, como os dons de curas, operações de milagres, línguas e interpretação de línguas”¹⁹⁹. Completam, ainda, afirmando que “esses dons teriam terminado com a morte dos apóstolos, ou (na opinião de alguns) com a canonização da Bíblia”²⁰⁰. Estes Protestantes acreditavam que não havia mais apóstolos ou profetas na Igreja depois da morte dos doze apóstolos originais e de Paulo.

Com o nascimento do pentecostalismo, a crença de que Deus estava restaurando seus dons como eles eram na era apostólica veio para dentro do Protestantismo. Clark e Healy chamam esta visão de continuacionismo

¹⁹⁸BRUNOT, A. **Mariam a carismática**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 39-73

¹⁹⁹CLARK, R.; HEALY, M. **Manual de dons espirituais**. São José dos Campos: ComDeus, 2020. p. 33.

²⁰⁰CLARK, R.; HEALY, M. **Manual de dons espirituais**. São José dos Campos: ComDeus, 2020. p. 34.

(segundo esta vertente, os dons estão continuando na Igreja), e esta, por sua vez, se opõe ao cessacionismo (para estes os dons da cura, milagres, línguas, interpretação de línguas e profecia tinham cessado). Hoje, o campo continuacionista, formado por Pentecostais, carismáticos e evangélicos da terceira onda, rejeitou esta tradicional visão Protestante dos dons.

Da mesma forma que a Igreja, durante séculos, conviveu com o conflito entre carisma-instituição, a partir do Vaticano II, embora seja reafirmada a carismaticidade da Igreja, agora com uma nova roupagem, percebe-se que a discussão em relação aos dons, em alguns aspectos, ainda permanece. Porém, conforme a definição de Catão, “a última coisa que se deve esperar dos carismas é que sejam considerados privilégios dos sujeitos que os recebam ou venham a se tornar fatores de divisão e de discriminação no seio da Igreja”²⁰¹. Um dos desafios do diálogo entre católicos e pentecostais reside justamente nessa questão. Catão, completando, diz que “os carismas transcendem as fronteiras históricas da Igreja e são sinais da vida eterna, da salvação universal, presente no coração de todo aquele que vive interiormente, segundo a liberdade do Espírito”²⁰².

Para Libânio, na dialética carisma e instituição, o lado protestante pende para o carisma e o católico para a instituição. A própria onda carismática que atinge hoje a Igreja Católica bebeu na fonte protestante americana e tem sido submetida no mundo católico ao controle da hierarquia. O carisma tende à multiplicação e a instituição à unificação. Isso talvez explique, em parte, por que o mundo evangélico se subdividiu em tantas Igrejas e denominações, enquanto o católico permaneceu firme na unidade até com o risco da uniformidade²⁰³.

Seja com o Concílio Vaticano II, seja com o pentecostalismo, seja com o surgimento dos mais variados movimentos que influenciaram no concílio, fato é que, no século XX, evidencia-se um profundo derramar do Espírito com manifestações carismáticas mais variadas, sejam elas de ordem mais extraordinária, sejam elas de caráter mais institucional, o que comprova essa diversidade que o Espírito opera na Igreja. A diversidade jamais será um problema, o desafio está em reconciliar esta diversidade e entender que as

²⁰¹CATÃO, F. **Crer no Espírito Santo**. São Paulo: Salesiana, 2011. p. 69.

²⁰²CATÃO, F. **Crer no Espírito Santo**. São Paulo: Salesiana, 2011. p. 69.

²⁰³LIBANIO, J. B. **Os carismas na Igreja do terceiro milênio**. São Paulo: Loyola, 2007. p. 79.

diferenças não devem nos opor, mas nos complementar, para assim vivenciar o que João Paulo II afirmou na *Veritatis Splendor*:

É Ele, de fato, que na Igreja suscita os profetas, instrui os mestres, guia as línguas, realiza prodígios e curas, produz obras admiráveis, concede o discernimento dos espíritos, confere os encargos de governo, sugere os conselhos, reparte e harmoniza os restantes dons carismáticos, tornando, assim, por toda a parte e em tudo plenamente perfeita a Igreja do Senhor (cf.VS 108).

2.2.4–Um “retorno” ao Cenáculo

É consensual entre muitos estudiosos dos fenômenos carismáticos ocorridos no século XX que alguns personagens e acontecimentos são peças-chave dentro deste processo. Uma dessas pessoas é Elena Guerra. Elena Guerra nasceu em Lucca, na Itália, a 23 de junho de 1835. Criada em ambiente profundamente religioso, católico, sempre fora muito devotada ao estudo da Sagrada Escritura e da Patrologia.

Em abril de 1870, juntamente com seu pai Antonio Guerra, em peregrinação pascal a Roma, expressou o desejo de visitar as Catacumbas dos mártires, o que viria a despertar nela o desejo da vida consagrada. Durante essa peregrinação, assistirá a uma audiência pública da terceira sessão conciliar do Concílio Vaticano I, na qual é aprovada a constituição *Dei Filius*, sobre a fé, e após uma visita ao Papa Pio IX, decide ofertar a sua vida a Deus. Com um grupo de amigas, dá início a uma associação aprovada com o nome de Pia União das amizades espirituais sob a informação de Maria Santíssima, Mãe do Belo Amor. Em 1872, com seu grupo de amigas, dará início a uma nova experiência de vida religiosa, e a Pia União será transformada na Congregação das Irmãs de Santa Zita. O apostolado desta obra concentrava-se na educação cultural e religiosa da juventude feminina.

Em 1893, uma senhora chamada Ermínia Georgetti se dirige a Elena Guerra para partilhar com ela uma inquietação, na qual lhe dirá o seguinte:

No meu interior a voz de Jesus me disse: gostaria que você dissesse à Madre que convocasse ao meu coração todos os fiéis em uma oração universal por meio da devoção do Novo Cenáculo... O Amor não é conhecido... O Amor não é amado... Meu coração não pode repousar nem mesmo nos corações a mim consagrados! Diga tudo à Madre... Diga-lhe que escreva

uma carta ao Santo Padre, pedindo-lhe que reúna todos os fiéis em contínua oração”²⁰⁴.

O diretor espiritual de Elena, Monsenhor Giovanni Volpi, comenta com Leão XIII, em uma visita à Roma, no ano de 1894, sobre a intenção de Elena em corresponder-se com ele; e assim, 17 de abril de 1895, Elena envia sua primeira carta ao Papa Leão XIII. Em sua primeira carta, escrita em 17 de abril de 1895, Elena faz a Leão XIII o seguinte pedido:

Somente o senhor pode fazer com que os cristãos retornem ao Espírito Santo, para que o Espírito Santo retorne a nós, abata o domínio do demônio e nos conceda a desejada renovação da face da terra. E se eu, miserável criatura que sou, posso arder para expor inteiramente este meu desejo, vos peço, ó Santidade, solicite a todos os Bispos que nas paróquias de suas dioceses, se faça este ano a Novena de Pentecostes²⁰⁵.

No total, Elena escreveu 14 cartas a Leão XIII; uma se perdeu e nem todas foram entregues, mas três delas geraram uma resposta para toda a Igreja: *Provida Matris Charitatae*, de 05 de maio de 1895, quando o Papa promulga a obrigação da Novena de Pentecostes para a Igreja inteira. Nesta breve, Leão XIII expressa também seu desejo de reconciliação para com os irmãos separados.

Impulsionados por esta consideração, pensamos em convidar, com a nossa presente Exortação, a piedade dos católicos, para que a exemplo da Virgem Maria e dos Santos Apóstolos, na iminente Novena de Pentecostes em preparação, dirijamo-nos concordes e com particular fervor a Deus, insistindo naquela oração: “Manda, Senhor, o teu Espírito criador, e renovará a face da Terra”. Desta exemplar concórdia entre os católicos, deste religioso empenho de oração ao Divino Paráclito, podemos esperar muito a reconciliação dos irmãos separados, da qual temos cuidados particularmente, para que também eles tenham o mesmo sentimento de Cristo Jesus, participando conosco um dia da mesma fé e esperança, estreitamente ligados pelo vínculo dulcíssimo da perfeita caridade²⁰⁶.

²⁰⁴REIS, R. B. **Escutai o Espírito Santo**. Porto Alegre: RCC Brasil, 2009. Apud: GUERRA, E., Mss. VI, 245, citado por ANDREINE, A. *La Voce Dello Spirito*, Edizioni San Paolo, 1998, p. 70-71.

²⁰⁵BRAGA, E. **Escritos de fogo**. RCC Brasil: Porto Alegre, 2009. p. 17-18.

²⁰⁶LEÃO XIII. **Provida Matris Caritate**. Vatican.va, 1897. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/briefs/documents/hf_l-xiii_brief_18950505_provida-matris.html>. Acesso em: 14 Agosto 2020.

Ao comentar a decisão do Papa Leão XIII, Elena afirma “que deste religioso empenho em orar ao Divino Paráclito, podemos esperar que se promova a reconciliação dos irmãos separados”²⁰⁷. Como resposta às inspirações de Elena Guerra, há ainda a encíclica *Divinum Illud Munus*, de 09 de maio de 1897, e a carta aos Bispos *Ad Fovendum in Christiano Populo*. Um destaque interessante relacionado à *Divinum Illud Munus* diz respeito ao pedido de Leão XIII para que toda a Igreja se volte à realização da Novena de Pentecostes. “Portanto, decretamos e ordenamos que em toda a Igreja Católica, neste ano e em cada ano subsequente, tenha lugar uma Novena antes do Domingo de Páscoa”²⁰⁸.

Uma atitude prática de Leão XIII, considerada hoje como uma contribuição valiosíssima para a retomada do estudo e da devoção do culto à pessoa do Espírito Santo está na celebração eucarística que marcava a passagem do século XIX para o século XX, mais especificamente na noite de 31 de dezembro de 1900 para o dia 01 de janeiro de 1901, quando entoou o *Veni Creator Spiritus* e consagra, assim, o século XX à pessoa do Espírito Santo. Naquela noite em que o Papa consagrava o século XX ao Espírito Santo, na cidade de Topeka (Kansas), nos Estados Unidos, na Escola Bíblica de Betel, um pastor oriundo do metodismo chamado Charles Fox Parham, atenderá ao pedido de uma aluna chamada Agnes Ozman, que juntamente com outros estava numa vigília de oração estudando o livro dos Atos dos Apóstolos. Ela pede ao Pastor que ore por ela, pois queria receber a bênção da efusão do Espírito Santo de maneira análoga aos pentecostais clássicos. Ela ora “em línguas” e evidencia, assim, no mundo contemporâneo, uma primeira experiência de batismo no Espírito Santo.

Reis testemunha que, em 2006, participou, em nome do Pontifício Conselho dos leigos, da celebração do centenário do pentecostalismo iniciado em Azusa Street, celebrado em Los Angeles, no Centro de Eventos dos Los Angeles Lakers. Neste evento, estavam presentes 30.000 pentecostais

²⁰⁷BRAGA, E. **Escritos de fogo**. RCC Brasil: Porto Alegre, 2009.p. 25.

²⁰⁸LEÃO XIII. **Divinum Illud Munus**. vatican.va, 1897. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_09051897_divinum-illud-munus.html>. Acesso em: 19 agosto 2020. n. 13.

evangélicos. O Pastor Jack Hayford, que coordenava as apresentações, lançou um livro intitulado “*The Charismatic Century*”, no qual conta os principais fatos do pentecostalismo no século precedente. Neste livro, são refletidos os papéis de Elena Guerra e Leão XIII bem como a oração de João XXIII pelo Concílio Vaticano II; e, surpreendentemente, os autores declaram:

Numa cultura dada ao cinismo, muitos podem menosprezar o poder daquela oração, de 01 de janeiro de dedicação do século 20 ao Espírito Santo, considerando-a como um mero exercício religioso. Mas olhando para trás a partir de nossa presente perspectiva, os eventos dos últimos 100 anos revelam que Deus estava movendo em e entre seu povo, moldando seu projeto para o século carismático²⁰⁹.

Para Hayford, o século carismático começa justamente com a consagração do século XX pelo Papa Leão XIII, por influência das correspondências de Elena Guerra que, por um desígnio providencial de Deus, será beatificada justamente pelo Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, pedindo para a Igreja a graça de um novo Pentecostes.

Na verdade, conforme observa Anderson, “carismas ou “dons espirituais” e formas de cristianismo extáticas ou “entusiastas” foram encontrados em todas as épocas, embora, às vezes, à margem da igreja “estabelecida”²¹⁰. Conforme veremos no próximo capítulo, sua incidência aumentou durante o século XIX, especialmente nos movimentos metodista e de Santidade e com os protestantes radicais, que defendiam ideias semelhantes. Sendo assim, os muitos e vários movimentos de avivamento na virada do século XX tiveram o efeito de criar mais um clima de expectativa e anseio pelo avivamento pentecostal.

Conclusão do capítulo

O Concílio Vaticano II foi um marco na história da Igreja no século XX. Suas contribuições foram fundamentais tanto para a Igreja Católica, como para o cristianismo de maneira geral. A Igreja Católica passa a afirmar que a Igreja de Cristo nela subsiste, reconhecendo a presença de elementos eclesiais em

²⁰⁹REIS, R. B. **Escutai o Espírito Santo**. Porto Alegre: RCC Brasil, 2009. P. 24. Apud: HAYFORD, J.; MOORE, D. **The charismatic century, The enduring impact of the Azusa Street Revival**. New York, Warner Faith, 2006. p. 224.

²¹⁰ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 51.

outras expressões cristãs e acolhendo as contribuições de vários movimentos. Mais especificamente direcionado a este trabalho, as contribuições do movimento ecumênico vão se abrindo ao movimento de unidade e dele passa a participar de maneira efetiva, ainda que os fatores que antecederem essa abertura tenham sido envolvidos por conflitos e tensões.

A ecumenicidade conciliar se manifesta desde o anúncio do concílio, com o claro posicionamento do Papa João XXIII de que a unidade dos cristãos seria sua prioridade; influencia de maneira clara tanto a realização do concílio como os resultados do mesmo. O *aggiornamento* esperado posiciona a Igreja de maneira adequada perante o mundo, a ciência, as outras religiões e as outras expressões eclesiais. A partir de uma eclesiologia relacional presente na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, que, por sua vez, deixa suas marcas no Decreto *Unitatis Redintegratio*, este espírito conciliar de unidade permeia o magistério de Paulo VI ao Papa Francisco na atualidade.

O diálogo é assumido como metodologia para as relações ecumênicas e determinados elementos pneumatológicos imputarão à Igreja a responsabilidade pela unidade dos cristãos. Assim, a pentecostalidade e a carismaticidade não são elementos que devem justificar a divisão ou qualquer tipo de posicionamento sectário; pelo contrário, devem ser elementos que insiram o cristão na dinâmica do Espírito que anima a Igreja. Aqui reconhecemos a pentecostalidade que envolve a Igreja cristã, bem como a carismaticidade que justifica a diversidade de expressões no cristianismo. Embora o pentecostalismo não tenha surgido de uma dissidência ou de um cisma, a reivindicação exclusiva da experiência pentecostal por parte de determinados setores, bem como um posicionamento sectário de isolamento por parte de outros, dificulta, por vezes, este diálogo e o propósito de comunhão; porém, a certeza de que o mesmo Espírito que sempre animou a Igreja, bem como a própria pneumatologia do Concílio Vaticano II, fazem dela uma realidade capaz de superar os desafios e, mediante o diálogo, extrair os melhores resultados em prol da unidade dos cristãos. A própria experiência pentecostal é interpretada por alguns numa perspectiva de unidade, quando vista sob o prisma das inspirações de Elena Guerra e do Papa Leão XIII.

CAPÍTULO 3 – PENTECOSTALISMO E CATOLICISMO, DIÁLOGO POSSÍVEL?

Introdução

Depois da análise das contribuições do movimento ecumênico que culminaram num novo posicionamento da Igreja Católica em relação à unidade dos cristãos, bem como das contribuições do magistério de João XXIII a Francisco e também da análise da eclesiologia e pneumatologia do Concílio Vaticano II e dos elementos de pentecostalidade e carismaticidade da Igreja, neste capítulo serão trabalhadas as raízes do movimento pentecostal, seus antecedentes e seu desenvolvimento, bem como tensões e conflitos que, por sua vez, influenciam o diálogo das mais diversas realidades cristãs com este segmento.

Na primeira parte do capítulo, serão desenvolvidas as raízes do movimento pentecostal. Embora muitos historiadores situem o surgimento desta realidade na primeira década do século XX, explanarei suas possíveis raízes num período anterior de dois séculos. Exploradas tais raízes, falarei sobre o desenvolvimento desta realidade, sobretudo no último século, bem como da formação de sua identidade, que, embora não seja homogênea, desafia o cristianismo num todo, não somente por questões doutrinárias, mas também por posturas fechadas e até sectárias por parte de determinados grupos, embora devam ser consideradas todas as contribuições que este movimento também tem dado, uma vez que é a realidade cristã com maior crescimento nas últimas décadas.

Depois de abordar as raízes e alguns aspectos do desenvolvimento dessa realidade, encaminharei uma reflexão acerca desta prática dentro da Igreja Católica denominada como pentecostalismo entre católicos, ou simplesmente Renovação Carismática Católica, que tem em comum a experiência com os dons carismáticos a partir do batismo no Espírito Santo, além de ser oportuno recordar que tanto o Papa Francisco como o Cardeal Suenens designam esta realidade como um mover de natureza ecumênica, devido à identidade, mas também às suas raízes. A análise desta realidade no presente trabalho dar-se-á pelas expectativas que giram em torno da mesma

em relação a contribuições significativas de diálogo com o segmento pentecostal.

Por fim, falarei sobre a comissão bilateral de diálogo católico-pentecostal instituída em 1972, seus trabalhos, que já se encontram na sexta fase, e as contribuições oriundas dos documentos produzidos por esta comissão ao longo de quase 50 anos, que estabelecem de maneira interessante as diferenças e semelhanças entre católicos e pentecostais, bem como as possibilidades de superação e entendimento para caminharem juntos naquilo que é comum. Encerrando o trabalho, trarei o testemunho de algumas plataformas de diálogo entre católicos e pentecostais e suas contribuições para a unidade dos cristãos.

3.1.1 – As características do movimento pentecostal

O termo “pentecostalismo” comumente é utilizado para designar o movimento carismático e as novas igrejas de denominações diferentes. Faz-se necessária a distinção entre o pentecostalismo denominacional ou “clássico” e esses outros movimentos dentro das igrejas mais antigas. O movimento carismático como um movimento religioso surgiu a partir das Igrejas evangélicas, batistas, metodistas, presbiterianas, episcopais, luteranas e Católica. A característica desse movimento é introduzir em suas respectivas igrejas elementos do pentecostalismo, como a doutrina do batismo no Espírito Santo, e alguns aspectos litúrgicos, sem abandonar seu tronco e nem seguir o pentecostalismo clássico. Para Wolff, “o pentecostalismo é um fenômeno global, multicultural, multidimensional e multiconfessional”²¹¹, que justifica sua heterogeneidade e sua identidade multifacetada.

Passos define o pentecostalismo como um segmento do cristianismo

que adota uma interpretação e uma prática marcadas pelo que consideram ser experiência do Espírito Santo, iniciada pelo batismo no Espírito e confirmada pelos dons das línguas – glossolalia – e das curas. Tem como características atuais a centralidade na experiência emocional, o culto de louvor efervescente, a tendência à leitura literal dos textos bíblicos e a prática do exorcismo²¹².

²¹¹WOLFF, E. Editorial. **Caminhos de diálogo**, Brasília, v. 4, n. 3, p. 7-9, Jan/Julho 2015. p. 7.

²¹²PASSOS, J. D. **Pentecostais origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 14.

Pode se afirmar claramente que não existe um pentecostalismo único e muito menos uniforme. Não há uma doutrina uniforme, liturgia padronizada e as Teologias divergem em alguns aspectos de uma denominação para outra. Para Rolim, “O pentecostalismo foi homogêneo apenas durante seus primeiros anos”²¹³. Diante dessa heterogeneidade, diversos autores utilizam categorias diversas para classificar os mais diversos pentecostalismos. Para Fajardo, “o campo pentecostal é amplo e complexo e apresenta denominações com posturas opostas em diversos aspectos. Há, inclusive, igrejas que se negam a serem classificadas neste grupo”²¹⁴.

Para Araújo

a diversidade mundial do pentecostalismo torna quase impossível falar de ‘uma’ teologia pentecostal”. Teologicamente, os pentecostais se caracterizam pelo arminianismo e defendem o livre-arbítrio. Creem na doutrina da Trindade, tendem a ser literais na interpretação bíblica e, frequentemente, são marcados pelo dispensacionalismo. O elemento que distingue o pentecostalismo não é tanto o seu culto emotivo e expressivo, mas sua pneumatologia: o pentecostalismo insiste no batismo com o Espírito Santo como evento posterior à conversão e na atualidade dos dons espirituais (charismata)²¹⁵.

A diversidade mundial do pentecostalismo e a ausência de uma teologia fazem com que este grupo seja cada vez mais fragmentado, o que justifica as mais diversas classificações quando se aborda o referido objeto, o que vai dificultando ainda mais a construção de um caminho de unidade. Mariano fala de um pentecostalismo **Clássico**, “cujo termo que se restringe a ideia de antiguidade ou pioneirismo histórico dessas denominações”. Esse termo pouco esclarece sobre as igrejas que nomeia; não revela suas semelhanças nem distinções internas. Completa o referido autor afirmando que

²¹³ROLIM, F. C. **Pentecostalismo Brasil e América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1995. P. 22.

²¹⁴FAJARDO, M. P. **O neopentecostalismo e as novas Igrejas pentecostais**. In: ABUMANSUR, E. S.; BARBOSA, C. A.; VALÉRIO, S. P. (ORGS.) **Pentecostalismos no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Reflexão, 2016. P. 21.

²¹⁵ Teologia Pentecostal In: ARAUJO, I. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 557

conhecendo-se, porém, a história do pentecostalismo nos EUA e no Brasil, a partir da designação **clássico** podemos inferir, embora não necessariamente, além do pioneirismo, a transformação da comunidade sectária numa instituição que ao longo do tempo ascendeu social e economicamente e, em busca da responsabilidade confessional, estimulou a formação teológica de seu clero (que antes baseava na inspiração do Espírito e recusava terminantemente o ensino teológico formal), distanciando o púlpito dos leigos; instituindo novas exigências além da posse de carisma para o exercício do pastorado; criando um corpo burocrático para administrar a igreja a fim de preservá-la para além da vida de seus fundadores; dificultando a ascensão à hierarquia eclesiástica; limitando e disciplinando as manifestações carismáticas em seu interior e diminuindo a rejeição ao mundo exterior promovendo (não sem retrocessos, lutas internas e cismas) sucessivas acomodações à sociedade inclusiva²¹⁶.

Oliveira, por sua vez, utiliza outra classificação. Para ele, na atualidade, geralmente se distingue, no pentecostalismo, quatro correntes importantes e duas variantes: “1) o pentecostalismo histórico; 2) o pentecostalismo clássico; 3) o pentecostalismo unicitário; 4) o movimento carismático ou neopentecostalismo; 5) a vertente pentecostal apostólico-profética e 6) as “agências de cura divina;” O pentecostalismo fez surgir, além disso, um ramo separado no cristianismo, que se deriva das renovações de tipo espiritual que aconteceram no Bethel Bible College (Topeka, Kansas) em 1901 e na Azusa Street Mission (Los Angeles, California), em 1906. Desses dois movimentos surgiram muitas congregações pequenas que, sucessivamente, se organizaram em Igrejas, como a Assembleia de Deus, fundada em 1914.

Outra classificação do Pentecostalismo é a de Anderson, na qual o pentecostalismo clássico pode ser dividido em quatro subtipos: “(a) Pentecostais de Santidade; (b) Pentecostais com influência Batista, (c) Pentecostais Unicitários e (d) Pentecostais Apostólicos, tanto unicitários quanto trinitários” .

Para o pentecostal clássico, a sua experiência do Espírito está arraigada na experiência pneumatológica do Povo de Deus no AT e NT. O Pentecostes (At 2) não é interpretado como uma doutrina, uma religião ou um mero movimento, mas uma experiência transformadora. Por meio da leitura fundamentalista da Bíblia, justifica sua experiência

²¹⁶MARIANO, R. **NeoPentecostais Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.p . 24.

interpretando a experiência pneumatológica do povo de Deus à luz de sua teologia existencial e pessoal.

A experiência do Espírito para o cristão pentecostal é uma experiência de salvação, que contempla os seguintes elementos: conversão, regeneração, justificação e santificação, todas elas compreendidas como obras simultâneas operadas por Deus por meio do Espírito Santo. A segunda mais importante experiência pneumatológica para o pentecostal é o batismo no Espírito Santo acompanhado do falar em línguas. O cristão pentecostal tem um sentimento de pertença à tradição apostólica e, ao mesmo tempo, um sentimento de fidelidade às raízes cristãs por meio do relato de Atos dos Apóstolos, capítulo 2, através da experiência de batismo no Espírito Santo. Para Benthó, o Batismo no Espírito Santo, de acordo com a doutrina pentecostal, “trata-se de uma experiência separada, lógica e teologicamente, da conversão, do batismo no corpo de Cristo (cf. 1Cor 12.13) e do batismo em águas (cf. Mt 28.19)”²¹⁷.

Esse modelo de cristianismo, centrado na atualidade da experiência de Pentecostes, foi construído no início do século XX, nos EUA, e espalhou-se rapidamente pelo mundo, chegando ao Brasil em 1910. As expressões pentecostais estão presentes em todo o mundo e grandiosos são os desafios no que tange ao diálogo e à unidade para com este segmento. Na atualidade, a diversidade cultural e religiosa exige que a Teologia Pentecostal tenha uma postura de diálogo com os demais segmentos do cristianismo e para com outras religiões, pois, embora haja uma diversidade de pentecostalismos, todos provêm de uma mesma pentecostalidade.

O Espírito Santo, cuja doutrina é fundamental para os pentecostais, é o promotor da unidade. De maneira contundente, Comblin afirma que não existe nenhum caminho já traçado antecipadamente. Para o autor, “o único caminho é o que o Espírito dispõe a cada instante, como que uma nova criação para cada

²¹⁷BENTHO, E. Entre a razão e a emoção: a experiência pentecostal do Espírito. **CPAD News**, 2014. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/blog/esdrasbenthocultura-crista/89/entre-a-razao-e-a-emocao-a-experiencia-pentecostal-do-espírito.html>>. Acesso em: 04 Novembro 2020.

um dentro de nós. Não existe um caminho único; existem milhões de caminhos e o Espírito Santo é a unidade de todos eles”²¹⁸.

Diverso em sua classificação, heterogêneo em sua Teologia, adepto de posicionamentos questionáveis em seus mais variados segmentos, ainda sim é nítido que o pentecostalismo possui em si uma força imensa de arrebanhar pessoas. Tal força, impulsionada pelo Espírito, precisa ser canalizada e deve estar a serviço da promoção da unidade, para que o discurso pentecostal não esteja em contradição com a práxis muitas vezes sectária observada em diversas realidades pentecostais.

3.1.2 – Antecedentes do movimento pentecostal

Quanto à sua gênese, embora se atribua as origens do movimento pentecostal aos *revivals* norte-americano do início do século XX, suas raízes e precedentes são mais antigas. Conforme descrito no capítulo anterior, as manifestações carismáticas não cessaram ao longo da história do cristianismo, ainda que muitos afirmassem que elas se restringiram aos primórdios da Igreja e depois cessaram. Campos afirma que pode se falar de um pentecostalismo pré-pentecostal, que nem sempre é levado em consideração por pesquisadores do pentecostalismo²¹⁹.

Nos primeiros *quakers* (Sociedade de Amigos), movimento fundado por George Fox (1624-1690), na Inglaterra, encontra-se o embrião daquilo que se desenvolverá e culminará no que hoje entendemos como sendo o movimento pentecostal. Os *quakers* enfatizavam a “Luz Interior” pelo Espírito Santo, bem como preconizavam vários tipos de manifestações atribuídas ao Espírito Santo, como: tremores (daí o nome *quakers*, “aquele que tremem”), espasmos e convulsões, choros, visões, profecias, desmaios e falar em línguas.

Em relação aos *quakers*, Anderson descreve que

²¹⁸LIMA, A. S. Pentecostalismo e diálogo interreligioso. In: OLIVEIRA, D. M. D. **Pentecostalismos em diálogo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.p. 44. Apud COMBLIN, J. O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a história. Petrópolis: Vozes, 1982. P. 86

²¹⁹CAMPOS, L. S. As origens norte-americanas do Pentecostalismo brasileiros: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, v. 67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005. p. 113

com a revogação pela França do Édito de Nantes que havia dado liberdade religiosa aos protestantes em 1685, a maioria dos huguenotes deixou a França. Entre aqueles que permaneceram estava um grupo de jovens e crianças nas montanhas de Cévennes, no sul da França, onde começou um movimento de avivamento com muitos fenômenos extáticos; essas pessoas eram conhecidas como os “pequenos profetas de Cévennes”. O movimento durou dez anos, ao longo dos quais muitos vieram de lugares distantes para ouvir profecias milagrosas, e depois se seguiu uma perseguição e muitos do grupo foram presos e mortos. Mais tarde, esse se tornou um movimento político conhecido como os *camisards*, que, após dois anos de resistência ao exército francês, foi finalmente esmagado em 1711²²⁰.

Alguns destes refugiados de Cévennes fizeram convertidos e encontraram seus adeptos em Londres. Emerge aqui a figura de John Wesley, fundador do metodismo. É no movimento de John Wesley que se encontram os antecedentes mais imediatos do pentecostalismo moderno, como o movimento de Santidade do século XIX. Embora o movimento pentecostal tenha começado nos EUA, boa parte de sua teologia básica tem raízes nos primeiros movimentos perfeccionistas e carismáticos da Grã-Bretanha. Para Synan, pelo menos três deles – “o movimento de santidade metodista, a Igreja Apostólica Católica (implantada por Edward Irving) e o movimento *Higher Life* (Vida Superior) de Keswick – preparam o caminho para o que parecia um transbordamento espontâneo do Espírito Santo no EUA”²²¹.

Foi também de Wesley que os pentecostais herdaram a ideia da crise da “segunda benção”, subsequente à salvação. A essa experiência, ele chamava também “santificação plena”, “perfeito amor”, “perfeição cristã” e “pureza de coração”. John Fletcher, colega de Wesley, foi o primeiro a denominá-la “batismo no Espírito Santo”, experiência que concedia poder espiritual e purificação interior a quem recebia.

Irrompimentos esporádicos de manifestações carismáticas, por sua vez, contribuirão para com o desenvolvimento daquilo que viria a ser o movimento pentecostal através do movimento de santidade e de seus influenciadores,

²²⁰ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 36.

²²¹SYNAN, V. **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009. p. 16.

como o movimento pietista alemão ligado ao luteranismo no século XVII e XVIII, que enfatizava a importância de uma experiência pessoal com Deus e a necessidade de um novo nascimento. Do movimento pietista, surgirá o movimento morávio do conde Nicolaus von Zinzendorf (1700-1760) e sua comunidade em Herrnhut, onde, em 1727, “o Espírito teria se derramado, e uma reunião de oração contínua, 24 horas por dia, foi instituída e mantida cem anos seguintes”²²². Ligado ao movimento pietista, em Frankfurt, 1666-1866, Spener criou em suas casas grupos, “*collegia pietatis*”, onde juntos procuravam estudar a mensagem espiritual da Escritura. Congar afirma que Spenner dizia

não ser um renovador da Igreja, mas introduzia um princípio de renovação: o pastor não tinha nem o monopólio nem a totalidade dos carismas. O Espírito agia em todos os fiéis, nos grupos dos verdadeiros cristãos. Era preciso deixá-lo agir. Sem ele, não haveria na Escritura senão letra morta, um texto como qualquer outro, não a palavra de Deus e sua presença ativa, nutriente para a alma e a vida²²³.

Anderson descreve que Wesley

mais tarde visitou a comunidade de Herrnhut, e, em alguns dos primeiros avivamentos metodistas, houve manifestações incomuns do Espírito. Wesley disse que os dons carismáticos foram retirados quando homens formais e secos começaram a ridicularizá-los, e que esses dons haviam voltado para alguns de seus colegas metodistas²²⁴.

Os metodistas darão ênfase na doutrina denominada de “segunda bênção”, que influenciará de maneira significativa o pentecostalismo, quando esta vem a ser assimilada, transmitida e reinterpretada pelo movimento de santidade. A partir de 1867, ocorrerá uma separação gradual entre as alas reformada e wesleyana do movimento de Santidade, que culminará na “solução de Keswick” na Inglaterra; esta, por sua vez, se difunde pela teologia reformada, mas causou uma ruptura com o perfeccionismo wesleyano. Um avivamento em 1857-1858, no nordeste dos EUA, cria uma expectativa em todo o movimento de Santidade, ligando a experiência de santificação da

²²²ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 38.

²²³CONGAR, Y. **Revelação e experiência do Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 191.

²²⁴ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 38.

“segunda bênção” de Wesley a um avivamento mundial, este esperado e denominado como a “chuva tardia” a qual se compreendia como aquela que precederia o retorno de Cristo.

Outra importante personagem, Phoebe Palmer, começou a referir-se à santidade como “o batismo pleno no Espírito Santo”, e Asa Mahan escreveu, em 1870, sobre “o batismo no Espírito Santo”, tendo como principal consequência o “poder” de Deus. Um avivamento em 1896, oriundo das Igrejas *Holiness*, em um grupo chamado União Cristã, na Carolina do Norte, acompanhado de curas e, de acordo com alguns relatos, de 130 pessoas falando em línguas, influenciará o movimento pentecostal que estaria a surgir.

Essa situação no interior da Igreja Metodista causou inúmeros confrontos, e igrejas autônomas dissidentes surgirão e adotarão o nome de “Igrejas *Holiness*”. Também estas vão surgindo e preparando o terreno para o movimento pentecostal. Uma parte delas se tornaria igrejas tipicamente pré-pentecostais: *Church of God* (Cleveland, 1886); *United Holy Church of América Inc.* (1886); *Fire Baptizel Holiness Church* (1898); *Pentecostal Holiness Church* (1899); *Pentecostal Union* (1901). Algumas dessas igrejas aderiram oficialmente ao movimento pentecostal nos anos seguintes, seguindo os modelos implantados por William Seymour, em Azuza Street, a partir de 1906.

Anderson afirma que Henry lederle assinalou que “o movimento metodista-santidade não é a única influência importante sobre o pentecostalismo inicial. O revivalismo americano teve uma corrente diferente e mais reformada que enfatizava o papel das emoções para mudar vidas”²²⁵. Outro movimento que dará a sua contribuição para o pentecostalismo, além do movimento metodista de santidade, será o do reavivalismo e o movimento de Keswick. O pioneiro deste grupo será Charles Finney (1792-1876). Finney teve uma experiência em 1821, em seu escritório de advocacia, que ele descreve como “um poderoso batismo no Espírito Santo”, quando o Espírito desceu sobre ele “em ondas e ondas de amor líquido”²²⁶; sua teologia reavivalista terá

²²⁵ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 40.

²²⁶ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 40.

grande influência no movimento de Keswick. A Convenção de Keswick, que deu início a reuniões anuais em Keswick, no *Lake District* inglês, em 1875, reconheceu as duas experiências distintas do “novo nascimento” e da “plenitude do Espírito” e foi outra grande influência para o pentecostalismo. Anderson descreve que, na virada do século, havia três grupos distintos de seguidores da Santidade:

1) a posição wesleyana, que dizia que a “santificação inteira” ou “amor perfeito” era a “segunda bênção” ou o batismo com ES; 2) a posição de Keswick, que afirmava que o BES era uma que continha tanto a “segunda bênção” da santificação quanto uma “terceira bênção” de “batismo de fogo” – novamente uma investidura de poder²²⁷.

Os primeiros pentecostais americanos viriam a seguir esta posição, mas identificavam a “terceira bênção” com o “batismo no Espírito”, geralmente evidenciado pelo falar em línguas. Na Igreja Presbiteriana escocesa, em 1830-1831, por meio da pregação de um ministro chamado Edward Irving (1792-1834), dons carismáticos, incluindo profecias e falar em línguas, surgiram em Glasgow, em Londres e em vários outros lugares e foram praticados e registrados na subsequente Igreja Católica Apostólica, até 1879. Edward Irving, nascido em 1792, se tornou ministro presbiteriano em 1815. Congar descreve que o movimento de Irving defendia que “em vista do retorno de e sua estrutura primitiva com as funções de Cristo, decide-se dar à Igreja a sua pureza pentecostal, apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores”²²⁸.

Outro movimento muito importante ligado ao movimento de Santidade e ao surgimento consequente do pentecostalismo foi o movimento de cura divina. Seu pioneiro foi Johann Christop Blumhardt (1805-1880), de linha petista, que dirigiu por trinta anos um centro de cura em Bad Boll, na Alemanha. Blumhardt também ligou o ministério de cura de Cristo com o poder do Espírito. Em Männedorf, na Suíça, Dorothea Trudel (1813-1862) e seu sucessor Samuel Zeller (1834-1912) administraram um centro semelhante de cura pela oração chamado Elim.

²²⁷ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 41.

²²⁸CONGAR, Y. **Revelação e experiência do Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 194

Um dos primeiros ministérios de cura na América do Norte foi o da afro-americana Elizabeth Mix, que viria a ter uma influência formativa sobre o futuro ministério de Carrie Judd Montgomery. Charles Cullis, um médico episcopaliano de Boston e figura importante no movimento de Santidade, visitou Männedorf em 1873 e começou a orar pelos doentes em convenções de cura, nas quais associava perdão dos pecados e cura das doenças.

Outras figuras do movimento de cura divina foram o ministro batista de Boston e sócio de Cullis, A.J. Gordon; o presbiteriano W.E. Boardman, que se mudou para a Inglaterra e abriu um lar de cura em Londres; a episcopaliana Carrie Judd Montgomery (1858-1946), que ensinava que a cura fazia parte do Evangelho de Cristo; e Maria Woodworth Etter (1844-1924), que acrescentou uma mensagem de cura ao seu ministério evangelístico depois de 1885. O falar em línguas ocorreu nas reuniões de Woodworth-Etter uma vez, em 1888, e em St. Louis, Missouri, em 1890, e em várias ocasiões desde então, antes do início do pentecostalismo Montgomery e Woodworth-Etter; mais tarde, se juntaram ao movimento pentecostal. John Alexander Dowie (1847-1907) teve influência importante no movimento pentecostal emergente. Ele era um “curador” proeminente no final do século XIX, mas estava distanciado dos associados ao movimento de Santidade por causa de seus posicionamentos e suas críticas abertas.

Citando Faupel, Anderson considera que a figura de John Alexander Dowie, por ser um curador proeminente do final do século XIX, teve um impacto significativo para o pentecostalismo em quatro áreas, ainda que Dowie estivesse distanciado do movimento de santidade, ao qual, inclusive, tecia críticas:

Primeiro, dando ao tema de Keswick “sua expressão escatológica mais radical”, incluindo uma forte orientação missionária e uma ênfase na cura; segundo, muitos líderes do início do movimento pentecostal vieram de sua organização, com sua visão de mundo; terceiro, ele formou o elo entre o pentecostalismo e o movimento irvingita com o qual tinha muito em comum, até mesmo tomando um nome semelhante; e, em

quarto lugar, ele deu ao pentecostalismo uma alternativa entre o liberalismo e o fundamentalismo²²⁹.

Conclui-se que, no tangente às raízes do pentecostalismo, conforme definição de Campos, o pentecostalismo pode ser visto com o olhar da continuidade, “pois nos EUA seguiu por picadas abertas por outros movimentos religiosos cristãos que os antecederam, como o pietismo alemão, o reavivacionismo anglo-saxão e os movimentos de santidade”²³⁰. Determinante é, para o pentecostalismo, a corrente que entendeu que as manifestações carismáticas nunca cessaram no cristianismo, pois através dessas experiências, ainda que de maneira isoladas, é que se torna possível o estabelecimento de um paralelo que permite olhar para dentro da história e apontar que tais experiências nunca se esgotaram, ainda que o registro dessas manifestações tenha sido isolado, esporádico e ocasional.

3.1.3 – As origens do pentecostalismo moderno

O pentecostalismo nasce num momento de profunda efervescência espiritual. Trata-se de um tempo de hegemonia católica com um crescimento do Protestantismo. Falar de unidade cristã era algo extremamente distante, uma vez que o vocabulário e as atitudes de ambas as realidades eram terrivelmente influenciados por uma perspectiva exclusivista e fundamentalista que fomentava cada vez mais a divisão. O documento do convite à comunhão afirma que

Há mais de cem anos, movimentos pentecostais carismáticos e outros espalharam-se por todo o globo. Esses poderosos movimentos destacaram novas ênfases que fizeram parecer obsoletas muitas das antigas controvérsias confessionais. O movimento pentecostal está presente em muitas outras igrejas na forma de movimento carismático, criando novos grupos de comunhão e comunidades para além dos vínculos confessionais²³¹.

²²⁹ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 45. Apud: FAUPEL, D. W. *The Everlasting Gospel: The significance of Eschatology in the Development of Pentecostal Thought*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.

²³⁰CAMPOS, L. S. As origens norte-americanas do Pentecostalismo brasileiros: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, v. 67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005. p. 111

²³¹COMISSÃO LUTERANA-CATÓLICO-ROMANA PARA A UNIDADE. **Do conflito a comunhão**. São Paulo: Sinodal; CNBB, 2017. n. 14.

Para Cunha, é possível afirmar que os primeiros pentecostais tinham “uma compreensão do significado ecumênico da experiência pentecostal como Espírito. Nestes termos, o princípio do pentecostalismo estava em sintonia com o princípio do Ecumenismo”²³². O pentecostalismo em si inicia-se nos meados do século XX. Um de seus principais personagens chama Charles Parham (1873-1929). Este foi um pregador independente do Kansas que deixou a Igreja Metodista em 1895. Ele experimentou a cura das consequências da febre reumática em 1898 e iniciou um ministério de cura. Na sequência mudou-se para Topeka, Kansas, onde abriu um lar de cura e começou a publicar seu periódico *The Apostolic Faith*. Através deste começou a divulgar suas ideias sobre a cura oferecida na expiação de Cristo, o pré-milenarismo com a crença em um avivamento mundial, denominado de a “chuva tardia”, que precederia a vinda iminente de Cristo, e uma terceira bênção além da “santificação inteira” da pessoa. Para Campos, Parham defendia “a necessidade das pessoas se submeterem a uma “terceira bênção” em sua carreira de fé, embora a tradição metodista falasse em apenas duas bênções: ‘conversão’ e ‘santificação’²³³.

No ano novo de 1901, um culto de “vigília” foi realizado. Os presentes oraram e esperaram, até que, finalmente, às 23 horas, uma aluna chamada Agnes Ozman pediu a Parham que lhe impusesse as mãos para receber o dom do Espírito. Ela começou a falar em línguas, o que Parham mais tarde descrevia como “falar em chinês”, e foi seguida por outros, entre eles Parham “na língua sueca”, três dias depois²³⁴.

Depois da morte do filho de Parham e sua mudança para Kansas City, começa a pregar em missões de Santidade no Kansas e no Missouri, em 1903-1904. Nestas missões, ocorreram novamente experiências em línguas e de curas. Em 1905, Parham está no Texas, e, em Houston, inicia uma escola bíblica. Um de seus alunos, o negro William Seymour, que por causa do

²³²CUNHA, M. D. N. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 24, p. 33-51, jan/jun 2011. p. 39.

²³³CAMPOS, L. S. As origens norte-americanas do Pentecostalismo brasileiros: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, v. 67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005. p. 108.

²³⁴ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 47.

racismo de Parham assistia às aulas de uma cadeira colocada no corredor do lado de fora da sala, levaria o reavivamento pentecostal para Los Angeles. Dessa forma, a pregação pentecostal vai avançando para outras regiões dos EUA, embora tenham ocorrido avivamentos com fenômenos carismáticos na Ásia, África e América Latina, não diretamente relacionados aos eventos no mundo ocidental. O avivamento no País de Gales durou aproximadamente dezoito meses, de novembro de 1904 a abril de 1906. Para DeMoos, “embora tentasse não ocupar uma posição de liderança ou centralidade no avivamento, Evan Roberts foi o instrumento que Deus usou para acender as chamas. Ele não foi o único instrumento, mas era o principal e mais conhecido”²³⁵.

Campos descreve que William Joseph Seymour nasceu em Centerville, Louisiana, em uma família de ex-escravos. Quando ele nasceu, 47% da população daquele estado era formada por ex-escravos. O ódio racial era intenso, e a Ku Klux Klan e outros grupos terroristas atuavam livremente naquela região²³⁶.

Seymour foi convidado para pregar em uma pequena igreja afro-americana de Santidade em Los Angeles em 1906; mas seu sermão em línguas como sinal do batismo no Espírito fez com que o prédio da igreja fosse fechado para ele por ordem da Pastora que administrava o local. Esta mais tarde cedeu e tornou-se pentecostal. Os membros dessa igreja continuaram a se encontrar com Seymour em oração na casa de Richard e Ruth Asberry. Na casa em que Seymour estava hospedado, seu anfitrião Edward Lee pediu ao pregador que lhe impusesse as mãos, após o que ele caiu no chão como se estivesse inconsciente e começou a falar em línguas. Durante três dias e três noites, a casa esteve cheia de pessoas orando e louvando. Alguns brancos se juntaram a esse grupo e o espaço foi se apequenando. Uma semana depois, eles haviam alugado e se mudado para um prédio antigo usado como depósito na Rua Azusa 312, uma antiga igreja episcopal metodista africana, onde nasceu a Missão da Fé Apostólica²³⁷.

²³⁵DEMOSS, N.; SMITH, M. **O avivamento do país de Gales**. Americana: Impacto, 2016. p. 35.

²³⁶CAMPOS, L. S. As origens norte-americanas do Pentecostalismo brasileiros: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, v. 67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005. p. 111.

²³⁷ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 54

O movimento pentecostal tem no chamado “Avivamento da Rua Azusa”, uma espécie de seu mito fundante. Anderson, referindo-se ao historiador Joe Creech, sugere que o relato de Bartleman, em particular, criou o “mito central de origem” na Rua Azusa, que persistiu até os dias atuais e que esse “mito” se baseava em paradigmas teológicos e históricos que negligenciavam outros pontos de origem²³⁸. Para Pommering, o movimento pentecostal moderno, embora tivesse seu marco inicial na Rua Azusa, teve eclosões simultâneas, já no final do século XIX e início do século XX, em várias partes do mundo, algumas delas sem qualquer vínculo com este movimento inicial²³⁹.

Questões raciais influenciaram de maneira clara o pentecostalismo nascente. Anderson afirma que

“questões raciais, doutrinárias e pessoais causaram simultaneamente as divisões que surgiram no início do pentecostalismo americano tipificado pela rua Azusa”; foi um movimento revolucionário em que os marginalizados e despossuídos puderam encontrar igualdade independentemente de raça, gênero ou classe. O propósito primordial da vinda do Espírito, conforme praticado na Rua Azusa, era reunir uma família do povo de Deus em igualdade²⁴⁰.

Para Campos, a historiografia do pentecostalismo tende a ocultar o papel de Parham, “talvez por causa de acusações de homossexualidade, de suas notórias inclinações racistas e simpatias com a Ku Klux Klan e por defender algumas doutrinas consideradas estranhas pelos americanos”²⁴¹. Parham pregava a crença de que os anglo-saxões seriam descendentes das dez tribos perdidas de Israel após o exílio na Assíria.

²³⁸ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 20. Apud CREECH, J. **Visions of Gloria: The place of the Azusa Street Revival in Pentecostal History**. Church History 65. 1996. p. 405-424.

²³⁹POMMERENING, C. I. **Pentecostalidade e Pentecostalismo: Fatores de crescimento associados a oralidade**. Azusa Revistas de estudos pentecostais, Belém, v. 2, p. 1-32, Julho/Dezembro 2011. p. 05.

²⁴⁰ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 59.

²⁴¹CAMPOS, L. S. As origens norte-americanas do Pentecostalismo brasileiros: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, v. 67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005. p. 104.

Já para Anderson, historiadores do pentecostalismo muitas vezes refletiram um viés ao interpretar a história por uma perspectiva “predominantemente norte-americana branca, negligenciando (se não ignorando completamente) o trabalho vital e, muitas vezes, mais significativo de pioneiros pentecostais asiáticos, africanos, afro-americanos e latinos”²⁴². É impossível olhar para a história do pentecostalismo e desprezar o impacto da cultura africana sobre ela. No pentecostalismo, a cultura africana tem tanta importância quanto a cultura protestante, católica e indígena, no que diz respeito à maneira pentecostal de realizar a recomposição de crenças e práticas cristãs para um novo contexto. Seymour foi capaz de fazer a síntese, de catalisar e de descobrir as raízes africanas do movimento pentecostal. Synan descreve que

os cultos da Rua Azusa notabilizaram-se pela harmonia inter-racial. O movimento da Rua Azusa parece ter sido uma fusão da religião branca *Holiness* com os estilos de adoração da tradição cristã negra dos EUA, que se iniciou nos tempos da escravidão no Sul. A mistura de línguas e outros dons carismáticos, música de brancos e negros e variados estilos de adoração deu origem a uma forma local de pentecostalismo. A posição inter-racial da Rua Azusa era uma admirável exceção ao racismo e a segregação da época. O fenômeno que reunia brancos e negros para a adoração sob a liderança de um pastor negro parecia inacreditável para quem estava de fora²⁴³.

Por sua vez, Rolim afirma que

na alma do pentecostal negro, alojaram-se e permaneceram duas experiências estreitamente abraçadas: uma que então nascia do Espírito Santo; outra, mais antiga, a luta político-racial”. No coração piedoso dos pentecostais brancos, ficou apenas a experiência da oração e dos cultos. A de feito sócio-político não se pode dizer que tenha desabrochado. A sede do batismo no Espírito, a busca a bem dizer exclusiva dos dons de falar línguas estranhas, a ânsia de santificação e a procura de curas divinas, as intermináveis vigílias de oração, tudo isso se apossou de tal maneira dos sentimentos desses pentecostais, que lhes criou um projeto exclusivamente religioso²⁴⁴.

²⁴²ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 19

²⁴³SYNAN, V. **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009. p. 19.

²⁴⁴ROLIM, F. C. **Pentecostalismo Brasil e América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 23.

A questão da segregação racial marca de maneira extremamente positiva o início do pentecostalismo; porém, a impressão que se tem é de que o que foi feito é muito pouco, por isso, um ar de decepção aparece em algumas falas por não ter avançado ainda mais neste sentido, como se a institucionalização tivesse prevalecido. Bartleman afirma que “a missão Azusa começou a falhar com relação ao Senhor desde o princípio de sua história. Deus me mostrou, um dia, que eles se institucionalizariam, apesar de não terem ouvido nenhuma palavra a esse respeito”²⁴⁵. Inclusive para Rolim, “a religião pentecostal que se implantou no Brasil é um rebento daquela experiência pentecostal dos americanos de cor branca, o que vale dizer, explicitamente, que foi um pentecostalismo todo voltado para o sacral”²⁴⁶.

Muitas das crenças que iriam se unir e constituir a identidade pentecostal no final do século XIX, circulavam separadamente, em diversas camadas do protestantismo norte-americano, todas, porém, ligadas aos movimentos de santidade ou de reavivamento espiritual. Comum era nesses meios enfatizar a necessidade de conversão/novo nascimento; santificação; cura divina; volta de Jesus à Terra para inaugurar o milênio; retorno do Espírito Santo na forma de um “batismo de fogo”; coisas que provocariam sinais físicos, particularmente, o falar línguas desconhecidas. Porém, é oportuno destacar que a profecia contra a discriminação racial e a segregação, que eram muito presentes na sociedade norte-americana, no início do século XX, faz com que o pentecostalismo surja como possibilidade de ascensão para negros e para os mais pobres. Possivelmente, este é um dos fatores que contribuíram para com o crescimento do pentecostalismo. Anderson mencionando Walter Hollenweger, fundador da pesquisa acadêmica sobre o pentecostalismo, mostra “o crescimento estupendo do pentecostalismo/carismatismo/independentismo de zero para quase 500 milhões em menos de um século”²⁴⁷.

²⁴⁵BARTLEMAN, F. **A história do avivamento Azusa**. Americana: Impacto, 2016. p. 70.

²⁴⁶ROLIM, F. C. **Pentecostalismo Brasil e América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1995.p. 24.

²⁴⁷ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019. p. 17.

A primeira onda de missionários pentecostais gerou aproximadamente 14.000 denominações em todo mundo, segundo Synan²⁴⁸. Esta é a fase das Igrejas “Assembleia de Deus” e “Congregação Cristã no Brasil”. Na fase seguinte, temos a entrada do pentecostalismo na Igreja Católica e nas Igrejas protestantes. Estes movimentos serão denominados de movimentos de Renovação Carismática, mas é o tempo do surgimento de inúmeras denominações, entre elas a “Igreja do Evangelho Quadrangular”, “Brasil para Cristo” e “Deus é amor”. Para Passos,

as igrejas da segunda onda têm como característica um reavivamento prioritário do carisma da cura, que vem responder às necessidades das populações empobrecidas das metrópoles, adotando métodos de pregação mais adaptados à linguagem moderna: a oferta dos bens religiosos em pregações públicas e por meio dos meios modernos de comunicação²⁴⁹.

A partir da década de 70, surge a terceira onda denominada de neopentecostalismo, com Igrejas como a “Universal do Reino de Deus”, “Igreja Internacional da Graça”, “Renascer em Cristo” e “Sara Nossa Terra”, as principais representantes²⁵⁰. As denominações da terceira fase, além de uma grande ênfase no exorcismo e nos meios de comunicação, “possuem uma forte e eficiente racionalização: organização do dízimo, instituição de uma hierarquia e utilização dos meios de comunicação, da televisão, em particular”, além da ênfase na Teologia da prosperidade em grande parte das pregações²⁵¹.

Há elementos na identidade pentecostal que dificultam imensamente o diálogo, porém, há pontos fundamentados na Escritura, na Tradição e no Magistério que podem tornar-se elementos de convergência para o diálogo e uma convivência sadia e harmoniosa. No cenário brasileiro, recentemente vem surgindo de forma tímida alguns teólogos que estão pensando a teologia pentecostal desde uma perspectiva do diálogo, também na perspectiva pneumatológica. Para Oliveira, “a valorização à pneumatologia é o fio condutor dessa corrente. A manifestação dos dons espirituais é tida como prioridade nas

²⁴⁸SYNAN, V. **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009. p. 23.

²⁴⁹PASSOS, J. D. **Pentecostais origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 92.

²⁵⁰PASSOS, J. D. **Pentecostais origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 54.

²⁵¹PASSOS, J. D. **Pentecostais origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 93.

comunidades. Nesse aspecto em particular, é bom lembrar que o Espírito Santo provoca união, e não dissensão”²⁵². Nesse sentido, o pentecostalismo está diante de oportunidades ímpares de reflexão teológica.

3.2.1. – Pentecostalismo entre católicos – Possível via de unidade?

No século XX, outro movimento espiritual de grande importância surge no cristianismo católico, entendido como fruto do Concílio Vaticano II, denominado como Renovação Carismática Católica. Por vezes também chamado de pentecostalismo entre católicos ou Renovação no Espírito, esta realidade surge como um movimento de convergência a serviço da unidade dos cristãos, principalmente na frágil relação entre católicos e pentecostais.

A Renovação Carismática surge em 1967, nos Estados Unidos, a partir da experiência de um grupo de jovens reunidos em retiro na capela da Universidade de Duquesne, em Pittsburg, Pensilvânia. A organização do retiro estava por conta de dois membros do corpo docente da Universidade de Teologia; são eles: Ralph Kiefer e Bill Storey. Este grupo de jovens, aproximadamente 30 estudantes, fazia uma reflexão à luz dos quatro primeiros capítulos do livro dos Atos dos Apóstolos, motivados por um livro chamado “A cruz e o punhal”, de um pastor chamado David Wilkerson. Faziam o seguinte questionamento: para viverem a experiência pentecostal e seus frutos descritos no livro, deveriam deixar a Igreja Católica ou não? No segundo dia do retiro, vivenciaram a experiência denominada de batismo no Espírito, e a partir deste acontecimento, tal experiência começou a se espalhar pela Igreja Católica. O movimento difundiu-se entre os estudantes da universidade de Notre Dame, em South Bend, no Indiana, e depois para Michigan *State University*. Mansfield, uma das pioneiras da RCC, reconhecerá que “o fim de semana de Duquesne tem sido geralmente aceito como o início da Renovação Carismática, como um movimento pós Vaticano II na Igreja Católica”²⁵³. De fato, houve católicos que foram batizados no Espírito antes do fim de semana de Duquesne, mas não há dúvidas de que este foi o primeiro evento em que Católicos experimentaram o

²⁵²OLIVEIRA, D. M. D. **Pentecostalismos em diálogo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 43.

²⁵³GALLAGHER, P. M. **Como em um Novo Pentecostes - o surpreendente início da Renovação Carismática Católica**. Canas: RCC Brasil, 2016. p. 48.

batismo no Espírito Santo, juntamente com a manifestação dos dons carismáticos.

Para Albuquerque,

O surgimento dos pentecostalismos do século XX pode ser interpretado de várias formas. Do ponto de vista histórico, é uma reação crítica às práticas das tradições protestantes e católicas que não eram capazes de responder às demandas de modernidade. Sob o ponto de vista sociológico, os pentecostalismos também sinalizam o pluralismo atual. Do ponto de vista teológico, eles podem ser um sinal escatológico do fim dos tempos ou um apelo do próprio Espírito Santo à atualização da mensagem cristã²⁵⁴.

A Renovação Carismática deve ser entendida como uma corrente de graça e como algo além de uma espiritualidade específica. Para Congar, “a Renovação traz para o coração da Igreja a vitalidade dos carismas. Está longe, muito longe de ter o monopólio, mas leva para bem alto a denominação e contribui para a publicidade do tema”. Ela não é uma contestação da instituição, mas pode ser entendida como um instrumento a serviço da reanimação. Tem vocação própria e, a partir de sua identidade, contribui com a missão da Igreja. Não é uma rejeição da instituição, muito menos uma crítica. Está a serviço da Igreja para partilhar com todas as realidades eclesiais a experiência do batismo no Espírito Santo, a prática dos dons carismáticos e uma renovada forma de vida comunitária e fraterna.

O intento aqui não é fazer uma descrição histórica do desenvolvimento da Renovação Carismática, mas sim abordar sua natureza ecumênica e as possíveis contribuições para com esta pauta. Para Oro e Alves, a RCC vem cumprindo também o papel de “estabelecer um espaço privilegiado de aproximação e de encontro entre católicos e evangélicos (especialmente pentecostais), visando superar as fronteiras construídas entre si”. Complementa Albuquerque que a recepção da Renovação Carismática Católica, a partir dos anos de 1960, é vista como “um ponto essencial de

²⁵⁴ALBUQUERQUE, B. D. S. Que tem a ver Roma com Rua Azusa? Introdução teológica ao diálogo católico pentecostal. **Revista teológica Doxia**, Aracruz, v. 2, p. 76-85, Julho/Dezembro 2017. p. 78

convergência entre católicos e pentecostais de matriz protestante/evangélica, facilitando a superação de qualquer hostilidade anterior”²⁵⁵.

Além de ser um lugar de convergência para o diálogo entre católicos e pentecostais, a partir de elementos comuns como a experiência do batismo no Espírito Santo, o exercício dos dons, o louvor, entre outros, a Renovação Carismática pode ser vista como ponto de encontro e como lugar de aproximação onde cristãos das diferentes igrejas estão se considerando pertencentes a uma mesma família, no caso à Igreja. No Documento de Malines II, Suenens diz: “cremos que a Renovação Carismática está chamada a uma vocação ecumênica, mas cremos também que o ecumenismo encontrará nela uma graça de aprofundamento espiritual”²⁵⁶.

Inclusive Suenens entende que a missão da Renovação Carismática pode ser algo específico para um tempo e a define como “uma corrente de graça que passa e que leva a uma mais alta tensão consciente a dimensão carismática inerente à Igreja”²⁵⁷. Semelhante à corrente de um rio que desemboca no mar e desaparece a ponto de não conseguir distinguir, a Renovação Carismática, ao ser instrumento para uma renovação da Igreja, também poderá se consumir ou ser absorvida ao cumprir sua missão. Suenens afirma que “cessará o movimento ecumênico, no dia em que a Igreja inteira tiver aceitado seu impulso. Conseguido o objetivo, o desejo é apagar-se, como as águas de um rio que perde seu nome ao desembocar no mar”²⁵⁸.

A definição de corrente de graça Suenens não aplica somente à Renovação Carismática, mas também ao movimento ecumênico:

Com a perspectiva que proporciona o tempo, nos damos conta de que a corrente ecumênica e a corrente carismática, consideradas em suas águas profundas, se reforçam mutuamente e de que se trata de uma mesma ação, de um mesmo impulso de Deus, de uma mesma lógica interior. A Igreja pode estar plenamente em estado de missão sem estar

²⁵⁵ ALBUQUERQUE, B. D. S. Que tem a ver Roma com Rua Azusa? Introdução teológica ao diálogo católico pentecostal. **Revista teológica Doxia**, Aracruz, v. 2, p. 76-85, Julho/Dezembro 2017. p. 82.

²⁵⁶ Tradução Nossa. SUENENS, L. J. **El Espíritu Santo aliento vital de la Iglesia**. Valencia: EDICEP, 2011. p. 31.

²⁵⁷ SUENENS, L. J. **Espírito Santo nossa esperança**. São Paulo: Loyola, 1975. p. 157.

²⁵⁸ SUENENS, L. J. **Espírito Santo nossa esperança**. São Paulo: Loyola, 1975. p. 160.

em estado de unidade, e não pode estar em estado de unidade se não está em estado de renovação. Missão evangélica, ecumenismo, renovação no Espírito, é tudo um e são diferentes os ângulos de visão²⁵⁹.

Mariz e Machado, em linhas gerais, pontuam os pontos de convergência entre a RCC e o pentecostalismo. Destacam-se, assim, como pontos semelhantes:

a experiência subjetiva da conversão; a auto atribuição de uma missão; a noção de identidade religiosa adquirida e não herdada; a ênfase na escolha religiosa individual; a atribuição de poder ao leigo, relegando para segundo plano a mediação eclesial; a prática religiosa emocional; o compromisso e comportamento ascético; o uso de termos comum como orar e louvar; a construção de uma demonização do espiritismo e das religiões afro-brasileiras²⁶⁰.

Maçaneiro, em artigo escrito para a revista teológica da Renovação Carismática, afirma que católicos e pentecostais reconhecem a importância do derramamento do Espírito Santo na vida da Igreja. Completa dizendo que “partilhamos a convicção de que o Espírito Santo tem sempre estado presente na Igreja com sua graça, sinais e dons. Afirmamos e acolhemos os carismas como uma dimensão importante na vida da Igreja”²⁶¹. No mesmo artigo, Maçaneiro comenta que

o diálogo entre católicos e pentecostais não é marcado por um cisma, ainda que sofra consequências das divisões estabelecidas no séc. XVI, mas por uma experiência peculiar de Jesus Cristo no Espírito Santo, que aproxima as diferentes denominações. As comunidades do diálogo católico-pentecostal estão cientes da história que percorreram separadamente, com tematizações doutrinárias distintas; mas a experiência de renovação no Espírito Santo é sua referência positiva e agregadora, a partir da qual os demais temas se incluem no discernimento teológico- espiritual. No presente, este agregar-se em torno do “novo Pentecostes”

²⁵⁹ Tradução Nossa. SUENENS, L. J. **El Espíritu Santo aliento vital de la Iglesia**. Valencia: EDICEP, 2011. p. 14

²⁶⁰MARIZ, C.; MACHADO, M. D. D. Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, v. 45, p. 25-34, 1994.

²⁶¹MAÇANEIRO, M. Católicos e Pentecostais em diálogo: Um sinal dos tempos. **Veni Creator - Revista Teológica da Renovação Carismática Católica do Brasil**, Porto Alegre, v. 01, n. 02, Julho/Dezembro 2012.

consolida um firme terreno de encontro; para o futuro, abre-se um horizonte promissor de reconciliação e unidade²⁶².

As relações ecumênicas entre católicos e pentecostais não deve ser algo formal, político ou meramente protocolar. Da mesma maneira que as propostas de diálogo são extremamente louváveis, não podem ser ignoradas as diferenças, em alguns pontos gritantes, que também existem. Além do diálogo a partir do patrimônio comum, um belo testemunho pode ser dado a partir do ecumenismo espiritual, da oração em comum que leva o cristão a redescobrir a unidade na pessoa de Jesus, juntos experimentando o Espírito Santo. Suenens entende que as contribuições da Renovação Carismática são importantes ao ecumenismo e traz importantes implicações. Afirma que “é importante que o movimento ecumênico do Espírito Santo aconteça não apenas nas discussões teológicas, tão importantes quanto estas possam ser, mas na vida diária do povo cristão”²⁶³. Um dos pioneiros da Renovação Carismática oferece um belíssimo testemunho acerca deste mover de unidade

Todas as pessoas carismáticas são “uma no Espírito”. Já orei com grupos protestantes e senti a afeição quente dos meus companheiros cristãos. Nunca me senti tão unido com não católicos como nos grupos de oração. Embora haja muitas diferenças, unimo-nos para louvar a Jesus pelo seu Espírito e ler a sua Palavra. Que melhor base pode haver para a unidade!²⁶⁴

No início da RCC, a hierarquia da Igreja Católica via com desconfiança determinadas práticas dos grupos de oração. A influência pentecostal em suas raízes estimulou a preocupação de que os católicos carismáticos pudessem promover um novo cisma na Igreja. Rosa define que para que a RCC pudesse sobreviver, “ela precisou alinhar-se cada vez mais à instituição católica e esfriou seu diálogo com as Igrejas Pentecostais e, tornando-se intolerante a elas, negando suas origens”²⁶⁵.

²⁶²MAÇANEIRO, M. Católicos e Pentecostais em diálogo: Um sinal dos tempos. **Veni Creator - Revista Teológica da Renovação Carismática Católica do Brasil**, Porto Alegre, v. 01, n. 02, Julho/Dezembro 2012.

²⁶³ALDUNATE, C. et al. **A experiência de Pentecostes – A Renovação Carismática na Igreja católica**. São Paulo: Loyola, 1992. P. 32.

²⁶⁴RAHM, H. J.; LAMEGO, M. J. R. **Sereis batizados no Espírito**. São Paulo: Loyola, 1991. p. 47.

²⁶⁵ROSA, A. L. D. Católicos e pentecostais: uma história de preconceitos. **REB**, Petrópolis, v. 77, n. 308, p. 924-942, Out/Dez 2017. p. 934.

Uma constatação: é extremamente preocupante em muitas realidades ligadas à RCC na atualidade a aversão ao ecumenismo. Preocupa, pois trata-se de um movimento que tem natureza ecumênica e nasce como um instrumento do Espírito em prol da unidade. Não se pode deixar levar por querelas ultrapassadas, bem como não pode se ater a uma discussão que está reservada a Teologia e seus peritos. Como alguns pentecostais interpretam as Escrituras de maneira fundamentalista e usam de interpretações equivocadas para atacarem determinados pontos da fé católica, essas mágoas e ressentimentos causam grandes retrocessos nas relações ecumênicas, porém não é rechaço que motiva as discussões ecumênicas, e, sim, o desejo de reconciliação.

Ainda em relação à preocupação ao fechamento que a Renovação Carismática tem em relação à causa ecumênica e que é perceptível em alguns setores tanto o desconhecimento em relação ao magistério católico sobre o ecumenismo e, em casos mais pontuais, até mesmo a rejeição destes ensinamentos. No magistério de Paulo VI a Francisco, as palavras dos papas sempre foram de otimismo e aprovação em relação à Renovação Carismática. No que diz respeito à questão ecumênica e à Renovação Carismática, há um pronunciamento do Papa João Paulo II aos participantes do encontro Mundial deste movimento, em 24 de abril de 2000, em que vai dizer:

[...]Deixai-vos guiar verdadeiramente pelo Espírito! Amai a Igreja: una, santa, católica e apostólica! Estou particularmente contente por saber que no vosso encontro participam também representantes de outras Igrejas e comunidades eclesiais e desejo saudá-los com afeto. Ao vos unir no louvor comum, acolhestes o convite por mim formulado na Bula de proclamação do Grande Jubileu: "Acorramos todos, vindos das diversas Igrejas e comunidades eclesiais espalhadas pelo mundo, para a festa que se prepara; tragamos conosco aquilo que já nos une, e o olhar fixo unicamente em Cristo permita-nos crescer na unidade que é fruto do Espírito"²⁶⁶

²⁶⁶JOÃO PAULO II. **MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO MUNDIAL DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA**. Vatican.va, 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/apr-jun/documents/hf_jp-ii_spe_20000424_catholic-charismatic-renewal.html>. Acesso em: 22 Novembro 2020.

O Papa Francisco iniciou uma “reforma do movimento” ao promover a unificação de dois escritórios para serviços ligados à Renovação Carismática Católica: o ICCRS (*International Catholic Charismatic Renewal Service*) e a *Catholic Fraternity*. O ICCRS estava ligado à Renovação Carismática de maneira geral e à Fraternidade Católica ligada às novas comunidades. Francisco, enquanto um defensor da ideia de corrente de graça, e não de movimento, propôs a unificação dos escritórios e a constituição de um único organismo de serviço agora denominado como *Charis*. Com o *Charis*, o Papa Francisco, de maneira clara, expressa o que espera da Renovação Carismática, a partir de três pontos: o compartilhamento do batismo no Espírito com toda a Igreja, o serviço aos pobres e o ecumenismo. No discurso por ocasião da aprovação dos estatutos do *Charis*, em relação à questão ecumênica, Francisco dirá

Que sirva à unidade do corpo de Cristo que é a Igreja, comunidade dos crentes em Jesus Cristo. Isto é muito importante porque o Espírito Santo é Aquele que realiza a unidade na Igreja, mas também a diversidade. É interessante a personalidade do Espírito Santo: Ele faz a maior diversidade com os carismas, mas depois faz com que estes carismas, em harmonia, se encontrem em unidade. Pois, como diz São Basílio, “o Espírito Santo é a harmonia”, dá a harmonia, na Trindade, e entre nós²⁶⁷.

Rosa define que “para que a RCC estabeleça com as igrejas pentecostais uma relação de unidade, é necessário a exploração de seu principal potencial, seu carisma próprio”²⁶⁸. A comunhão entre católicos e evangélicos de experiência pentecostal-carismática pode tornar-se para a sociedade uma volta ao Cenáculo de Jerusalém, nosso ponto de partida, onde a Igreja nasceu visivelmente na manhã de Pentecostes. Partindo do princípio de que “é muito mais forte aquilo que nos une do que aquilo que nos divide” (UUS 20), naquilo que é comum, ou seja, na espiritualidade carismática, na graça do batismo no Espírito, no louvor encontram-se os meios que

²⁶⁷ FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes na conferência internacional dos líderes da Renovação Carismática Católica**. Vatican.va, 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190608_charis.pdf>. Acesso em: 22 Novembro 2020.

²⁶⁸ ROSA, A. L. D. Ecumenismo espiritual: um encontro entre pentecostais e católicos carismáticos. **Caminhos de diálogo**, Curitiba, v. 6, p. 39-49, Jan/Dez 2016. p. 44.

potencializam a unidade. Vale ressaltar que o maior encontro ecumênico da história da Igreja foi a Conferência de Kansas City, em 1977, que reuniu cerca de 50.000 pessoas entre católicos, anglicanos, protestantes e pentecostais de experiência pentecostal carismática, deixando um testemunho e um legado para as gerações vindouras que não aceitam a realidade de divisão que tem predominado nos relacionamentos entre cristãos.

3.2.2 - As contribuições do diálogo bilateral

A Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II, passou por uma mudança de posicionamento que lhe permitiu sair de uma visão exclusivista e migrar para um posicionamento dialogal tanto para com as demais expressões cristãs, bem como para com outros segmentos religiosos. A recepção do Vaticano II bem como a experiência da RCC tem gerado conquistas e favorecido a mudança desse posicionamento nas conversações com os pentecostais através da “Comissão do Diálogo Católico Pentecostal”, instituída em 1972, e cujos trabalhos distribuídos em seis fases renderam importantes documentos.

As denominações participantes da Comissão, nos mandatos de 1972 até o presente, são:

- Igreja Assembleia de Deus (EUA);
- Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (América do Norte);
- Igreja Pentecostal de Santidade (EUA);
- Igrejas de Deus (América do Norte);
- Assembleias Pentecostais do Canadá (Canadá);
- Igreja Bíblia Aberta (EUA);
- Igreja Missão Pentecostal (Chile);
- Igreja do Deus da Profecia (EUA e Alemanha);
- Missão de Fé Apostólica (África do Sul);
- Comunidade Pentecostal na Holanda (Holanda);
- Igreja Reformada (Holanda);
- Igreja Pentecostal Elim (Grã-Bretanha);
- Igreja do Pentecostes / Conselho de Igrejas Pentecostais de Gana (Gana);
- Igreja Católica / Pontifício Conselho para Unidade dos Cristãos (Santa Sé).

Ribeiro e Cunha destacam que uma das dificuldades mais marcantes dos pentecostais é que estes, muitas vezes, “têm contribuído fortemente para cismas e divisões dentro do próprio movimento e no seu relacionamento com outras expressões do protestantismo”²⁶⁹. Completam ainda afirmando que “o resultado deste processo, que combina auto isolamento com exclusão, é que a grande maioria das igrejas pentecostais, nos diferentes continentes, optou por não participar de organizações identificadas como “ecumênicas”²⁷⁰. Se por um lado o posicionamento de certos pentecostais gera apreensão a ponto destes comportamentos fomentarem cismas e divisões dentro do próprio movimento, é oportuno destacar também a abertura ao diálogo que muitos segmentos do pentecostalismo têm experimentado nas últimas décadas. A primeira Conferência Internacional Pentecostal foi realizada em Amsterdã, em 1921. Este encontro desdobrar-se-á em reuniões regionais, e, em 1947, acontecerá então a primeira conferência Pentecostal Mundial na Suíça, com delegados vindos de várias regiões do mundo. No Concílio Vaticano II, dentro das delegações protestantes, observadores pentecostais já se fizeram presentes, o que influencia de maneira positiva a constituição da comissão do diálogo católico-pentecostal instituída em 1972. Para Maçaneiro,

o diálogo multilateral entre Igreja Católica e os representantes das Igrejas Pentecostais clássicas converge na aceitação da Palavra de Deus como normativa para a vida cristã; na afirmação de que a ação do Paráclito na Igreja tem sido diversificada, mas contínua²⁷¹.

Estabelecida a Palavra de Deus como normativa da vida cristã e fonte de diálogo, têm-se então um denominador comum para nortear as conversações. O objetivo aqui não é desenvolver todos os pontos debatidos neste diálogo, mas, sim, apresentá-los de maneira sintetizada para que, de modo geral, possa se perceber as diferenças e as semelhanças. Para Beas, “a centralidade na Palavra de Deus e o aporte exegético dos Padres da Igreja,

²⁶⁹RIBEIRO, C.; CUNHA, M. **O rosto ecumênico de Deus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 221.

²⁷⁰RIBEIRO, C.; CUNHA, M. **O rosto ecumênico de Deus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 222.

²⁷¹MAÇANEIRO, M. Uma aproximação ao diálogo internacional católico pentecostal. **Revista de cultura teológica**, São Paulo, v. 82, p. 11-31, Julho/Dezembro 2013. p. 13.

que pouco a pouco vem sendo valorizado pelos Pentecostais”,²⁷² faz com que um caminho seja construído e o diálogo se torne possível. O diálogo Internacional Católico-Pentecostal, promovido pelo Pontifício Conselho para Unidade dos Cristãos e representantes pentecostais clássicos, é organizado em “fases”. A agenda temática é definida por sua Comissão própria. Desde sua abertura em 1972, cumpriram-se seis fases:

Para Lee, as fases do diálogo católico pentecostal podem ser compreendidas da seguinte maneira: a primeira fase seria o estágio da introdução mútua; a segunda fase, o estágio das contraposições; a terceira fase, a busca por uma identidade comum; a quarta fase seria o período da descoberta do potencial de cooperação mútua na missão concedida por Cristo; e a quinta e a sexta não são comentadas por razões cronológicas²⁷³.

Primeira etapa (1972-1976)	<p>Dedicada à compreensão da própria identidade confessional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “A plenitude da vida no Espírito Santo e o significado do batismo no Espírito Santo; Espiritualidade pentecostal”. - “Antecedentes históricos do movimento pentecostal; a relação com o batismo no Espírito Santo para o rito de iniciação cristã; o papel do Espírito Santo e dos dons na Tradição mística”. - “A relação da ação do Espírito Santo nas estruturas da Igreja; batismo de imersão de adulto e batismo de bebês; questões hermenêuticas sobre o batismo dos crentes “.
----------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

²⁷²Tradução nossa: BEAS, P. M. Diálogo Católico Pentecostal. Ejercicio de la fraternidad cristiana y credibilidad del Evangelio. **Medellin**, Bogotá, v. 38, n. 152, p. 577-594, Dezembro 2012.P. 585

²⁷³ Tradução nossa. LEE, P. D. **PNEUMATOLOGICAL ECCLESIOLOGY IN THE ROMAN CATHOLIC - PENTECOSTAL DIALOGUE A Catholic Reading of the Third Quinquennium (1985-1989)**. Dissertatio ad Doctoratum in Facultate S. Theologiae apud Pontificiam Universitatem S. Thomae in Urbe (Angelicum) Romae 1994. p. 10-12.

	<p>- “Dimensões psicológicas e sociológicas do movimento pentecostal; oração e culto; discernimento dos espíritos”.</p> <p>Informe final: “Oração e louvor. Evolução do diálogo. Sugestões para o futuro”.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Na primeira reunião do diálogo em Horgen, Suíça, em junho de 1972, fora realizada uma abordagem exegética, a fim de estudar o "batismo no Espírito Santo" no Novo Testamento, sua relação com o arrependimento e o processo de santificação e a relação do derramamento dos dons carismáticos com o batismo no Espírito Santo. Em Roma, em junho de 1973, a segunda reunião foi dedicada ao fundo histórico do movimento pentecostal, à relação do batismo no Espírito Santo para os ritos de iniciação cristã, e ao papel do Espírito Santo e dos dons do Espírito na tradição mística. A terceira reunião, realizada no Schloss Craheim, Alemanha Ocidental, em junho de 1974, centrou-se na teologia da iniciação cristã, na natureza da atividade sacramental, no batismo de crianças e de adultos. Na quarta reunião, realizada em Veneza, maio de 1975, as áreas de culto público (especialmente celebração eucarística); a dimensão humana no exercício dos dons espirituais, e discernimento de espíritos foram as principais preocupações. Em Roma, em maio de 1976, a sessão final foi dedicada ao tema da oração e do louvor. Na primeira fase, o diálogo procurou “explorar a vida e a experiência espiritual dos cristãos e das Igrejas”; procurou-se dar especial atenção ao significado para a Igreja da plenitude de vida no Espírito Santo, atendendo "tanto à dimensão experiencial como teológica (Doc. Final 1 – n. 5).”²⁷⁴.

²⁷⁴ Tradução nossa.

Segunda etapa (1977-1982)	<p>Dedicada novamente à compreensão da própria identidade confessional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Falar em línguas como um aspecto característico do movimento pentecostal; relação entre fé e experiência”. - “O ministério de cura na Igreja; o significado e a interpretação das Escrituras”. - “A revelação divina, a natureza da tradição e as tradições no mistério da Igreja”. - “Mariologia na relação com a cristologia; natureza do ministério”. <p>Informe final: “O ministério”.</p>
---------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No primeiro encontro da segunda série de palestras, realizado em Roma, em outubro de 1977, o diálogo discutiu o falar em línguas e a relação da experiência com a fé. A segunda reunião em Roma, em outubro de 1979, discutiu a relação da Escritura com a tradição e o ministério de cura na igreja. Em Veneza, outubro de 1980, o encontro enfocou a Igreja como uma comunidade de adoração e tradição de tradições. O encontro em Viena, em outubro de 1981, enfocou o papel de Maria. A última reunião da série foi realizada em Collegeville, Minnesota, em outubro de 1982, onde o ministério era a área de concentração. Para enfocar mais claramente as conversas, foi decidido que esta segunda série deveria ser exclusivamente uma conversa entre os pentecostais clássicos e a Igreja Católica Romana. Portanto, os participantes da Renovação Carismática que eram membros das igrejas Anglicana e Protestante não foram incluídos no diálogo. O documento final desta fase traz uma definição fundamental para o exercício do diálogo quando afirma que:

apesar das diferenças mencionadas acima, é visto que pentecostais clássicos e católicos romanos concordam com os elementos básicos da fé cristã, por exemplo, Trindade, encarnação, ressurreição, inspiração da Escritura, a pregação do Evangelho como parte integrante do ministério da Igreja, e a

orientação do Corpo de Cristo pelo Espírito Santo (Doc. Final 2 n. 29)²⁷⁵.

Terceira etapa (1985-1989)	<p>Dedicada às perspectivas de comunhão (<i>koinonía</i>).</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Comunhão dos Santos”. - “O Espírito Santo e a visão sobre <i>koinonia</i> no Novo Testamento”. - “<i>Koinonía</i>, Igreja e sacramentos”. - <i>Koinonia</i> e batismo”. <p>Informe final: “A noção de <i>Koinonia</i>”.</p> <p>Subcomissão: “Perspectivas futuras de <i>koinonia</i>”.</p>
----------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nesta fase, observou-se a crescente aceitação do diálogo pela *World-Wide Pentecostal Community*, que é uma confederação mundial de igrejas pentecostais. Pela primeira vez, várias igrejas pentecostais autorizaram a participação oficial de seus representantes para este diálogo. Na reunião de 1985, em Riano, Itália, a discussão foi sobre a Comunhão dos Santos. Em Sierra Madre, Califórnia-EUA, em 1986, o assunto era o Espírito Santo e a Visão de *Koinonia* no Novo Testamento. Em 1987, a discussão foi sobre a relação dos sacramentos e a *koinonia*. Em 1988, na reunião em Veneza, Itália, o diálogo tinha como foco a discussão sobre “*Koinonia*, Igreja e sacramentos, enquanto na Reunião em Emmett na Suíça, em 1988, a discussão era sobre “*Koinonia* e batismo”. A reunião de 1989, em Roma, reuniu a conclusão das discussões. Nesta fase do diálogo, uma contribuição a partir de uma afirmação de ordem eclesiológica deve-se fazer notar, dada a importância para a causa ecumênica, quando o documento final afirma que “Católicos romanos e pentecostais acreditam que existe apenas “uma Santa Igreja Apostólica Católica” constituída por todos os crentes (cf. Ef 4, 4-6). Isto difere, no entanto, sobre o entendimento em relação à forma como a ela se pertence” (Doc. Final III. n. 34)²⁷⁶.

²⁷⁵Tradução nossa.

²⁷⁶Tradução nossa.

Quarta etapa (1990-1997)	<p>Dedicada à evangelização, ao proselitismo e ao testemunho comum.</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Perspectivas históricas sobre a evangelização”. - “Fundamentos bíblicos e sistemáticos da evangelização”. - “Evangelização e cultura”. - “Evangelização e Justiça Social”. - “Evangelização, testemunho comum e proselitismo”. - “Formas de testemunhar juntos o Evangelho no futuro”. <p>Informe final: “Evangelização, proselitismo e testemunho comum”.</p>
--------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Na quarta fase, as discussões foram as seguintes: o significado da missão e evangelização (1990, Emmetten, Suíça); o fundamento bíblico e sistemático da evangelização (1991, Veneza, Itália); evangelização e cultura (1992, Rocca di Papa, Itália); evangelização e justiça social (1993, Paris, França); evangelização/evangelismo, testemunho comum e proselitismo (1994, Kappel am Albis, Suíça) e o testemunho comum (1995, Brixen/ Bressanone, Itália). Os membros da comissão de diálogo se reuniram novamente em Brixen/Bressanone, na Itália, em 1996, para examinar um primeiro rascunho do relatório desse diálogo. A discussão continuou em Roma, em junho de 1997, e o comitê organizador foi então autorizado a estabelecer o texto final, levando em consideração as opiniões dos participantes, o que ocorreu em Genebra, na Suíça, em novembro de 1997.

No documento final, logo na introdução, é explícita a preocupação com a unidade da Igreja, “uma unidade não estrutural, mas de promoção de respeito e da compreensão mútua entre a Igreja Católica e os grupos do pentecostalismo tradicional”²⁷⁷. Em relação à evangelização, a concordância é que a

²⁷⁷CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **Diálogo católico-pentecostal – Documento final 4 - Evangelização, proselitismo e testemunho comum**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1999. n. 2.

evangelização e o amor ao próximo são intrínsecos, intimamente ligados e que este amor inclui zelo pela justiça social. Mesmo engajados na evangelização, devemos estar atentos ao bem-estar social de nossos vizinho; pentecostais e católicos devem resistir ao reducionismo, antropocentrismo e à politização de Cristo ou do Evangelho, bem como à privatização do Reino e à individualização da sociedade (n. 58). Em relação ao proselitismo, os presentes condenam de forma veemente a prática (n. 94), e, em relação ao testemunho comum, é contundente a afirmação de que o enfrentamento das dificuldades e a partilha são um testemunho comum da fé (n. 118).

<p>Quinta etapa (1998-2003)</p>	<p>Dedicada à iniciação cristã e ao batismo no Espírito Santo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - “O processo cristão de conversão”. - “Fé e iniciação cristã: perspectivas bíblicas e patrísticas”. - “Conversão e iniciação cristã: perspectivas bíblicas e patrísticas”. - “Experiência cristã em comunidade: perspectivas bíblicas e patrísticas”. - “Conversão e fé, discipulado e formação cristã; batismo no Espírito Santo. <p>Informe final: “Iniciação cristã. Perspectivas bíblicas e patrísticas”.</p>
-------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A quinta fase aconteceu entre os anos de 1998-2003. Na primeira reunião, em 1998 em Bolton (Canadá), o diálogo estudou a questão do batismo no Espírito Santo, conforme apresentado na linguagem religiosa contemporânea, encontrada nas fontes bíblicas e patrísticas, principalmente em relação à iniciação cristã. Nos anos subsequentes, as questões abordadas através do diálogo foram concernentes à “fé” (1999, Veneza, Itália), “à conversão (2000, Viena, Áustria), “à experiência” (2001, Celje, Eslovênia), “à vida de um discípulo e à formação” (2002, Sierra Madre, Califórnia, Estados Unidos). Sessões plenárias para a redação do relatório preliminar ocorreram em 2003 (Rottenburg, Alemanha), 2004 (Torhout, Bélgica), 2005 (Praga, República

Tcheca) e em 2006 (Bose, Itália). Além disso, um comitê de redação restrito se reuniu três vezes em Amsterdã (Holanda), em fevereiro de 2003; em Springfield (Missouri, Estados Unidos), em fevereiro de 2004; e em Roma (Itália), em novembro de 2004. Após a última sessão plenária, outra reunião foi necessária para redigir a versão final deste texto. Percebe-se, assim, que não somente o diálogo amadurece, mas amadurece também a própria produção da comissão.

No documento final da quinta fase²⁷⁸, informações importantes e convergentes são que católicos e pentecostais concordam que conversão é essencial para a salvação em Cristo e que seu objetivo primordial é uma vida de compromisso com o discipulado (n. 25); o ser cristão é algo incompreensível sem a fé (n. 60); formação e discipulado são dois aspectos inerentes à vida de um cristão (n. 97-98); a experiência religiosa não é um fim, mas um meio através do qual se encontra Deus (n. 140). Em relação ao batismo no Espírito Santo, tanto católicos como pentecostais reconhecem a importância do derramamento do Espírito Santo (n. 193), bem como a convicção de que essa experiência não precisa ser um tema de divisão entre nossas comunidades. Para Beas,

Junto com a acentuação de um discipulado que não é completo se não é missionário, tal como manifesta, Aparecida nos vincula fortemente com a ênfase no empoderamento do Espírito Santo para a missão que realizamos conforme designa os pentecostais. O diálogo católico-pentecostal tem encontrado aqui uma raiz comum, dado que é possível compartilhar pontos de vista e experiências²⁷⁹.

²⁷⁸ CNBB. **Tornar-se cristão Inspirações da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

²⁷⁹Tradução Nossa. BEAS, P. M. Contenidos teológicos para un diálogo católico-pentecostal. Hacia un testimonio común del Evangelio. **Teología y Vida**, Santiago, v. 53, p. 575 a 602, Dezembro 2012. P. 595.

Sexta etapa (2011-2015)	<p>Dedicada aos carismas na Igreja: seu significado espiritual, discernimento e implicações pastorais”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Carismas na vida e missão da Igreja. - Fundamentos bíblicos. - Breves orientações históricas. - Igreja, comunidade vivificada pelo Espírito Santo - Reflexão sobre carismas específicos: profecia, cura e discernimento dos espíritos. <p>Supervisão pastoral do exercício dos carismas.</p>
----------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Na sexta fase do diálogo, os participantes começaram seu estudo com uma visão geral dos Carismas (Roma 2011) e focaram em três carismas específicos: discernimento (Helsinque, 2012), cura (Baltimore, MD, 2013) e profecia (Sierra Madre, CA, 2014), identificando abordagens, interpretações e desafios comuns. O objetivo desta fase foi apresentar uma reflexão compartilhada sobre os carismas em suas dimensões teológica, pastoral e espiritual, destacando elementos que tanto católicos como pentecostais podem afirmar juntos, bem como esclarecer os desafios e as diferenças que devem enfrentar.

O documento final reafirma o entendimento conjunto da natureza carismática de toda a Igreja (n. 9), ainda que a recepção dos dons seja divergente para católicos que acreditam que a base para o recebimento dos dons são o batismo e a Confirmação, e para os pentecostais que acreditam que a recepção dos mesmos se dá na experiência de batismo no Espírito Santo (n. 10)²⁸⁰.

Para Kasper,

²⁸⁰ COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. NÃO EXTINGAIS O ESPÍRITO – OS CARISMAS NA VIDA E NA MISSÃO DA IGREJA. Documento final 6. In: LIMA, A.; COSTA, M.; GANDRA, V. **O Espírito e as Igrejas**. São Paulo: Recriar, 2018.

embora pentecostais busquem uma experiência espiritual; desejam experimentar o Espírito Santo e o poder de Deus de modo imediato, aqui e agora. Nesse sentido, constata-se um forte componente emocional. Por outro lado, a Igreja Católica redescobriu sua legítima preocupação sobre as manifestações do Espírito Santo: o Concílio Vaticano II reafirmou o aspecto pneumatológico-carismático da Igreja e introduziu uma renovação da dimensão carismática da Igreja²⁸¹.

Através deste diálogo, católicos e pentecostais não são chamados a revisar pontos de vista doutrinários, embora o posicionamento dialogal possa harmonizar determinados aspectos em relação a questões doutrinárias específicas, mas são chamados, em primeiro lugar, a revisarem seus posicionamentos. É fato que muitos católicos carregam feridas em relação a alguns pentecostais no que diz respeito a questões que envolvam Maria, a Eucaristia, o Papa etc. Porém, por outro lado, há pentecostais que carregam feridas relacionadas às generalizações, aos fundamentalismos, aos reducionismos etc.

Para Kasper, além de refletir sobre as limitações dos pentecostais, católicos precisam refletir sobre as próprias limitações:

O que, entre nós, não funciona? O que falta em nossas paróquias? O que dizem as pessoas sobre nossas lacunas? O que elas não encontram em nós e esperam encontrar nos grupos pentecostais? Por que esses católicos mudam sua filiação religiosa? E mais: podemos, nós, aprender alguma coisa da metodologia pentecostal – como o forte senso de comunidade e a satisfação de necessidades básicas das pessoas, sobretudo em áreas rurais e pobres? Por outro lado, o que devemos evitar? Essas perguntas são importantes para iluminar uma reflexão pastoral que responde aos problemas enfrentados pela Igreja Católica na América Latina²⁸².

3.2.3 - Plataformas de unidade

Nos últimos anos, em alguns países, tem surgido iniciativas de comunhão entre católicos carismáticos e pentecostais, a partir dos elementos comuns em sua identidade e espiritualidade. Aqui serão destacadas algumas destas iniciativas que têm como ponto forte a fraternidade, o diálogo e,

²⁸¹KASPER, W. Unidade dos cristãos e pentecostalismo: Quais as perspectivas? Cenário, sujeitos e práticas. In: MAÇANEIRO, M. (ORG.) **Teologia em questões**. Aparecida: Santuário, 2014. p.214.

²⁸²KASPER, W. Unidade dos cristãos e pentecostalismo: Quais as perspectivas? Cenário, sujeitos e práticas. In: MAÇANEIRO, M. (ORG.) **Teologia em questões**. Aparecida: Santuário, 2014. p..212.

sobretudo a oração, por isso também são vistas como iniciativas de ecumenismo espiritual. Estas realidades cumprem de maneira profética a sua missão tornando-se um sinal dos tempos a partir do seu testemunho de comum. Para Cunha

os novos relacionamentos são desenvolvidos à base do respeito e da sensibilidade mútuas, elementos indispensáveis no processo de construção da confiança, sobre a qual o diálogo poderá se desenvolver de forma construtiva. Os encontros respeitosos deverão ser seguidos pelo aprofundamento de nossas relações, que precisa ocorrer à base do discernimento espiritual e da reflexão teológica, também em relação àquelas questões, candentes muitas, em que temos percepções e posicionamentos divergentes. Caso contrário, estaríamos patrocinando um esvaziamento daquilo que é mais profundo no compromisso ecumênico. Teríamos dissolução paulatina do compromisso ecumênico, diminuição de sua substância, recolhimento ao mundo interno de cada igreja ou família confessional em tudo quanto é substancial, enfim, uma redução do ecumenismo a uma política de boa vizinhança²⁸³.

Em Augusta, na Geórgia, nos Estados Unidos há 40 anos, a *Alleluia Community Covenant* ou simplesmente Comunidade Aleluia, reúne entre seus membros católicos e protestantes (não só pentecostais, uma vez que reúne membros de 12 denominações diferentes). Trata-se de uma comunidade de vida, na qual moram 700 membros numa vila que foi denominada de Vila da fé. Em entrevista publicada, seus líderes Daniel Almeter (católico) e Bob Garrett (evangélico) afirmam que a missão fundamental da Comunidade Aleluia é “trabalhar pela unidade do Corpo de Cristo e ser uma voz profética para a unidade do corpo de Cristo”²⁸⁴.

Na vigília de oração desta comunidade cada membro tem o dever de orar uma hora por dia, 365 dias por ano pela unidade do Corpo de Cristo. Segundo seus líderes já há anos, a Comunidade Aleluia tem utilizado os termos ecumênico e multidenominacional de maneira intercambiável, com o intuito de expor as diferenças de um modo positivo levando em conta o

²⁸³ CUNHA, M. D. N. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 24, p. 33-51, jan/jun 2011. p. 45

²⁸⁴ MARION, J. C. **Um só corpo Um só Espírito Um só Senhor**. Impacto: Americana, 2016. p. 219

pluralismo cristão e ao mesmo tempo como uma forma de explorar que a unidade é possível.

De modo mais incisivo, o cenário de inimizade entre católicos e pentecostais começou a ser mudado a partir do testemunho de Mateo Calisi fundador da Comunidade de Jesus que tem a unidade como seu principal carisma, Calisi por muito tempo presidiu a Fraternidade católica das Novas Comunidades e é amigo de Giovanni Traetino, pastor da Igreja da Reconciliação este muito conhecido por ser um amigo do Papa Francisco. Em 1992, por ocasião do 25º aniversário da Renovação Carismática Católica, num estádio em Bari na Itália, aconteceu um momento ecumênico e neste encontro Giovanni Traetino lavou os pés de uma das lideranças da RCC que estavam ali presentes. Em 1995, num outro evento, Matteo Calisi retribuiu o gesto e dessa vez alguns bispos lavaram os pés de Traetino.

A partir dos gestos pioneiros de Calisi e Traetino, esse mover de unidade começou a espalhar-se por outras regiões do mundo de maneira mais concreta. Em 2005 através dos contatos de Calisi e Traetino com o Pastor Jorge Himitian, surgirá na Argentina o Creces (Comunhão renovada de católicos e evangélicos no Espírito Santo), plataforma de unidade que atuará através do ecumenismo espiritual. Vale destacar que essa iniciativa contou com a motivação do Cardeal de Buenos Aires na época, Jorge Bergoglio, hoje o Papa Francisco.

Em 2006 Calisi veio ao Brasil, a pedido de Dom Filippo Santoro para plantar esta semente de ecumenismo espiritual e na ocasião fora apresentado a Sra. Doris Hoyer de Carvalho, fundadora da Comunidade Bom Pastor com sede no Rio de Janeiro e que já desempenhava um trabalho de ecumenismo espiritual com a realização de encontro de oração entre católicos e evangélicos de experiência pentecostal. Encontros realizados anteriormente entre Calisi, Traetino, Himitian e o Sr. Jamê Nobre tornar-se-ão o cerne embrionário da plataforma de unidade que será chamada de ENCRISTUS (Encontro de cristãos em busca de unidade e santidade).

Um momento será extremamente positivo para o surgimento desta plataforma, em 2006, na sede da Comunidade Canção Nova em Cachoeira

Paulista acontecerá um encontro no qual Calisi estava presente, além do Bispo Tony Palmer e do arcebispo Sean Larkin (ambos anglicanos), além do pastor denominacional Alan Fonseca. Neste encontro, transmitido em rede aberta de televisão, os presentes viram Tony, Sean e Alan pedirem perdão pela divisão da Igreja cristã e os três lavaram os pés dos padres e Bispos presentes. Da mesma forma os católicos presentes lavarão os pés de Tony, Sean e Anderson. Neste encontro estavam presentes algumas pessoas que se juntarão para constituir o primeiro núcleo de serviço do ENCRISTUS.

A primeira reunião da equipe de serviço do ENCRISTUS aconteceu no dia 15/11/2007, estiveram presentes Matteo Calisi, Pr. Jorge Himitian e diversos irmãos católicos e evangélicos. Estes marcaram um primeiro encontro aberto que aconteceu na cidade de Lavrinhas/MG reunindo 177 pessoas entre católicos e evangélicos. Para Marion, nas reuniões do ENCRISTUS “busca-se uma experiência espiritual. O Espírito Santo se manifesta neste ambiente de reconciliação de pessoas arrependidas e perdoadas umas pelas outras”²⁸⁵. Para Aleixo, “o perdão é o ponto fundamental da unidade e da comunhão, pois sem perdão mútuo não há reconciliação, não há comunhão, não há unidade”²⁸⁶.

Desde a primeira reunião da equipe de serviço e do encontro de fundação, o ENCRISTUS já realizou 18 reuniões, algumas delas em âmbito regionalizado, outras deles em âmbito nacional e sua equipe de serviço conta com 17 pessoas entre católicos e evangélicos de diversas denominações. Vale ressaltar que os membros da equipe de serviço não representam suas congregações ou realidades, ou seja, não estão a serviço de suas instituições, mas por conta própria estão dando sua contribuição à unidade da Igreja.

Conforme descrição no site, o ENCRISTUS favorece o encontro de evangélicos e católicos, que desejam buscar a santidade e a unidade fraternalmente, movidos pela Efusão do Espírito Santo que experimentam em suas Comunidades. Este encontro tem um sentido espiritual, discipular, bíblico

²⁸⁵ MARION, J. C. **Um só corpo Um só Espírito Um só Senhor**. Impacto: Americana, 2016. p. 190.

²⁸⁶ ALEIXO, I. As raízes do Encristus. In: MARION, J. C.; ALEIXO, I. N. (ORGS) **Dá-me um pouco da tua água**. Americana: Impacto, 2017. P. 24.

e apostólico. Não se trata de uma “comissão” interconfessional, nem de uma instância representativa dos dirigentes das Comunidades participantes – embora algumas se fazem representar por presidentes, bispos ou delegados oficiais. Trata-se, sobretudo, de um encontro de irmãos e irmãs que se reconhecem chamados pelo Senhor Jesus Cristo a uma vida de santidade e unidade, conforme o Evangelho. Destacam ainda que nenhuma de suas Comunidades pretende confundir-se ou absorver-se reciprocamente, mas convergir em Cristo Senhor, partilhando como irmãos o discipulado do Evangelho²⁸⁷.

Os participantes do ENCRISTUS se reconhecem ainda como irmãos e discípulos do mesmo Senhor (cf. Jo 13,35). Afirmam que seus encontros são marcados pela escuta do Evangelho, valorização do que a graça divina tem feito em cada pessoa, adoração e testemunho comum. Há representantes de Comunidades e Ministérios tradicionais e outros, de Comunidades e Ministérios mais recentes. Há ministros ordenados (pastores, presbíteros e bispos) e há ministros leigos (pregadores, obreiros, adoradores, intercessores). Todos procuram acentuar a fraternidade batismal e discipular, mais do que os títulos e encargos – sem menosprezar a função de cada qual na sua Igreja, edificada pelo ministério pastoral²⁸⁸.

Uma outra plataforma de unidade é a “Missão Somos Um”, que surgiu no ano de 2008, no seio da Comunidade Católica Coração Novo, localizada no território da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil). Seu principal escopo, conforme definido em seu dossiê, é servir à unidade dos cristãos, em sintonia com o Magistério da Igreja (*Unitatis Redintegratio* e *Ut Unum Sint*), pelo exercício de relações fraternas, oração e edificação mútua, desde o nível dos encontros cotidianos até à Conferência Internacional Somos Um.

Em seu percurso eclesial, a Missão Somos Um lança raízes em algumas iniciativas que a precederam, como o próprio ENCRISTUS Brasil (Encontro de

²⁸⁷ ENCRISTUS. Encontro de cristãos na busca de unidade e santidade. **ENCRISTUS.ORG**, 2020. Disponível em: <<https://www.enclistus.org/>>. Acesso em: 16 dezembro 2020.

²⁸⁸ENCRISTUS. Encontro de cristãos na busca de unidade e santidade. **ENCRISTUS.ORG**, 2020. Disponível em: <<https://www.enclistus.org/>>. Acesso em: 16 dezembro 2020.

Cristãos em Busca de Unidade e Santidade, desde 2007) e, no contexto local, o *Congresso de Avivamento Somos Um* (2008) que visava oportunizar encontros mensais de partilha da Palavra de Deus e oração comum entre católicos e evangélicos, na sede da Comunidade Católica Coração Novo, na cidade do Rio de Janeiro.

Cada uma dessas plataformas, em suas realidades e com suas particularidades, tem testemunhado que a unidade é possível, desde que os elementos comuns estejam a serviço da convergência. Sepúlveda afirma que

Para avançar no diálogo, temos que criar espaços para nos conhecermos, orarmos juntos, e assim derrubarmos os preconceitos mútuos[...] O mais importante deste tipo de aproximação é que ao gerar oportunidades para o reconhecimento como irmãos e irmãs em Cristo, permite que o exercício da vocação missionária e da atividade pastoral se desenvolva com crescente respeito mútuo.²⁸⁹

E é o que essas plataformas melhor têm feito nas realidades em que estão inseridas. Embora para Alday

A unidade não seja conseguida somente com a oração em comum, mesmo que seja feito em um autêntico clima de fé no mesmo Senhor e em verdade amor fraterno; uma vez que a Igreja e sua unidade compreendem outros elementos e outros níveis, onde existem profundas discrepâncias, tanto em matéria doutrinária e disciplinar, como no que se refere à estrutura da Igreja²⁹⁰.

Conclusão do capítulo

As manifestações carismáticas nunca cessaram na Igreja, uma vez que o Corpo de Cristo é animado pelo Espírito Santo, que, por sua vez, adorna a Igreja com seus dons hierárquicos e carismáticos. Embora não seja recomendável a busca desenfreada por dons extraordinários, a natureza carismática da Igreja é inegável, ainda que, ao longo dos séculos, a manifestação deles fosse compreendida por pontos de vistas diferentes.

²⁸⁹SEPULVEDA, J. Intervenção de um pastor pentecostal perante a Conferência do episcopado latino-americano. *Zenit.org*, 2007. Disponível em: <<https://es.zenit.org/2007/05/29/intervencion-de-un-pastor-pentecostal-ante-la-conferencia-del-episcopado-latinoamericano/>>. Acesso em: 16 dezembro 2020.

²⁹⁰ALDAY, S. C. *A Renovação no Espírito*. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1986. p. 158.

Um florescer dos dons se dá através de movimentos espirituais que influenciarão o surgimento do pentecostalismo no início do século XX. O movimento pentecostal que nasce nos Estados Unidos não carrega consigo somente uma abertura ao Espírito Santo, envolvida pelo falar em línguas, pela prática dos dons, pela emoção, pela dança e pelo louvor, mas carrega consigo um nobre desejo de unidade, considerando principalmente a segregação racial que predominava nesta época.

Pode-se falar, assim, que o pentecostalismo nasce, não a partir de um cisma, como algumas denominações cristãs, mas nasce também de um desejo de ver o gênero humano reconciliado, uma vez que, não somente a divisão cristã predominava, mas também a terrível realidade de segregação racial. O pentecostalismo nasce em paralelo ao movimento ecumênico, num século em que irrompem vários avivamentos espirituais. Numa visão espiritual, pode-se compreender uma ação do Espírito convergente à unidade dos cristãos, pois este é o ecumenista por excelência.

Infelizmente, alguns setores do movimento pentecostal não permaneceram firmes às suas raízes, conforme a história nos mostra. Este movimento já nasce enfrentando muita perseguição, e, diante desta realidade, a necessidade de autoafirmação colocará este segmento em posição de defesa, e este se dará também a partir de ataques e agressões. O pentecostalismo não será visto como cristão por muitos segmentos do próprio cristianismo. O protestantismo os rejeitará, e não verão neles protestantes, bem como os católicos os rejeitarão, vendo nestes um grupo sectário. Por sua vez, a Igreja Católica ainda verá um êxodo de grande parte de seus fiéis migrando para esta realidade, o que inflamará as feridas e os rechaços que alimentarão ainda mais esse clima de revanchismo.

Influenciada pelo espírito conciliar, a Renovação Carismática surgirá na década de 60 do século 20 como um lugar de encontro e reconciliação entre católicos e pentecostais, influenciados por sua natureza ecumênica e pelos relacionamentos com pentecostais que culminaram no surgimento da mesma. Tristemente na atualidade, possivelmente influenciada também por uma necessidade de autoafirmação para buscar seu lugar na Igreja e para manifestar sua catolicidade, a Renovação se distanciou de sua natureza

ecumênica. Nestes tempos, o Papa Francisco, com a instituição do *Charis*, tem motivado a Renovação Carismática a voltar-se à sua natureza ecumênica, para assim assumir essa causa como uma missão.

Além da RCC, o diálogo católico-pentecostal tem contribuído de maneira grandiosa para com a unidade entre católicos e pentecostais. Num caminho que já percorreu seis fases e que está se encaminhando para os seus 50 anos. Católicos e pentecostais, se não encontraram um entendimento pleno em alguns aspectos, conseguiram dialogar a partir de seu patrimônio comum.

CONCLUSÃO

A Igreja cristã, ao longo de sua história, se viu marcada por divisões que, não somente feriram sua unidade, mas que prejudicaram o testemunho de vida cristã, uma vez que a divisão prejudica claramente a pregação do Evangelho. A situação de divisão sempre incomodou homens e mulheres que entenderam o desserviço que ela causa ao Corpo de Cristo. Estes levantaram-se com o propósito de serem instrumentos para reconciliação dos cristãos a partir da realidade na qual estavam inseridos.

Nesse intuito, nasceu o movimento ecumênico, o qual pode se dizer que foi o pioneiro deste mover de unidade. O movimento ecumênico abriu caminhos, e mesmo com a não inserção da Igreja Católica num primeiro momento - tem-se que considerar inclusive a rejeição ecumênica que predominava na Igreja Católica - ainda assim o movimento ecumênico preparou o terreno para que corações desejosos de unidade se levantassem, bem como influenciou determinadas realidades a servirem à nobre causa da unidade.

Os antecedentes conciliares foram complexos de maneira geral: a humanidade, que vinha de duas grandes guerras mundiais; em determinadas realidades, o movimento ecumênico tendeu-se a um pleito de uniformidade; a Igreja Católica permanecendo numa posição exclusivista, autorreferenciada e autocentrada, até que após a morte do Papa Pio XII, o conclave elege o Papa João XXIII; Com a idade avançada e os problemas de saúde, aquele que, a princípio, fora visto como um Papa de transição, dócil e sensível à ação do Espírito, lê os sinais dos tempos e entende que a Igreja Católica precisava de um *aggiornamento*, de uma abertura que a colocasse numa possível de diálogo com o mundo, com outras realidades cristãs e com outras expressões religiosas.

João XXIII, desde o princípio, deixa claro que a causa ecumênica seria uma das suas prioridades. Este espírito de abertura permeará as discussões e alcançará também seu sucessor, Paulo VI, que dará continuidade ao concílio, após a morte de João XXIII. Em relação à unidade dos cristãos, os textos

provenientes do Tratado sobre a Igreja (*De Ecclesiae*) se tornarão fundamentais.

A Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, num retorno às fontes, fundamentada nas Escrituras e na Tradição Patrística, coloca a Igreja num renovado posicionamento que lhe permitirá relacionar-se de maneira adequada, não mais autorreferenciada e exclusivista em relação a outras expressões cristãs. Com a *Lumen Gentium*, a Igreja Católica reafirma que a Igreja de Cristo nela subsiste, que a Igreja é mistério, comunhão dos justos, sacramento universal de salvação, Corpo místico de Cristo, Templo do Espírito Santo e Povo de Deus e é justamente esta eclesiologia de comunhão que possibilitará um novo relacionamento entre os cristãos, partindo da premissa básica de que o batismo trinitário faz dos cristãos irmãos. Além das contribuições da *Lumen Gentium*, a *Unitatis Redintegratio* trará colaborações consideráveis para um apostolado de unidade, bem como a própria pneumatologia e dialogicidade do concílio, que serão absorvidas pelo magistério subsequente.

A recepção dos ensinamentos do concílio provoca um chamado a um aprofundamento em duas notas fundamentais e necessárias para um diálogo concreto com realidades pentecostais, que são: a pentecostalidade e a carismaticidade. A pentecostalidade precisa ser entendida como uma realidade própria de toda a Igreja. Ainda que o pentecostalismo tenha como característica fomentar uma vida no Espírito, e não há dúvidas de que esta realidade fora levantada para motivar tal questão, ainda assim a pentecostalidade é uma nota relacionada a toda Igreja cristã, uma vez que a Igreja nasceu e inaugurou a sua missão em Pentecostes e toda a Igreja é chamada a fundamentar sua práxis a partir de uma vida no Espírito.

Para Campos, a pentecostalidade atua como critério de conhecimento, o qual se desdobra em:²⁹¹

²⁹¹Tradução Nossa. BEAS, P. M. Diálogo ecuménico entre católicos y pentecostales. Discípulos constructores de una cultura del encuentro en una sociedad plural. **Cuestiones Teológicas**, Medellín, v. 45, n. 104, p. 299-322, Julho/Dezembro 2018. Apud: Campos, B. (2016). *El principio pentecostalidad. La unidad en el Espíritu, fundamento de la Paz*. Lima: CEEP Ediciones & Bassel Publishers. 2016.

- 1) Um olhar para a história, que entende que vivemos um *kairós pentecostal*: dessa forma, a pentecostalidade deve nos fazer atentos à ação de Deus por meio de seu Espírito Santo que oferece uma revitalização de sua Igreja e atua para sua edificação;
- 2) Uma *práxis pentecostal*: como acolhida na história de um Deus que se revela e suscita libertação e salvação;
- 3) Um *páthos pentecostal*: *páthos* que enfatiza que os pentecostais têm uma forma de viver a fé com acentos apaixonados, onde a Cruz de Cristo tem um lugar central;
- 4) Um *ethos pentecostal*: o *ethos* pentecostal enfatiza a alegria do encontro com o ressuscitado. Seu *ethos* atua como um imperativo pentecostal que se desdobra em um espírito movido pelo Espírito e o configura com a vida de Cristo;
- 5) Um *imperativo pentecostal*: o *ethos*, indicado no ponto anterior, carrega ao imperativo de buscar a santidade e envolve toda a comunidade. Sua adoração quer ser uma reprodução ou extensão do dia de Pentecostes; o pentecostal quer viver para adorar a Deus;
- 6) Uma *hermenêutica pentecostal*: o pentecostal procura interpretar nas Escrituras sua vida, sua história, os acontecimentos da centralidade do Espírito.

Pentecostalidade pode ser entendida como aquela experiência universal que expressa o “Evento de Pentecostes” em sua capacidade de princípio ordenador da vida daqueles que se identificam com o avivamento pentecostal. No evento de Pentecostes, o Espírito é derramado e é Ele quem adorna a Igreja com seus dons. A *Lumen Gentium*, bem como alguns dos documentos finais das conversações entre católicos e pentecostais, reafirmam a natureza carismática da Igreja. O documento final 6 vai afirmar de maneira enfática que “católicos e pentecostais concordam que o Espírito Santo dota a Igreja com dons institucionais e carismáticos. Na dimensão institucional, o Espírito Santo está a operar através das estruturas de liderança estabelecidas por Cristo” (n. 27)²⁹². O mesmo documento completa afirmando que:

²⁹²COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. NÃO EXTINGAIS O ESPÍRITO – OS CARISMAS NA VIDA E NA MISSÃO DA IGREJA. Documento

essas duas dimensões (institucionais e carismáticas) são coessenciais à Igreja e complementares entre si. A dimensão institucional tem, por assim dizer, uma face carismática, em tudo quanto nela é animado e continuamente sustentado pelo Espírito Santo; e a dimensão carismática tem, de seu lado, uma face institucional, em tudo quanto nela deve ser discernido pela Igreja e corretamente ordenado para o bem de toda a Igreja (n. 27).

Esses documentos reconhecem que o Espírito Santo é fonte de todos os carismas, que estes são concedidos para a edificação do Corpo, a manifestação destes faz a Igreja bela, rica e diversa, bem como entendem também que o Espírito e os dons carismáticos jamais deixaram de agir na Igreja. O próprio movimento pentecostal, independentemente de suas fraquezas e limitações, que, na verdade, são fraquezas e limitações relacionadas às realidades humanas, pode ser entendido como uma manifestação do Espírito, que enriquece a Igreja com carismas. Aqui, basta um olhar sincero para se pontuar quantos cristãos voltaram a participar de suas comunidades através das realidades pentecostais, que é a realidade cristã que mais tem crescido no mundo.

Válidas são as contribuições das plataformas de unidade entre católicos e pentecostais, pois são um testemunho prático e concreto de que a unidade é possível, ainda que o entendimento doutrinal esteja muito longe de acontecer. Válidas são também as contribuições da Renovação Carismática, que pode ser compreendida como um lugar teológico de encontro e unidade entre católicos e pentecostais. Pode-se, aqui, acrescentar as seis fases do diálogo católico pentecostal e a produção de seus documentos ao longo de seus cinquenta anos, tudo como frutos do Concílio Vaticano II. Sem a realização do mesmo, possivelmente nada disso seria possível.

Sendo assim, um ecumenismo do Espírito pode ser compreendido como uma manifestação da pentecostalidade e da carismaticidade da Igreja, a qual a Igreja Católica participa no espírito de uma recepção conciliar. Na Igreja Católica, esse ecumenismo espiritual se dá principalmente através da oração em comum. Kasper o denominava de ecumenismo espiritual, que é um termo que o Papa Francisco muito tem utilizado para promover aquilo que também

tem chamado de cultura do Encontro. O ecumenismo do Espírito, embora não determine formas institucionais, compromissos estruturais, decisões formais, ousa orar e cantar juntos, mas também compartilhar experiências e explorar tarefas. A esse respeito, é muito interessante notar que as comunidades pentecostais e a Igreja Católica, reconhecem que o Espírito Santo é o principal vínculo de unidade, em meio à diversidade de ministérios, carismas e formas eclesiológicas.

A unidade é nota fundamental da Igreja, o Espírito é promotor de unidade e esta é vontade do próprio Cristo, que rezou ao Pai pedindo para que sejamos um, a fim de que o mundo creia (Jo 17, 21). Católicos e pentecostais, os mais velhos com os mais novos, têm-se esforçado neste caminho para darem testemunho de que a unidade é possível. Tanto católicos como pentecostais têm ciência daquilo que gera divisão, mas as iniciativas em busca da unidade, motivadas pelo Espírito, tornam-se o alimento para que as diferenças sejam superadas, para que a diversidade seja reconciliada e para que o maior dos carismas, que é o amor, se manifeste, pois é ele que faz de nós todos cristãos.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- AGOSTINHO. **A cidade de Deus - Parte II**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- AGOSTINHO. **Comentário aos salmos (51-100)**. São Paulo: Paulus, 2020.
- BASILIO DE CESAREIA. **Tratado sobre o Espírito Santo**. São Paulo: Paulus, 1998.
- EUSEBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo século, 1999.
- IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 1995.
- TERTULIANO. **O sacramento do batismo - Teologia pastoral do batismo segundo Tertuliano**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **Decreto Unitatis Redintegratio**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FRANCISCO. **Evangelii Gaudium A Alegria do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. **Laudato Si Louvado Sejas sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulus, 2015.
- _____. **Amoris Laetitia**. São Paulo: Paulus, 2016.
- INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE (ICCPD). **Documento I**. Secretariado para a promoção da unidade cristã da Igreja Católica Romana e dos líderes de algumas Igrejas Pentecostais e participantes do movimentos carismático dentro das Igrejas Protestantes e Anglicana. ROMA. 1972-1976.
- INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE [ICCPD]. **Documento II**. Secretariado para a promoção da unidade cristã da Igreja Católica Romana e dos líderes de algumas Igrejas Pentecostais. ROMA. 1977-1982.
- INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE [ICCPD]. **Documento III**. Secretariado para a promoção da unidade cristã da Igreja Católica Romana e dos líderes de algumas Igrejas Pentecostais. ROMA. 1985-1989.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. **Diálogo e anúncio**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

COMISSÃO LUTERANA-CATÓLICO-ROMANA PARA A UNIDADE. **Do conflito a comunhão**. São Paulo: Sinodal; CNBB, 2017.

CNBB. **Tornar-se cristão Inspirações da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

ABUMANSUR, E. S.; BARBOSA, C. A.; VALÉRIO, S. P. (ORGS.) **Pentecostalismos no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Reflexão, 2016.

ALDUNATE, C. et al. **A experiência de Pentecostes – A Renovação Carismática na Igreja católica**. São Paulo: Loyola, 1992.

ANDERSON, A. H. **Uma introdução ao Pentecostalismo - Cristianismo carismático mundial**. São Paulo: Loyola, 2019.

ALBERIGO, G. **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

ALDAY, S. C. **A Renovação no Espírito**. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1986.

ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. **As janelas do Vaticano II A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida: Santuário, 2013.

ARAUJO, I. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

AURÉLIO, P. M. **A Igreja do Papa Francisco a luz do Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2016.

BARTLEMAN, F. **A história do avivamento Azusa**. Americana: Impacto, 2016.

BERGOGLIO, J.; SKORKA. **Sobre el Cielo y la Tierra**. Buenos Aires: Sundamerica, 2013.

BRAGA, E. **Escritos de fogo**. RCC Brasil: Porto Alegre, 2009.

BRUNOT, A. **Mariam a carismática**. São Paulo: Loyola, 1993.

BOFF, L. **A santíssima Trindade é a melhor comunidade**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1989.

BRIGHENTI, A. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016.

CAMPOS, B. **O princípio da Pentecostalidade Hermenêutica, história e Teologia**. São Paulo : Recriar, 2018.

CAMPOS, B. **Hermenêutica do Espírito - Uma proposta para hermenêutica pentecostal**. São Paulo: Recriar, 2018.

CANTALAMESSA, R. **A sóbria embriaguez do Espírito**. São José dos Campos: ComDeus, 2019.

- CATÃO, F. **CRER NO ESPÍRITO SANTO**. São Paulo: Salesiana, 2011.
- CLARK, R.; HEALY, M. **Manual de dons espirituais**. São José dos Campos: ComDeus, 2020.
- CONGAR, Y. **Revelação e experiência do Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- CONGAR, Y. **Ele é o Senhor da vida**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- DEMOSS, N.; SMITH, M. **O avivamento do país de Gales**. Americana: Impacto, 2016.
- FRANGIOTTI, R. **História das Heresias (Séc. I a VII)**. São Paulo: Paulus, 1995.
- FORTE, B. **Para onde vai o cristianismo?** São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **A Igreja ícone da Trindade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- FROSINI, G. **A teologia hoje**. Vila Nova de Gaia: Perpétuo Socorro, 2001.
- GALLAGHER, P. M. **Como em um Novo Pentecostes - o surpreendente início da Renovação Carismática Católica**. Canas: RCC Brasil, 2016.
- KASPER, W. **Que todas sejam uma O chamado à unidade hoje**. São Paulo: Loyola, 2008.
- KAUFMANN, T. et al. **História ecumênica da Igreja**. São Paulo: Paulus; Loyola; Sinodal, 2017.
- LACOSTE, J. Y. **Dicionário crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014.
- LAKELAND, P. **Igreja Comunhão viva**. São Paulo: Loyola, 2013.
- LENZENWEGER, J. et al. **História da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2006.
- LIBÂNIO, J. B. **Concílio Vaticano II Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005.
- LIBANIO, J. B. **Os carismas na Igreja do terceiro milênio**. São Paulo: Loyola, 2007.
- LIMA, A.; COSTA, M.; GANDRA, V.(ORG) **O Espírito e as Igrejas**. São Paulo: Recriar, 2018.
- MAÇANEIRO, M. **Teologia em questões**. Aparecida: Santuário, 2014.
- MARIANO, R. **NeoPentecostais Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARINS, J. **Fomos a um concílio - A surpresa do Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

- MARION, J. C. **Um só corpo Um só Espírito Um só Senhor**. Impacto: Americana, 2016.
- MARION, J. C.; ALEIXO, I. N. (ORGS) **Dá-me um pouco da tua água**. Americana: Impacto, 2017
- MATTEI, R. D. **O Concílio Vaticano II Uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes&Costumes, 2013.
- MIRANDA, M. D. F. **A Igreja em transformação Razões atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- MOLTMANN, J. **A fonte da vida - O Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MONDONI, D. **História da Igreja na antiguidade**. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. **E os cristãos se dividiram - Das reformas ao Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2015.
- MOULINET, D. **O Vaticano II contado aos que não o vivenciaram**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2012.
- O'MALLEY, J. W. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014.
- OLIVEIRA, D. M. D. **Pentecostalismos em diálogo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- PASSOS, J. D. **Pentecostais origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PASSOS, J. D. **Concílio Vaticano II Reflexões sobre um carisma em curso**. São Paulo: Paulus, 2014.
- PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus Paulinas, 2015.
- RAHM, H. J.; LAMEGO, M. J. R. **Sereis batizados no Espírito**. São Paulo: Loyola, 1991.
- RAHNER, K. **Não extingais o Espírito**. São Paulo: Loyola, 2018.
- REIS, R. B. **Escutai o Espírito Santo**. Porto Alegre: RCC Brasil, 2009.
- RIBEIRO, C.; CUNHA, M. **O rosto ecumênico de Deus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- ROLIM, F. C. **Pentecostalismo Brasil e América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1995. P. 22.
- ROXO, R. M. **Teologia e renovação**. Petrópolis: Vozes, 1967.
- SANTANA, L. F. R. **Batizados no espírito A experiência do Espírito Santo nos padres da Igreja**. São José dos Campos : ComDeus, 2000.
- SANTANA, L. F. R. **Recebereis a força do Espírito Santo - Traços de uma pneumatologia bíblica**. São José dos Campos: ComDeus, 2000.

- SOUSA, R. M. G. **A Igreja é corpo de Cristo**. São Paulo: Paulus, 2014.
- SOUZA, N. D. **Vaticano II história, teologia e desafios**. Curitiba: CRV, 2019.
- SUENENS, L. J. **Espírito Santo nossa esperança**. São Paulo: Loyola, 1975.
- SUENENS, L. J. **El Espiritu Santo aliento vital de la Iglesia**. Valencia: EDICEP, 2011.
- SYNAN, V. **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009.
- VALENTINI, D. D. **Revisitar o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- WOLFF, E. **Unitatis Redintegratio Dignitatis Humanae Nostra Aetate Textos e comentários**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. **Vaticano II 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014.
- _____. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- ZANON, D. **Para ler o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012.

Sites

- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. CARTA AOS BISPOS DA IGREJA CATOLICA SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA IGREJA ENTENDIDA COM COMUNHÃO**. Vatican.va, 1992. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cf_aith_doc_28051992_communionis-notio_po.html>. Acesso em: 26 março 2020.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. Diretório de aplicação dos princípios e regras do ecumenismo**. Vatica.va, 1993. Disponível em: <<http://www.christianunity.va/content/unitacristiani/it/documenti/direttorio-per-lapplicazione-dei-principi-e-delle-norme-sullecum.html>>. Acesso em: 15 Dezembro 2020.
- LEÃO XIII. Provida Matris Caritate**. Vatican.va, 1897. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/briefs/documents/hf_l-xiii_brief_18950505_provida-matris.html>. Acesso em: 14 Agosto 2020.
- LEÃO XIII. Divinum Illud Munus**. vatican.va, 1897. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_09051897_divinum-illud-munus.html>. Acesso em: 19 agosto 2020.
- PIO XI. Mortalium animus**. Vaticano.va, 06 janeiro 1928. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280106_mortalium-animos.html>. Acesso em: 20 fevereiro 2020.

_____. **Mystici corporis.** Vatican.va, 29 junho 1943. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html>. Acesso em: 20 fevereiro 2020.

JOÃO XXIII. **Ad Petri Cathedram.** Vatican.va, 29 Janeiro 1959. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html>. Acesso em: 19 fevereiro 2020.

_____. **Constituição apostólica Humanae Salutis.**Vatican.va, 1961. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html>. Acesso em: 15 Junho 2020.

_____. **Vaticano II - Cerimônia de iniciação.**Vatican.va, 1962. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/la/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html>. Acesso em: 06 Abril 2020.

PAULO VI. **Discurso de Paulo VI na continuação do Concílio Vaticano II.** Vatican.va, 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html>. Acesso em: 06 Abril 2020.

_____. **Ecclesiam suam.**Vaticano, 06 Agosto 1964. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html>. Acesso em: 19 fevereiro 2020.

_____. **Evangelii Nuntiandi.**Vatican.va, 08 dezembro 1975. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 02 Março 2020.

JOÃO PAULO II. **Declaração conjunta de João Paulo II e do Arcebispo de Canterbury.**Vatican.va, 1982. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820529_dichiarazione-comune.html>. Acesso em: 18 Junho 2020.

_____. **Discurso do Papa João Paulo II no encerramento do congresso teológico internacional de Pneumatologia.** Vatican.va, 1982. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf_jp-ii_spe_19820326_congresso-pneumatologia.html>. Acesso em: 26 Outubro 2020.

_____. **Peregrinação apostólica a Noruega, Islândia, Finlândia, Dinamarca e Suécia - Cerimônia de boas vindas.**Vatican.va, 1989. Disponível em: <http://m2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1989/june/documents/hf_jp-ii_spe_19890601_arrivo-norvegia.html>. Acesso em: 18 Junho 2020.

_____. **Carta encíclica Veritatis Splendor**. Vatican.va, 1993. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html>. Acesso em: 08 Setembro 2020.

_____. **Ut Unum Sint**.Vatica.va, 25 Maio 1995. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html>. Acesso em: 02 Março 2020.

_____. **Vigília de oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o encontro dos movimentos eclesiais e das novas comunidades**. Vatican.va, 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni.html>. Acesso em: 26 Outubro 2020.

_____. **MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO MUNDIAL DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA**. Vatican.va, 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/apr-jun/documents/hf_jp-ii_spe_20000424_catholic-charismatic-renewal.html>. Acesso em: 22 Novembro 2020.

_____. **Celebração da Palavra para a entrega do ícone da Mãe de Deus de Kazan à Igreja ortodoxa russa**. Vatican.va, 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf_jp-ii_aud_20040825.html>. Acesso em: 14 Junho 2020.

BENTO XVI. Primeira mensagem de sua santidade Bento XVI no final da concelebração eucarística com os cardeais eleitores na Capela Sistina.Vatican.va, 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/urbi/documents/hf_ben-xvi_mes_20050420_missa-pro-ecclesia.html>. Acesso em: 09 Abril 2020.

FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos participantes da Assembleia Plenária da Congregação para a doutrina da fé. Vatican.va, 26 Janeiro 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180126_plenaria-cfaith.html>. Acesso em: 12 Março 2020.

_____. **Encontro com líderes religiosos de outras religiões ou denominações cristãs**.Vatican.va, 21 Setembro 2014. Disponível em: <http://c.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140921_albania-leaders-altre-religioni.html>. Acesso em: 13 Março 2020.

_____. **Encontro com os líderes religiosos de Myanmar**.Vatican.va, 28 novembro 2017. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/november/documents/papa-francesco_20171128_viaggioapostolico-myanmar-leaderreligiosi.html>. Acesso em: 12 Março 2020.

_____. **Discurso do Papa Francisco aos participantes do 37o encontro nacional da Renovação Carismática Católica.** Vatican.va, 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140601_rinnovamento-spirito-santo.html>. Acesso em: 25 março 2020.

_____. **Viagem apostólica de sua santidade a Tirana (Albânia) Encontro com os líderes de outras religiões e outras denominações cristãs.** Vatican.va, 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140921_albania-leaders-altre-religioni.html>. Acesso em: 26 Março 2020.

_____. **Visita privada do Santo Padre a Caserta para o encontro com o Pastor Evangélico Giovanni Traettino.** Vatican.va, 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140728_caserta-pastore-traettino.html>. Acesso em: 25 Março 2020.

_____. **ENCONTRO COM OS REPRESENTANTES DAS IGREJAS, COMUNIDADES ECLESIAIS E DE OUTRAS RELIGIÕES.** vatican.va, 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni.html>. Acesso em: 14 junho 2020.

_____. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Quênia, Uganda e República Centro-Africana. Encontro com as comunidades evangélicas.** Vatican.va, 2015. Disponível em: <https://m.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151129_repubblica-centrafricana-comunita-evangeliche.html>. Acesso em: 25 Março 2020.

_____. **Saudação do Papa Francisco aos participantes na reunião entre o Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso e a comissão palestina para o diálogo inter-religioso.** Vatican.va, 2017. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171206_dialogo-interreligioso.html>. Acesso em: 25 Março 2020.

_____. **Vigília de Pentecostes por ocasião do jubileu de ouro da Renovação Carismática Católica.** Vatican.va, 2017. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/june/documents/papa-francesco_20170603_veglia-pentecoste.html>. Acesso em: 25 Março 2020.

_____. **Discurso do Papa Francisco aos participantes na conferência internacional dos líderes da Renovação Carismática Católica.** Vatican.va, 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190608_charis.pdf>. Acesso em: 22 Novembro 2020.

_____. **O Bispo e a unidade dos cristãos: Vademecum ecumênico.** <http://www.christianunity.va/>, 2020. Disponível em: <<http://www.christianunity.va/content/dam/unitacristiani/Documentazione%20generale/2020Vademecum/Vademecum-PO.pdf>>. Acesso em: 15 Dezembro 2020.

APOLOGISTAS católicas. **apologistascaticos.com.br**, 2017. Disponível em: <<https://www.apologistascaticos.com.br/index.php/vaticano-ii/ecumenismo/968-comentario-a-instrucao-do-santo-oficio-sobre-o-movimento-ecumenico-1949>>. Acesso em: 24 Abril 2020.

ENCRISTUS. Encontro de cristãos na busca de unidade e santidade. **ENCRISTUS.ORG**, 2020. Disponível em: <<https://www.encriustus.org/>>. Acesso em: 16 dezembro 2020.

BENTHO, E. Entre a razão e a emoção: a experiência pentecostal do Espírito. **CPAD News**, 2014. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/blog/esdrasbentho/cultura-crista/89/entre-a-razao-e-a-emocao:-a-experiencia-pentecostal-do-espirito.html>>. Acesso em: 04 Novembro 2020.

ENCRISTUS. Encontro de cristãos na busca de unidade e santidade. **ENCRISTUS.ORG**, 2020. Disponível em: <<https://www.encriustus.org/>>. Acesso em: 16 dezembro 2020.

SEPULVEDA, J. Intervenção de um pastor pentecostal perante a Conferência do episcopado latino-americano. **Zenit.org**, 2007. Disponível em: <<https://es.zenit.org/2007/05/29/intervencion-de-un-pastor-pentecostal-ante-la-conferencia-del-episcopado-latinoamericano/>>. Acesso em: 16 dezembro 2020.

Artigos de revista

ALBUQUERQUE, B. D. S. Que tem a ver Roma com Rua Azusa? Introdução teológica ao diálogo católico pentecostal. **Revista teológica Doxia**, Aracruz, v. 2, p. 76-85, Julho/Dezembro 2017.

ORO, A. P.; ALVES, D. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 122-144, 2013.

AMARAL, M. D. S. O Espírito Santo e a Igreja: Respostas de Congar e do Concílio Vaticano II a questão "carisma e instituição". **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, p. 200-220, Julho/Dezembro 2011.

BEAS, P. M. Diálogo Católico Pentecostal. Ejercicio de la fraternidad cristiana y credibilidad del Evangelio. **Medellin**, Bogotá, v. 38, n. 152, p. 577-594, Dezembro 2012.

BEAS, P. M. Contenidos teológicos para un diálogo católico-pentecostal. Hacia un testimonio común del Evangelio. **Theologia y Vida**, Santiago, v. 53, p. 575 a 602, Dezembro 2012.

BEAS, P. M. Diálogo ecumênico entre católicos y pentecostales. Discípulos constructores de una cultura del encuentro en una sociedad plural. **Cuestiones Teológicas**, Medellín, v. 45, n. 104, p. 299-322, Julho/Dezembro 2018.

CAMPOS, L. S. As origens norte-americanas do Pentecostalismo brasileiros: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, v. 67, p. 100-115, Setembro/Novembro 2005.

CODINA, V. O Vaticano II, um concílio em processo de recepção. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 37, p. 89-104, Maio/Agosto 2005.

CUNHA, M. N. **Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações**. Estudos de Religião, 24, 33-51, Janeiro/Junho 2011.

FREIRE, M. Uma eclesiologia de comunhão. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 19, p. 119-137, Out/Dez 2011.

HOHEMBERGER, G. A auto compreensão da Igreja como povo de Deus. **Theologia**, v. 3, p. 6, 2009.

LIMA, A.; CAMPOS, B. O conceito de pentecostalidade: uma contribuição pentecostal para a unidade da Igreja. **Pistis Praxis**, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 728-747, Setembro/Dezembro 2019.

MAÇANEIRO, M. Católicos e Pentecostais em diálogo: Um sinal dos tempos. **Veni Creator - Revista Teológica da Renovação Carismática Católica do Brasil**, Porto Alegre, v. 01, n. 02, Julho/Dezembro 2012.

MAÇANEIRO, M. Uma aproximação ao diálogo internacional católico pentecostal. **Revista de cultura teológica**, São Paulo, v. 82, p. 11-31, Julho/Dezembro 2013.

MARIZ, C.; MACHADO, M. D. D. Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, v. 45, p. 25-34, 1994.

OLIVEIRA, D. M. D. Pentecostalidade da missão latino-americana: Uma nova reforma na Igreja? **Reflexus - Revista Semestral de Teologia e ciências da Religião**, Vitória, v. 5, n. 6, p. 89-98, 2011.

PANAWIECKS, R. **A virada hermenêutica da teologia e o pluralismo religioso. Um estudo sobre a contribuição da Teologia Hermenêutica de Claude Geffré à Teologia das Religiões**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 207. 205.

POMMERENING, C. I. Pentecostalidade e Pentecostalismo: Fatores de crescimento associados a oralidade. **Azusa Revistas de estudos pentecostais**, Belém, v. 2, p. 1-32, Julho/Dezembro 2011.

ROSA, A. L. Ecumenismo espiritual: um encontro entre pentecostais e católicos carismáticos. **Caminhos de diálogo**, Curitiba, v. 6, p. 39-49, Jan/Dez 2016.

ROSA, A. L. Católicos e pentecostais: uma história de preconceitos. **REB**, Petrópolis, v. 77, n. 308, p. 924-942, Out/Dez 2017.

SANTOS, B. B. D. Pneumatologia e sua Influência na Teologia e na Vida da Igreja. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 13, p. 93-104, Out-Dez 1995. Acesso em: 18 junho 2020.

_____. O projeto eclesiológico do Vaticano II. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 12, p. 9-18, Julho/Setembro 2004.

SILVA, W. C. D. O vento sopra onde quer: pneumatologia e diversidade religiosa. **Opinião filosófica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 1-13, Dezembro 2019.

WOLFF, E. Editorial. **Caminhos de diálogo**, Brasília, v. 4, n. 3, p. 7-9, Jan/Julho 2015.

Trabalhos acadêmicos

LEE, P. D. **PNEUMATOLOGICAL ECCLESIOLOGY IN THE ROMAN CATHOLIC - PENTECOSTAL DIALOGUE A Catholic Reading of the Third Quinquennium (1985-1989)**. Dissertatio ad Doctoratum in Facultate S. Theologiae apud Pontificiam Universitatem S. Thomae in Urbe (Angelicum) Romae 1994